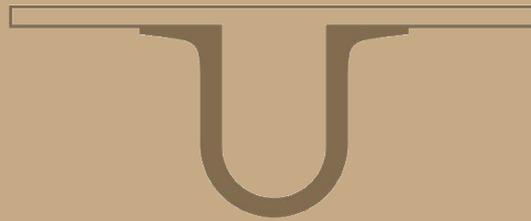




UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Ana Rita Martinho

A ESCRITA E A NARRAÇÃO:
APLICAÇÃO DIDÁTICA NO 7.º ANO

Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de Português no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientado pela Professora Doutora Anabela Fernandes, apresentado ao Conselho de Formação de Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Outubro de 2020

FACULDADE DE LETRAS

A ESCRITA E A NARRAÇÃO APLICAÇÃO DIDÁTICA NO 7.º ANO

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	A Escrita e a Narração
Subtítulo	Aplicação Didática no 7.º Ano
Autora	Ana Rita Jorge Martinho
Orientadora	Anabela dos Santos Fernandes
Júri	Presidente: Doutora Ana Maria Silva Machado Vogais: 1. Doutora Ana Paula Oliveira Loureiro 2. Doutora Anabela Santos Fernandes
Identificação do Curso	2º Ciclo em Ensino de Português
Área científica	Formação de Professores
Especialidade/Ramo	Ensino de Português no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
Data da defesa	3 de dezembro de 2020
Classificação do Relatório	12 valores
Classificação do Estágio e Relatório	13 valores



Agradecimentos

O percurso que tive que caminhar até agora não foi fácil. Contudo, tive a sorte e o privilégio de me encontrar com pessoas que me incentivaram e que me ajudaram a terminar este meu trajeto.

Deste modo, não poderia deixar de agradecer a algumas pessoas que foram essenciais durante o meu percurso na qualidade de professora estagiária.

Neste seguimento, quero demonstrar o meu agradecimento:

À Professora Anabela Fernandes, pelas suas orientações, pelos seus conselhos, pelas suas sugestões ao longo deste ano, ensinou-me a ser mais reflexiva e a melhorar o meu desempenho a nível profissional, e também pela sua preocupação e ajuda.

À professora Cristina Gonçalves, pelo que me ensinou durante o estágio no âmbito da Língua Portuguesa, pelo apoio, pela preocupação. Conforme o tempo foi seguindo, foi despontando uma enorme admiração pelas suas qualidades profissionais e pessoais.

Aos meus colegas de mestrado, principalmente à Ana, à Bárbara, à Beatriz e à Rita, foi com elas que partilhei as minhas angústias, os meus receios e as minhas experiências.

À Direção e aos professores da Escola Básica José Ferreira Pinto Basto, por me receberem muito bem, pelo apoio, pela simpatia e pela amizade.

A todos os alunos do 7º ano com quem trabalhei, pela vontade de aprenderem, pelo respeito, pela amizade, pela afeição e sobretudo pela ligação que tiveram ao longo deste ano.

À minha mãe, à minha avó e ao meu namorado, que me encorajaram na realização de mais uma etapa.

O meu muito obrigada a todas e a todos, porque sem vocês isto não era possível.

RESUMO

Este trabalho, desenvolvido no contexto do Mestrado em Ensino de Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tenciona descrever as atividades realizadas com duas turmas de 7º ano ao longo da prática pedagógica supervisionada, na Escola Básica José Ferreira Pinto Basto, distrito de Aveiro, em 2019/2020. Além disso, ainda é explorado o ensino explícito das fases de produção escrita e também dos conectores sob o ponto de vista científico-didático.

Após a descrição do contexto socioeducativo onde foi concretizado o estágio, é realizada uma explicação das atividades que foram desenvolvidas com os alunos das duas turmas, assim como, a análise e interpretação dos dados recolhidos, a partir da observação dos trabalhos dos alunos e da aplicação dos instrumentos de recolha de dados.

Na segunda parte do presente relatório é apresentada a análise e interpretação dos dados relativos às fases de produção escrita e ao uso dos conectores. Na verdade, as atividades executadas possibilitaram concluir que, no domínio da escrita, através das fases de produção escrita e com o uso dos conectores, os alunos conseguem desenvolver textos mais coesos e bem estruturados.

Palavras-chave: escrita, planificação, textualização, revisão, conectores.

ABSTRACT

This work was developed in the context of the Master in Portuguese Teaching in the 3rd Cycle of Basic Education and in Secondary Education, from the Faculty of Letters of the University of Coimbra. It intends to describe the activities carried out with two 7th grade classes throughout the supervised pedagogical practice, in the José Ferreira Pinto Basto Basic School, Aveiro district, in 2019/2020. In addition, the explicit teaching of the written production phases and of the connectors from the scientific-didactic point of view are also explored.

After the description of the socio-educational context where the internship took place, an explanation of the activities that were developed with the students of the two classes is carried out. Along with the mentioned explanation, it is presented an analysis and interpretation of the data collected from the observation of the students' work and the application of the data collection instruments.

The second part of this report presents the analysis and interpretation of data related to the phases of written production and the use of connectors. In fact, the activities carried out made it possible to conclude that, in the writing domain, through the stages of written production and with the use of connectors, students are able to develop more cohesive and well-structured texts.

Key-words: writing, planning, textualization, review, connectors.

ÍNDICE

Introdução	10
Parte I	11
Capítulo 1 Caracterização do contexto socioeducativo	11
1.1. Escola.....	11
1.1.1. Projeto educativo.....	13
1.2. Caracterização das turmas.....	15
1.3. Ensino não presencial.....	16
Capítulo 2 Descrição e reflexão crítica sobre o estágio pedagógico	19
2.1. Descrição do estágio pedagógico.....	19
2.2. Reflexão sobre o ensino e aprendizagem: presencial e não presencial.....	24
Parte II	27
Capítulo 3 A escrita e a narração	27
3.1. A escrita segundo as Aprendizagens Essenciais do 7º ano.....	27
3.2. Produção escrita de sequências narrativas.....	29
3.3. Ensino explícito da produção escrita: modelos didáticos.....	35
3.4. Componentes da produção textual: planificação, textualização e revisão.....	39
Capítulo 4 Procedimento metodológico didatização	47
4.1. Estudo de caso.....	47
4.1.1. Instrumentos de recolha de dados.....	50
4.1.2. Codificação de dados.....	51
4.2. Aplicações didáticas no 7.ºano.....	53
4.2.1. Turma 7.º Z.....	56
4.2.1.1. Aplicação didática 1 - Definição de avós.....	56
4.2.1.2. Aplicação didática 2 - Reinvenção do desenlace da obra <i>O Cavaleiro da Dinamarca</i> (<i>O Cavaleiro da Dinamarca</i> de Sophia de Mello Breyner Andresen)	57
4.2.1.3. Aplicação didática 3 - Reinvenção do episódio do sonho (<i>Leandro, Rei da Helíria</i> de Alice Vieira) – ensino não presencial	57
4.2.2. Turma 7.º X.....	58

4.2.2.1. Aplicação didática 1 - Definição de avós.....	58
4.2.2.2. Aplicação didática 2 - Reinvenção do final do episódio de Pêro Dias (<i>O Cavaleiro da Dinamarca</i> de Sophia de Mello Breyner Andresen)	59
4.2.2.3. Aplicação didática 3 - Reinvenção do episódio do Natal (<i>O Cavaleiro da Dinamarca</i> de Sophia de Mello Breyner Andresen)	61
4.2.2.4. Aplicação didática 4 - Reinvenção do episódio do sonho (<i>Leandro, Rei da Helíria</i> de Alice Vieira) – ensino não presencial.....	62
4.3. Procedimento de recolha de dados e respetiva análise.....	64
4.3.1. Antes da didatização (ensino explícito) em ambas as turmas.....	65
4.3.1.1. Turma Z.....	66
4.3.1.2. Turma X.....	67
4.3.2. Depois da didatização: o ensino explícito das fases da produção escrita.....	69
4.3.2.1. Turma Z.....	69
4.3.2.2. Turma X.....	73
4.4. Análise comparativa das duas turmas.....	80
4.5. Questionário: perceção dos alunos sobre a didatização.....	82
4.6. Considerações finais.....	87
Conclusão.....	89
Referências bibliográficas.....	91
Referências bibliográficas eletrónicas.....	93
Anexos	94
DECLARAÇÃO DE AUTORIA.....	271

Índice de anexos

Anexo 1 — Documento orientador sobre o ensino não presencial	95
Anexo 2 — Ficha de informativa de conectores	103
Anexo 3 — Folha de correção das produções textuais	104

Anexo 4 — Plano de aula 4	106
Anexo 5 — Plano de aula 6	109
Anexo 6 — Plano de aula 12	120
Anexo 7 — Plano de aula 2	126
Anexo 8 — Plano de aula 5	130
Anexo 9 — Plano de aula 8	138
Anexo 10 — Plano de aula 11	142
Anexo 11 — Textos redigidos pelos alunos	148
Anexo 12 — Tabelas dos dados das textualizações	242
Anexo 13 — Questionário	267
Anexo 14 — Respostas dos alunos ao questionário	269

Índice de Figuras

Figura 1 – Estratégias do ciclo de escrita: A Dimensão Textual, Ciclo da Escrita, p. 9	41
Figura 2 – O Ensino da Escrita: A Dimensão Textual, Ciclo da Escrita, p. 32	46
Figura 3 – Apresentação faz fases da produção escrita	60
Figura 4 – Plano de aula não presencial	64

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Importância do estudo das fases da escrita	84
Gráfico 2 – Importância da planificação	84
Gráfico 3 – Apreciação da produção final	85
Gráfico 4 – Importância da revisão	85
Gráfico 5 – continuidade da aplicação das fases da escrita	86

Índice de quadros

Quadro 1 – Prática letiva	20
Quadro 2 – Atividades em que se participou	22
Quadro 3 – Participação em sessões formativas	22
Quadro 4 – Instrumentos de recolha de dados	51
Quadro 5 – Códigos na turma Z	52
Quadro 6 – Códigos na turma X	53
Quadro 7 – Questionário: perceção dos alunos sobre as fases de produção escrita	83

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Dados de fase de planificação de escrita	69
Tabela 2 – Dados de fase de planificação de escrita	74

Introdução

O atual relatório insere-se no âmbito do Mestrado em Ensino de Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Neste relatório será descrito o trabalho executado durante a Prática Pedagógica Supervisionada, realizada na Escola Básica José Ferreira Pinto Basto, distrito de Aveiro, com duas turmas de 7º ano, no ano letivo 2019/2020. Lecionando a disciplina de Português e tendo em consideração os documentos reguladores, as *Aprendizagens Essenciais* e o *Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória*, a atenção foi centrada na escrita e a narração.

O trabalho está organizado em duas partes. Deste modo, na primeira, por um lado, assiste a caracterização do contexto socioeducativo em que foi feito o estágio, com uma caracterização sucinta das turmas que lecionei, e, por outro, a opinião relativamente ao ensino e aprendizagem em contexto presencial e não presencial.

Na segunda parte, na explicitação do tema – A escrita e a Narração: Aplicação Didática no 7º ano — são exploradas as referências bibliográficas acerca das componentes da produção textual, das características do texto narrativo, do modo como o tema da escrita aparece nas *Aprendizagens Essenciais do 7º ano* e, para finalizar, dos modelos didáticos.

O último capítulo centrado na didatização apresenta o procedimento metodológico que orientou o estudo desenvolvido, bem como, os instrumentos de recolha de dados, as aplicações didáticas do tema monográfico, seguindo-se a análise, interpretação dos resultados e as considerações finais alusivas ao trabalho realizado.

Parte I

A primeira parte do presente relatório é constituída por dois capítulos: no primeiro caracteriza-se o contexto socioeducativo do estágio pedagógico, expondo-se a escola (1.1.), o projeto educativo (1.1.1.), as turmas (1.2.) e o ensino não presencial (1.3.); no segundo, realiza-se a descrição do estágio pedagógico (2.1.) e a reflexão sobre o ensino e aprendizagem: presencial não presencial (2.2.).

Capítulo 1 | Contexto socioeducativo

1.1. Escola

O Estágio Pedagógico Supervisionado, no ano letivo 2019/2020, decorreu na Escola Básica José Ferreira Pinto Basto que pertence ao Agrupamento de Escolas de Ílhavo, situada em Ílhavo, no distrito de Aveiro.

Os limites geográficos da cidade de Ílhavo são: a Norte e a Este, o concelho de Aveiro, a Sul, o concelho de Vagos e, a Oeste, o Oceano Atlântico. Este território abrange uma área de 73,48 km², caracterizada por um espaço plano em que a altitude máxima é de 61m. O seu território é atravessado por dois braços da Ria de Aveiro: por um lado, o Canal de Mira e, por outro, o Canal de Ílhavo. De acordo com os resultados do

recenseamento populacional de Ílhavo em 2014, residem no município cerca de 38 273 habitantes.

Uma das dimensões económicas mais importantes em Ílhavo é a pesca do bacalhau, sendo possível verificar igualmente o predomínio da agricultura intensiva e ainda a Fábrica de Porcelana da Vista Alegre que foi um fator de desenvolvimento cultural do concelho.

A cidade de Ílhavo apresenta uma oferta cultural diversa, no que diz respeito, ao Museu Marítimo, o Museu da Vista Alegre, a Biblioteca Municipal e por fim, o Centro Cultural. Além disso, este município tem apresentado nos últimos anos uma dinamização de projetos comunitários e eventos que enaltecem a cultura e as tradições desta localidade. Algumas dessas festividades são os Festivais dos Bacalhaus, da Rádio Faneca e o Festival Náutico de Grandes Veleiros

O Agrupamento de Escolas de Ílhavo (doravante AGEI) foi formado em 2003 e agrega todos os níveis de ensino. Deste modo, é composto por 9 estabelecimentos de ensino, sendo que uma é escola é Secundária (3º CEB e Secundário) e as restantes Básica (2º e 3º CEB, Pré Escolar e 1º CEB). Além disso, é um Agrupamento de Escolas de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos e um Agrupamento de Referência no Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância. A partir de 2012, a Escola Secundária Dr. João Carlos Celestino Gomes assumiu o papel de escola-sede do Agrupamento.

A Escola Básica José Ferreira Pinto Basto deve o seu nome ao comerciante e fundador da Fábrica Vista Alegre, visto que esta escola se situa na Vista Alegre.

1.1.1. Projeto Educativo

O projeto educativo em vigor durante três anos letivos (2016 - 2019) permite identificar indicadores com vista a melhorar a oferta formativa:

o projeto educativo é o documento que consagra a orientação educativa do agrupamento de escolas ou da escola não agrupada, elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão para um horizonte de três anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais o agrupamento de escolas ou escola não agrupada se propõe cumprir a sua função educativa.

(Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas de Ílhavo 2016-2019, p. 2)

A avaliação faz-se em cada ano letivo, em conformidade com os relatórios de avaliação, abrangendo atividades e os resultados do agrupamento, sendo a sua avaliação final realizada pelo Conselho Geral. As avaliações parcelares anuais poderão levar a modificações e reformulações do Projeto.

O projeto educativo encontra-se disponível a toda a comunidade na página eletrónica do Agrupamento, para além de ser enviado por correio eletrónico e de haver um exemplar impresso para consulta nos diferentes estabelecimentos de ensino que constituem o agrupamento de escolas, na Associação de Estudantes, nas Bibliotecas Escolares e nos Serviços de Administração Escolar (SAE).

A oferta educativa da Escola Básica José Ferreira Pinto Basto (doravante, EB José Ferreira Pinto Basto) leciona o 2º e 3º ciclos na modalidade de ensino regular. Para os

alunos que possuem um currículo específico individual no 3º ciclo, encontra-se um leque bastante diversificado de áreas curriculares.

Esta instituição é um espaço de referência de Educação Bilingue para alunos surdos, devido ao facto de possibilitar uma resposta educativa mais especializada e desenvolvida em grupos ou turmas de alunos surdos, aplicando-se metodologias e estratégias de intervenção interdisciplinares adequadas e em continuidade pedagógica, havendo, para isso, a intervenção/participação de docentes e técnicos especializados, como, por exemplo, terapeutas da fala, intérpretes de Língua Gestual Portuguesa e formadores de Língua Gestual Portuguesa.

A EB José Ferreira Pinto Basto presa valores no exercício educativo: o trabalho e sua dignificação, a justiça e a tolerância, a solidariedade e a cooperação, a responsabilidade e compromisso com o património humano, ambiental e edificado, a saúde e bem-estar e a liberdade e espírito crítico (Projeto Educativo, 2016: 3).

Nesta instituição, os alunos podem usufruir de inúmeras atividades de enriquecimento e de complemento curricular, estruturadas sobre a forma de clubes ou de projetos, desenvolvidos/coordenados por professores. Mediante essas atividades é potenciado o desenvolvimento sócioafetivo dos alunos, de forma a complementar a sua vida artística, pessoal, social e ajudar os alunos na integração da escola, diminuindo o abandono escolar, o absentismo e o insucesso. Esta escola apresenta um conjunto de projetos pluridisciplinares, a saber: o Desporto escolar, o Projeto Eco Escolas, o Projeto de Educação para a Saúde, o Clube de Teatro MarAlegre, o Parlamento de Jovens, a Escolíadas, os Clubes de Língua Gestual Portuguesa, o Clube de Rádio, o Clube de Arte & Ciência e o Clube de Robótica.

A EB José Ferreira Pinto Basto ainda dispõe de Serviços de Psicologia e Orientação, Bibliotecas Escolares/Centros de Recursos Educativos, gabinetes dos alunos e de uma horta biológica. No âmbito do apoio educativo, são promovidas aulas de apoio pedagógico acrescido, aulas de apoio individualizado, tutorias, complemento de competências curriculares, coadjuvância e assessorias pedagógicas, a educação especial, para alunos com limitações significativas ao nível da atividade e da participação num ou vários domínios de vida, decorrentes de alterações funcionais e estruturais, de carácter permanente.

1.2. Caracterização das turmas

A prática pedagógica supervisionada desenvolvida no ensino do Português, decorreu em duas turmas do 7º ano de escolaridade. De modo a manter o anonimato dos alunos, as duas turmas serão designadas por duas letras do alfabeto que não correspondem à sua identidade oficial, assim, serão caracterizadas como a turma X e a turma Z.

Relativamente à turma X, é constituída por 19 alunos (7 raparigas e 12 rapazes), tendo alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) e de outras nacionalidades, sendo que a maioria dos alunos é de nacionalidade portuguesa. A turma é pontual e manteve uma relação cordial e amistosa ao longo a prática letiva. Em termos gerais, trata-se de uma turma interessada e com empenho nas atividades da disciplina. Neste sentido, os alunos procuraram esclarecer as suas dúvidas e revelaram curiosidade sobre determinados aspetos que foram abordados nas aulas.

A turma Z é constituída por 20 alunos (12 raparigas e 8 rapazes). Também nesta turma há alunos com NEE e de outras nacionalidades, sendo a sua maioria de nacionalidade portuguesa. A turma era um grupo coeso, interessado e participativo nas atividades da aula; bastantes curiosos em certos conteúdos; estes alunos desenvolveram uma boa relação comigo.

1.3. Ensino não presencial

No dia 13 de março de 2020, devido à pandemia de Covid-19, declarada pela OMS, que conduziu ao cancelamento de todas as atividades letivas presenciais e à declaração do estado de emergência em Portugal, o Ministério da Educação estabeleceu que as aulas continuassem em regime não presencial. Neste seguimento, a EB José Ferreira Pinto Basto recebeu um roteiro que apresentava 8 Princípios Orientadores para Implementação do Ensino a Distância (E@D) nas Escolas¹.

Para que a prática letiva pudesse prosseguir, as aulas, sob a coordenação do/a diretor/a de turma, decorreram em sessões síncronas, mediante um horário fixo semanal de 30 minutos, de modo a que não ultrapassasse a carga horária prevista, tendo em vista as restantes disciplinas frequentadas pelos discentes. No formato assíncrono, os alunos desenvolviam atividades e tarefas pedidas pela professora, realizando normalmente no máximo 3 trabalhos em modo assíncrono.

Em relação à plataforma proposta utilizada pelo AGEI, foi definida a plataforma *Google meet*, de modo a que o ensino não presencial funcionasse para todos os alunos

¹ Ver anexo 1.

pela mesma via. Porém, esta não era a única plataforma que os alunos utilizavam para as atividades letivas: por um lado, tinham o *Google meet* para as sessões síncronas e para o trabalho assíncrono e, de modo apenas assíncrono, utilizavam a plataforma *Moodle*. Nesta plataforma, eram dadas todas as indicações para as sessões síncronas, as tarefas e atividades realizadas em modo assíncrono; aqui, os alunos colocaram os trabalhos realizados e a professora facultava a correção dos trabalhos dos discentes. Os trabalhos pedidos pela professora de modo assíncrono apresentavam algumas indicações relativamente ao prazo de submissão e também informações no que diz respeito à realização das tarefas. Todas as atividades propostas pela professora apresentavam sempre o número da tarefa com a finalidade de ajudar os alunos a organizarem-se na execução das mesmas.

Nas sessões síncronas, muitos dos alunos utilizavam o telemóvel para assistir às aulas, visto que não tinham computador. A maioria dos alunos, durante a sessão, tinha a câmara desligada, alguns apresentavam falhas de ligação à internet, em algumas situações os alunos não conseguiam ouvir as perguntas colocadas pela professora e, noutros casos, os alunos estavam sempre a entrar e a sair da sala de aula virtual, o que quebrava a dinâmica da interação da aula. Ainda assim, todos os alunos participavam com regularidade nas sessões, tendo sido reconhecido o empenho e a organização de todas as tarefas da disciplina de Português.

Relativamente à avaliação, considerou-se que o método seria o de avaliação formativa e, desta forma, todas as atividades propostas pela professora contribuíam para este tipo de avaliação.

Em suma, o contexto não presencial foi um processo de adaptação contínua tanto da parte das professoras orientadora e estagiária como dos alunos.

Finaliza-se o presente capítulo acerca da caracterização quer do contexto socioeducativo em que foi realizado o estágio pedagógico quer das tuas turmas em que ocorreu a prática letiva. No seguinte capítulo, descreve-se a motivação e expectativa relativa à experiência de ensino e reflete-se, criticamente, sobre o estágio pedagógico.

Capítulo 2 | Descrição e reflexão crítica sobre o estágio pedagógico

Neste capítulo, procede-se à realização da descrição do estágio pedagógico supervisionado, tendo em consideração os dois modelos de ensino experienciados: ensino presencial (de 1 de outubro até 12 de março) e ensino não presencial (de 28 de abril até 26 de junho), por efeito da pandemia provocada pelo Covid-19.

2.1. Descrição do estágio pedagógico

Ao longo do ano de estágio pedagógico supervisionado, trabalhei para executar os objetivos estipulados pelas professoras orientadoras, assim como por mim.

Em relação à observação de aulas, assisti a todas as aulas lecionadas pela orientadora da escola nas duas turmas.

Durante o estágio, participei em todos os seminários dinamizados pela professora-orientadora da escola, uma vez por semana com a duração de uma hora. No final do segundo e do terceiro períodos, tive a oportunidade de avaliar os discentes em relação às suas capacidades e comportamento em ambas as turmas.

Em relação às aulas lecionadas, apresento no Quadro 1, as lecionadas em ensino presencial – 9 aulas de 90 minutos (45+45) e uma de 45 minutos –, e em ensino não presencial – 4 aulas de 30 minutos, por videoconferência, através de *Google meet* – num total de 14 aulas lecionadas. Nas duas formas de ensino, houve aulas assistidas com a

presença da orientadora da FLUC (aulas 5 e 14). É de mencionar que nas aulas 2, 4, 5, 7 e 8 foi aplicado o tema monográfico e ainda e, em modo assíncrono, foi pedida uma produção escrita nas duas turmas.

Quadro 1: Prática letiva

Nº de aulas	Data	Turma	Atividade
1 (45+45)	7/11/2019	Z	O que é o mito? Leitura e análise do texto "O Mito de Aracne". Escrita de uma fábula.
2 (45+45)	20/11/2019	X	Leitura e análise do texto "Avó e neto contra vento e areia" de Teolinda Gersão. A interjeição. Produção escrita.
3 (45)	20/11/2019	Z	Produção escrita de uma fábula.
4 (45+45)	21/11/2019	Z	Leitura e análise do texto "Avó e neto contra vento e areia" de Teolinda Gersão. A interjeição. Produção escrita.
5 (45+45)	21/1/2020	X	Reconto da narrativa de Pêro Dias. As fases da escrita: planificação, revisão.
6 (45+45)	22/1/2020	X	Leitura e análise do desenlace da obra <i>O Cavaleiro da Dinamarca</i> . Ficha de trabalho.
7 (45+45)	22/1/2020	Z	Reconto do desenlace da obra <i>O Cavaleiro do Dinamarca</i> . As fases da escrita: planificação, textualização e revisão.

8 (45+45)	29/1/2020	X	Exploração do Natal do Cavaleiro e dos países por onde ele passou. Produção escrita.
9 (45+45)	18/2/2020	Z	Leitura e análise do poema "Ser Poeta" de Florbela Espanca. Produção escrita criativa.
10 (45+45)	20/2/2020	X	Leitura e análise do poema "Ser Poeta" de Florbela Espanca. Produção escrita criativa.
11 (30)	5/5/2020 (ensino não presencial)	X	Introdução à obra <i>Leandro, Rei de Helíria</i> de Alice Vieira. Correção do trabalho de casa. Atividade de produção escrita.
12 (30)	6/5/2020 (ensino não presencial)	Z	Introdução à obra <i>Leandro, Rei de Helíria</i> de Alice Vieira. Correção do trabalho de casa. Atividade de produção escrita.
13 (30)	12/5/2020 (ensino não presencial)	X	Estudo das cenas V, VI, VII, VIII, IX e X do <i>Leandro, Rei da Helíria</i> de Alice Vieira. Realização de atividades.
14 (30)	13/5/2020 (ensino não presencial)	Z	Estudo das cenas V, VI, VII, VIII, IX e X do <i>Leandro, Rei da Helíria</i> de Alice Vieira. Realização de atividades.

No que respeita às atividades nas quais o núcleo de estágio de Português esteve envolvido ao longo do ensino presencial, é feita uma breve descrição no quadro seguinte:

Quadro 2: Atividades em que se participou nas turmas

Atividades	Descrição	Mês
Acompanhamento de Literacia 3 Di	Acompanhamento de ambas as turmas (Z e X) à biblioteca e a sala de informática para responderem ao Campeonato Nacional de ao Literacia 3 Di.	novembro dezembro
Sessão de autor com Sofia Silva	Acompanhamento da turma X à biblioteca para a sessão de autor com a escritora Sofia Silva. O tema da sessão consistiu na apresentação da autora, falou na sua carreira, nos seus livros e nos próximos projetos como escritora.	janeiro
Acompanhamento dos alunos no simulacro de incêndio	Acompanhamento da turma X para o exterior do pavilhão conduzindo os discentes para o local estipulado (campo de futebol), em caso de incêndio.	fevereiro
Projeto paisagens linguísticas	Participação com a turma Z no projeto paisagens Linguísticas. Este projeto possibilitou os alunos conhecerem quais são as línguas que se falam em Portugal, quais são os países onde se fala a língua portuguesa. Esta atividade decorreu em sala de aula.	março

É de referir, também, que ao longo do estágio, participei em sessões formativas alusivas a “Práticas criativas e inovadoras no ensino da literatura” (Quadro 3):

Quadro 3: Participação em sessões formativas

Sessões formativas	Orientador(es)	Local
“Práticas criativas no Arquivo do Livro do Desassossego”	M.ª Cecília Magalhães (Coord. Ana Maria Machado)	FLUC

"Poesi@s, ou da poesia digital em Rui Torres"	Ana Sofia Aguiar (Coord. Ana Maria Machado)	FLUC
"Literatura eletrónica em contexto educativo"	Ana Maria Machado	FLUC

Seguidamente, refiro alguns aspetos experienciados ao longo da minha prática letiva.

O estágio supervisionado em ensino presencial foi muito desafiante em relação à execução dos planos de aula, a relação com os alunos e também na comunicação com os discentes em sala de aula.

Durante a realização dos planos de aula, percebi como este trabalho requer conhecimento dos documentos educativos reguladores e dos objetivos de aprendizagem para 7º ano, bem como o estudo antecipado das áreas científicas relativas ao conteúdo a lecionar, fazendo uso de um leque vasto de estratégias. Na realidade, elaborar um plano de aula obriga a uma grande preparação destes aspetos mencionados anteriormente.

No decorrer do estágio senti dificuldades, porém com a ajuda das orientadoras consegui superá-las ao longo das aulas. As aulas que lecionei em ambas as turmas contribuíram para o meu crescimento e desenvolvimento enquanto futura professora, visto que consegui aperfeiçoar alguns aspetos que precisavam de ser mais trabalhados.

Em relação ao ensino não presencial foram lecionadas menos aulas. A forma de realizar os planos de aulas alterou-se, assim como o modo de comunicar na aula e na interação com os alunos, visto que através da videoconferência não foi possível ver todos os alunos devido à câmara estar desligada. No início do ensino não presencial, os discentes começaram por realizar tarefas solicitadas pela professora que eram colocadas no *Moodle*

e só no início do terceiro período é que começaram as aulas por videoconferência; porém, só comecei a assistir mais tarde para que a professora pudesse analisar o modo como os alunos lidavam com a aula. Apesar de não ter assistido às aulas, a orientadora informava-me sobre as tarefas que tinham sido pedidas aos alunos.

Para as sessões síncronas foi necessário fazer uma adaptação dos planos de aula, visto que as aulas tinham a duração de trinta minutos e foi necessário manter os discentes motivados e interessados nas sessões síncronas. Para isso, foi essencial encontrar estratégias através dos recursos digitais e da Escola Virtual, com o objetivo de manter os alunos atentos, interessados e de tirarem as suas dúvidas para que conseguissem realizar as atividades posteriores, em modo assíncrono.

Finalmente, era preciso pensar na preparação da sessão síncrona e em seguida, refletir sobre o que se podia fazer na atividade seguinte em modo assíncrono com o intuito de estabelecer uma ligação entre a sessão síncrona e essa atividade.

2.2. Reflexão sobre o ensino e aprendizagem: presencial e não presencial

No primeiro ano do mestrado, tive oportunidade de assistir a uma aula de Português do ensino básico (9.º ano) numa escola de Coimbra. Esta experiência foi muito enriquecedora, porque me permitiu observar o ambiente real da escola, mais especificamente a interação no contexto formal de ensino e aprendizagem, o tempo para realizar cada tarefa e também a relação entre docente e alunos e vice-versa.

No início do estágio curricular, houve algumas inseguranças e receios com a lecionação, porém ao longo da prática foram diminuindo. Estes medos ocorreram antes de

leccionar a primeira aula, visto que nunca tinha estado à frente de nenhum aluno, e receava as dúvidas que os alunos pudessem colocar e a dificuldade em respeitar o tempo definida para cada momento da aula.

Depois de leccionar a primeira aula, verifiquei que, por vezes, a planificação era muito extensa para o tempo de aula e que podia haver imprevistos que nos impediam de realizar a planificação na sua totalidade.

Ao longo das aulas, a relação com os alunos foi muito boa desde o primeiro dia; talvez este aspeto tenha sido uma vantagem no que diz respeito à empatia. Os alunos colaboraram sempre em todas as atividades e contribuíram para a minha evolução no estágio. Na realidade, tentei adaptar-me às características de cada turma e integrar-me de forma a facilitar a comunicação. É necessária uma adaptação à turma e também a alguns métodos que a professora orientadora utilizava, visto que os alunos já estavam habituados e havia resultados muito positivos na aprendizagem.

A minha experiência no ensino não presencial, mais especificamente nas aulas síncronas por videoconferência, decorreu no final de abril e nas duas primeiras semanas de maio. Esta experiência foi enriquecedora pelas tarefas específicas que tive de elaborar:

- planos de aula que incluíam tarefas a realizar (i) antes da aula por videoconferência, (ii) durante a sessão síncrona de trinta minutos e (iii) depois da sessão, com prazo de entrega dos trabalhos dos alunos;
- atividades com recurso a aplicações digitais.

Porém, não foi um trabalho fácil pelo simples facto de, por um lado, estas sessões síncronas por videoconferência terem trinta minutos e, por outro, os problemas de ligação à internet serem frequentes; na verdade, nem eu nem alguns alunos tínhamos um acesso estável à internet. A organização das turmas na plataforma *Moodle*, definida no

agrupamento, criou um conselho de turma. Por esta razão, a minha partilha de materiais e de tarefas era sempre mediada pela professora orientadora.

Nas aulas virtuais, tinha de ter cuidado e criar um tempo de espera de alguns segundos para que os alunos ouvissem as minhas perguntas, pois havia alguns atrasos entre o tempo de fala real e a receção. De um modo geral, a experiência foi positiva porque tive que me adaptar a esta realidade e serviu para pensar e elaborar novos planos de aula e ser mais criativa nas atividades. No entanto, prefiro o ensino presencial, dado que permitia aproximar-me muito mais dos alunos.

Para concluir, a relação com a comunidade escolar foi muito positiva, caracterizada por um ambiente familiar, tendo a receção dos colegas sido muito acolhedora.

Deste modo, finaliza-se a descrição e reflexão sobre a prática letiva durante o estágio supervisionado, e prossegue-se para a parte monográfica do relatório.

Parte II

Capítulo 3 | A escrita e a narração

Neste capítulo, é apresentada a investigação sobre a escrita e a narração em quatro pontos: a escrita segundo as *Aprendizagens Essenciais do 7º ano* (3.1.), a produção escrita de sequências narrativas (3.2.), o ensino explícito da produção escrita: modelos didáticos (3.3.) e as componentes da produção textual: planificação, textualização e revisão (3.4.).

3.1. A Escrita segundo as Aprendizagens Essenciais do 7.º Ano

De acordo com as *Aprendizagens Essenciais do 7º ano* (2018), em articulação com o documento oficial *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (2017) na disciplina de Português, no âmbito da competência da escrita, propõe-se, por um lado, a redação de resumos, sínteses e, por outro, textos para exposição de conhecimentos, ideias e opiniões. Sucintamente, também se alude à elaboração de narrativas, biografias, guiões de entrevista e comentários. Neste documento regulador, considera-se ainda que, no final do ano, os alunos devem ser capazes de:

“Elaborar textos que cumpram objetivos explícitos quanto ao destinatário e à finalidade (informativa ou argumentativa) no âmbito de géneros como: resumo, exposição, opinião, comentário, biografia e resposta a questões de leitura.

Planificar a escrita de textos com finalidades informativas, assegurando distribuição de informação por parágrafos.

Ordenar e hierarquizar a informação, tendo em vista a continuidade de sentido, a progressão temática e a coerência global do texto.

Redigir textos com processos lexicais e gramaticais de correferência e de conexão interfrásica mais complexos com adequada introdução de novas informações, evitando repetições e contradições.

Escrever com propriedade vocabular e com respeito pelas regras de ortografia e de pontuação.

Avaliar a correção do texto escrito individualmente e com discussão de diversos pontos de vista.

Respeitar os princípios do trabalho intelectual, quanto à identificação das fontes.”

(Aprendizagens Essenciais, 2018: 10)

No âmbito das estratégias de ensino, algumas propostas consideram partes constituintes da redação a “planificação, produção e divulgação de textos escritos pelos alunos”, bem como a “revisão para avaliar se o texto escrito cumpre os objetivos iniciais, para detetar fragilidades e para aperfeiçoar e concluir a versão inicial” (Aprendizagens Essenciais, 2018: 10).

3.2. Produção escrita de sequências narrativas

Sendo um texto uma unidade da língua escrita, segundo Borges (2011:18), um texto é considerado “um conjunto acabado de enunciados escritos ou frases que constituem um todo e se apresentam visualmente estruturados e impressos num suporte tipográfico”. De acordo com o mesmo autor, nas correntes mais modernas da linguística, a associação do texto à escrita deixou de ser imediata e natural, passando a designação ‘texto’ a referir-se a uma unidade de uso linguístico. Logo, um texto é tudo aquilo que é dito quando comunicamos, podendo ser escrito ou falado. Um texto pode ter mais de que um autor, ser de produção individual ou coletiva e, ainda, ser constituído por uma frase ou diversas frases, pois a extensão de um texto não é importante para a definição do que é um texto.

A escrita exige a capacidade de selecionar e combinar as expressões linguísticas, organizando-as numa unidade de nível superior para construir uma representação do conhecimento, correspondente aos conteúdos que se quer expressar (Barbeiro & Pereira 2007: 15). Assim, o ato de escrever, na perspetiva de Bakhtin (2003) e Geraldi (1993) (*apud* Colello, 2007: 25-26), é visto como um processo bastante complexo e que requer um método:

“A língua escrita é um objeto paradoxal porque comporta simultaneamente dois polos, um aberto e outro fechado. Como sistema fechado, a língua tem suas normas e regras que não podem ser alteradas (...). Não se pode inventar um “outro” jeito de escrever porque a escrita tem sua história, as palavras têm suas origens e as estruturas linguísticas carregam marcas milenares do percurso vivido pela humanidade. Apesar disso, é possível dizer que a língua é um sistema aberto porque permite tudo a dizer.”

(Bakhtin, 2003; Geraldi, 1993 *apud* Colello, 2007: 25-26)

O documento oficial da Direção-Geral do Ensino Superior (DGES) refere que a escrita é uma atividade lúdica expressiva, com diversos usos de técnicas e modelos, nos quais se referem às tipologias textuais:

“(…) experimentar percursos que proporcionem o prazer da escrita; praticar a escrita como meio de desenvolver a compreensão na leitura; promover a divulgação dos escritos como meio de os enriquecer e de encontrar sentidos para a sua produção; produzir textos com intenções comunicativas diversificadas (objectivo comum ao primeiro e ao segundo ciclo); tomar e desenvolver a consciência dos diferentes modelos de escrita (objectivo comum ao segundo e ao terceiro ciclo); aperfeiçoar a competência pela utilização de técnicas de auto e heterocorreção.”

(D.G.E.S., 1981: 109-110)

Para a formação de texto, é necessário ativar conteúdos e tomar decisões sobre a sua integração ou não, sendo necessário articulá-los com outros elementos do texto, bem como a utilização de pontuação, dando coesão e coerência ao texto. Segundo Macário & Carapinha (2013), qualquer texto resulta de uma intenção cognitivamente configurada e expressa por um locutor. Por esse motivo, o processo da escrita permite a quem escreve a escolha da forma como vai organizar e estruturar o texto.

Consoante Carvalho (2003), a escrita é um processo aberto em inúmeros níveis de decisão, desenvolvendo-se a partir da leitura. Ao nível da ortografia, um leitor assíduo pode memorizar a maneira como se escrevem determinadas palavras e, também ao nível da sintaxe, a adaptação dos próprios padrões de escrita requer um leque de mecanismos linguísticos que proporcionam a coesão do texto.

De acordo com Silva (2012), um texto é um objeto verbal escrito que apresenta uma extensão indefinida, mas normalmente é composto por mais que uma frase, ou seja, é considerado um texto todo um produto verbal escrito. O texto é o produto verbal cuja análise se pretende focalizar nas propriedades do âmbito da sua organização interna (a nível da coordenação das ideias e da configuração formal, entre outros aspetos relevantes), e não nas relações que ele mantém com a situação de enunciação em que emergiu ou os condicionalismos que essa situação necessariamente lhe impôs (Adam *apud* Silva, 2012: 16). Por outras palavras, a definição de texto prende-se com o objeto verbal em que é possível verificar-se a organização dos conteúdos através das unidades linguísticas utilizadas.

Os estudiosos Neves e Oliveira (*apud* Borges, 2011:18) começaram a estudar e a caracterizar os vários géneros discursivos, dando relevo às intenções comunicativas do autor, à organização do texto, às intenções comunicativas do autor e à organização do texto.

Em conformidade com Werlich (1976 *apud* Silva, 2012: 115), identificam-se cinco tipos de textos:

- descritivo, que tem mais a ver com o espaço;
- narrativo, mais ligado ao tempo, ocupando-se sobretudo dos relatos de acontecimentos que se desenvolvem no tempo;
- expositivo, que explicita uma ideia, um conceito;
- argumentativo, que apresenta uma tomada de posição e
- instrutivo, que dá instruções, é um texto dominado pelo uso imperativo.

Consoante Adam (1998 *apud* Borges, 2011), por sua vez, sugere uma classificação dos textos em estruturas sequenciais básicas que facilitam a identificação dos tipos discursivos, como por exemplo: argumentativo, explicativo, narrativo, descritivo e dialogal.

Desta forma, conseguimos perceber que os textos, exceccionalmente correspondem só tipo: "(...) raramente os textos são monotípicos, também raramente são sequenciais. Os textos poderão estruturar-se a partir de várias sequências, tipologicamente idênticas ou diferentes." (Neves e Oliveira, *apud* Borges, 2011: 19).

De acordo com Cassany (2000), como forma de saber escrever todos os géneros textuais em primeiro lugar é necessário aprender a escrever. Assim, este autor defende que, em vez de ensinar a escrever, os professores devem ensinar a escrever narrativas, descrições, entre outros textos. Aprender a escrever significa, por isso, aprender a dominar cada um dos géneros verbais para conseguir os objetivos desejados (Cassany, 2000 *apud* Carvalho 2003: 107).

O texto narrativo é considerado o mais universal em todas as culturas e um texto de ação que decorre de um desenvolvimento temporal e causal. Na perspetiva de Todorov (2001) uma narrativa é:

"(...) uma narrativa ideal começa por uma situação estável que uma força vem perturbar. Daqui resulta um estado de desequilíbrio; pela acção de uma força dirigida em sentido inverso, o equilíbrio; o segundo equilíbrio é semelhante ao primeiro, mas nunca são idênticos. Há, por conseguinte, dois tipos de episódios numa narrativa: os que descrevem um estado (equilíbrio ou desequilíbrio) e os que descrevem a passagem de um estado ao um outro estado."

(Todorov, 1971 *apud* Vieira, 2001: 603)

Segundo Borges (2011), o estudioso Propp realizou estudos metódicos relativamente à organização estrutural da narrativa. Este autor analisou inúmeros contos populares e verificou que todos eles estavam organizados conforme o mesmo esquema sequencial, composto por “um conjunto restrito de elementos invariantes: as funções” (Borges, 2011: 20). Logo, este autor afirma que todas as funções são importantes no desenrolar da história, podendo ser exercida por inúmeras personagens.

No género narrativo, como constituintes indispensáveis temos a localização no tempo e no espaço inicial, a introdução de personagens e a sequencialização lógica de eventos (Borges, 2011: 21):

“(…) referência temporal (“Era uma vez”, “Ontem”, “Há pouco, quando vinha para aqui”) e uma referência espacial (“Era uma vez, num reino muito longe daqui”, “Ontem, na escola”, “Há pouco, quando estava no autocarro”), ou vice-versa (“Na escola, ontem...”). Da mesma forma, espera-se a introdução de intervenientes na história, agentes das acções, enfim, personagens (“Era uma vez, num reino muito longe daqui, uma princesa”).”

(Mateus, Pereira e Fisher, 2008 *apud* Borges, 2011: 21)

Para uma narrativa é também necessário o fechamento da narrativa, sendo esta fase facultativa — “E viveram felizes para sempre”, “Moral da história: não comprei o carro”, “E tudo ficou bem” (Mateus, Pereira e Fisher, 2008 *apud* Borges, 2011: 22).

Segundo Silva (2012), os textos narrativos estão relacionados a processos cognitivos de concessão de acontecimentos no tempo, abrangendo seis características (idem:131), a saber:

- unidade temática,
- sucessão cronológica das eventualidades representadas,

- relações de causalidade entre as eventualidades representadas,
- transformação de eventualidades representadas,
- transformação de predicados,
- carácter processual e avaliação.

Qualquer sequência narrativa abrange uma progressão temporal que decorre entre a situação inicial e a situação final; estes dois pontos podem acontecer de modo invertido e, assim, é possível verificar analepses, ou seja, esta ordem pode ocorrer quando as exposições das eventualidades no texto não corresponde à ordem pela qual essas eventualidades acontecem. No fundo, num texto narrativo deverá ser possível (re)construir uma representação em que a situação inicial e também a situação final seja posterior àquela. Para Silva (2012), a situação inicial caracteriza-se por uma macroproposição narrativa em que apresenta o conjunto de circunstâncias nas quais se vai desenrolar a intriga, exercendo a função de identificar o(s) protagonista(s), o espaço e o tempo onde acontece a ação. Neste ponto, a sequência narrativa dá respostas às perguntas “quem?”, “onde?” e “quando?”. Trata-se da compilação de uma macroproposição que inclui um grupo de eventualidades que transforma o equilíbrio e a imobilidade próprias referentes à situação inicial. A compilação vai responder a questões como, “nesta altura o que aconteceu?”. Com todo este processo da sequência narrativa as reações estendem-se até à fase de resolução; esta fase apresenta questões relacionadas com “qual foi o acontecimento decisivo desta história?”, onde é possível verificar o clímax da intriga. A situação final apresenta-se de forma semelhante à situação inicial, porque ocorre no conjunto de eventualidades narradas na resolução. Portanto, a situação inicial e a situação final mostram as modificações da realidade que foi narrada ao longo da intriga. Deste

modo, estas duas situações, a inicial e a final, delimitam o processo da intriga, que retratam o antes e o depois do processo de escrita.

3.3. Ensino explícito da produção escrita: modelos didáticos

Desde a entrada na escola que os alunos aprendem a escrever e, com o avanço da escolaridade, este domínio também sofre alterações ao nível dos aspetos mecânicos e convencionais. De acordo com Barbeiro (2000), todos nós expressamos uma relação pessoal com a escrita sendo produto de investigação: "(...) O texto é o produto que não nasce sem o processo. A perspetiva sobre ensino-aprendizagem da escrita deslocou-se do produto para o que acontece nesse processo" (Barbeiro, 2000: 65). Com isto, o sujeito deve tomar decisões que dizem respeito a aspetos de hierarquia textual, a ortografia, a construção frásica, a organização dos capítulos ou partes do texto. A não linearidade abre espaço à reformulação, antes do texto estar terminado. Ainda para este autor, a diversidade e a recursividade entre as componentes de planificação, de textualização e de revisão, exigem a quem escreve a capacidade de as manter ativas durante o processo de escrita e de tratar a informação em função da correção linguística, tendo em atenção, o conhecimento do destinatário e a escolha estratégica para conseguir cumprir os objetivos.

O ensino da escrita não se circunscreve somente ao momento inicial da sua aprendizagem, correspondente ao domínio de uma técnica e à mecanização de procedimentos típicos da fase inicial de escolarização, que tem início no pré-escolar e nos primeiros anos do primeiro ciclo.

O discurso oral é realizado no momento, apresenta frases soltas, caracteriza-se predominantemente pela redundância e pouca densidade lexical; em contrapartida, no

texto escrito, o emissor tem tempo para escrever o texto. Desta forma, o processo de escrita tem em atenção a organização da estrutura do texto e das estruturas gramaticais, sendo menos redundante, com um vocabulário mais diversificado e havendo articulação entre as frases.

"(...) A linguagem escrita é uma realidade complexa: exige a formulação de ideias e sua tradução numa linguagem visível, altamente convencionada; reflecte em forma, função e conteúdo, um discurso significativo para um receptor distante temporal e espacialmente; explícita um significado pela escolha e ordenamento de palavras num discurso lógico que implica o uso das formas linguísticas de um modo relativamente inflexível ao exprimir relações."

(Martlew, 1983 *apud* Carvalho, 2003: 31)

Em conformidade com Carvalho (2003), o desenvolvimento da capacidade de escrita muitas vezes não quer dizer que exista uma diminuição das dificuldades neste domínio da parte de quem escreve; apenas há uma modificação ao nível como eles se situam. O autor anteriormente apontado reconhece que a escrita é vista como um processo de inúmeras fases: em primeiro lugar, deve considerar-se o assunto que se vai tratar, depois é feita a seleção, é realizada a avaliação, passando pela estruturação que tem em consideração as suas características, o recetor e, por último, a representação linguística:

"(...) o acto de escrever como um processo psico-linguístico em que a memória e a consciência participam activamente com vista à tomada de decisões no seguimento de um plano com várias fases, em que o papel funcional das frases, o seu contributo para o significado texto, se articula com o seu papel estrutural, o seu lugar na hierarquia do discurso."

(Cooper e Matsuhashi, 1983 *apud* Carvalho, 2003: 32)

De acordo com Anna Camps (2003: 202), para o processo do ensino da escrita é necessário compreender alguns aspetos: "A linguagem escrita é o resultado de um duplo processo.". Os signos linguísticos estão sujeitos a um processo de contextualização, de inter-relação com outros signos linguísticos de maneira a que a linguagem seja mais clara.

Em conformidade com Bereiter & Scardamalia (1977 *apud* Camps, 2003: 206-207), o primeiro momento realizado pelo escritor é a planificação sobre o que vai escrever, o escritor limita-se a escrever os conteúdos em forma, mais ou menos, de tópicos de que lhe vem à mente. Com este método, a composição na escrita possibilita a planificação da escrita, mas também a revisão como uma sequência ordenada de subprocessos direcionados para a produção textual. No contexto de sala de aula, o processo de construção discursiva possibilita ajudar os alunos a melhorarem o texto antes de o concluírem e a incutir nos alunos que o ato de escrever é bastante complexo e, por isso, é fulcral mostrar aos alunos que para escrever é necessário planificar, escrever, reescrever.

Segundo Fonseca (1992), o texto escrito pode também contribuir pedagogicamente para a construção de preparação para a produção de textos orais, como, por exemplo, em discursos mais formais, em discursos de responsabilidade, ou seja, a utilização do discurso oral necessita de estratégias textuais que resultam da planificação das características do texto escrito. Esta autora ainda refere que a escola deve incutir nos alunos a capacidade de ensinar a produzir textos e, no nosso quotidiano, é uma exigência que a sociedade faz.

Para Carvalho (2003), o ato de escrever é visto como uma atividade de resolução de problemas em que o recurso a estratégias com carácter sistemático não se verifica como o mais apropriado, visto que os problemas que a atividade apresenta não podem ser completamente esclarecidos. Na realidade, a sua resolução não pode ser fundamentada

numa situação pré-determinada, pelo simples facto de o trabalho apresentar inúmeras soluções a serem testadas a cada circunstância.

A aprendizagem da escrita pressupõe, assim, saber examinar e desconstruir um conjunto de processos e operações envolvidas na sua execução. Na pedagogia da escrita, de acordo com Fonseca (1992), há uma consciencialização antecipada da especificidade referente ao uso oral e do uso escrito da língua enquanto aplicações diferentes; por esse motivo, conseguimos verificar aspetos que diferenciam os textos do tipo escrito e os textos de tipo oral. Para que os alunos aprendam a escrever, em primeiro lugar a escola tem que tornar os alunos conscientes das inúmeras funções que a escrita desempenha ao nível da combinação de expressões linguísticas para formar um texto. O processo da escrita não se trata de apenas perceber as várias fases da escrita, mas sim de um treino contínuo na escola para os alunos poderem aprender a escrever.

A linguagem escrita e a escola constituem realidades indissociáveis (Carvalho, 2013), pois é, na escola, que o indivíduo aprende e desenvolve as suas competências da linguagem verbal:

“(...) o plano do sujeito (que aprende a escrever), enquadrado no âmbito de uma relação pedagógica tripartida que, para além dele, envolve o professor e a escrita (objeto da aprendizagem) e que tem lugar na disciplina de Português (contexto formal de ensino e de aprendizagem); o plano da relação da escrita com os outros domínios ou conteúdos da disciplina de Português; o plano da implicação da escrita no quadro das várias disciplinas escolares; o plano da participação, pela escrita, no quadro mais alargado da escola enquanto comunidade e na(s) comunidade(s) em que a escola e os sujeitos se inserem.”

(Carvalho, 2013: 188)

Este autor ainda refere que a escrita envolve inúmeras atividades que envolvem a leitura e diferentes géneros textuais:

“(…) esses usos da linguagem escrita, associados a situações de representação e verbalização do conhecimento, podem ser potenciados numa articulação entre o espaço curricular em que a escrita constitui objeto de aprendizagem com os espaços, onde o anterior também se inclui, em que a escrita é um dos principais veículos de expressão de conhecimento e, portanto, uma ferramenta ou instrumento fundamental para a atividade que aí decorre.”

(Carvalho, 2013: 197)

Retomando Fonseca (1992: 236), o termo textualidade apresenta um conjunto de propriedades que qualificam o texto como uma macroestrutura semântica que funciona como forma de comunicação, com propriedades que estão relacionadas com a coesão-coerência do texto ao nível microestrutura e também ao nível macroestrutural. Estes dois níveis estão relacionados, mas não se identificam ao nível da sequência de frases, corretamente interligadas por recursos formais, e, assim, o texto pode não ficar concluído devido a não apresentar a progressão semântica; sem a continuidade textual, o texto não vai apresentar coerência.

3.4. Componentes da produção textual: planificação, textualização e revisão

Para Cooper e Matsushashi (1983, *apud* Carvalho, 2003: 32), o ato de escrever é um processo psico-linguístico em que a consciência e a memória colaboram ativamente nas decisões de um plano com inúmeras fases, onde as frases se transformam em texto. O referenciado plano divide-se em nove fases: formulação, estruturação, colocação, direção

ligação, transformação, apresentação, armazenamento e transcrição. Tendo em vista que o aluno desenvolve a sua capacidade em relação à escrita, vai mecanizando algumas tarefas que podemos corresponder às fases iniciais do plano anteriormente mencionado.

Por sua vez, Kroll, (1981, *apud*, Carvalho, 2013: 189) reparte o processo de escrita em quatro fases: preparação, consolidação, diferenciação e integração. A primeira fase, mais especificadamente, a de preparação está relacionada com a aquisição de mecanismos de ortografia e da motricidade. A consolidação diz respeito, à automatização dos aspetos referentes à motricidade e a ortografia, porém, nesta fase, a expressão escrita ainda apresenta características da oralidade. A diferenciação, por sua vez, refere-se à tomada de consciência das diferenças entre a oralidade e a escrita. A última fase que é a integração constitui-se no desenvolvimento do estilo pessoal, a criança já progrediu em relação ao seu estilo pessoal de escrever.

O desenvolvimento do domínio da escrita tem que conciliar a aquisição de competências específicas que o aluno deve aplicar na realização da produção textual, em conformidade com as funções executadas pela variedade dos textos: explicação, expressão de opiniões, de sentimentos e emoções, relato de eventos, entre outras coisas.

De acordo com Barbeiro & Pereira (2007) os princípios orientadores da escrita são sete consistem no ensino precoce da produção textual, que proporcione uma prática intensiva do processo (planificar, pôr em texto, rever), sobre textos dos géneros diversificado, social e escolarmente relevantes, de modo sequencial das atividades de escrita, que permitia uma regulação externa e interna da produção textual e, por fim, que assegure uma complexificação gradual da produção textual. As estratégias (Figura 1) para as atividades propostas podem ser seguidas pelo professor para elaborar novas atividades ou mesmo para modificar as atividades anteriormente executadas ou, então, nas que

aparecem em manuais e materiais didáticos. No que diz respeito ao processo, as estratégias propostas são: facilitação processual; escrita colaborativa e a reflexão sobre a escrita e relativamente aos contextos as estratégias são de integração de saberes e realização de funções.

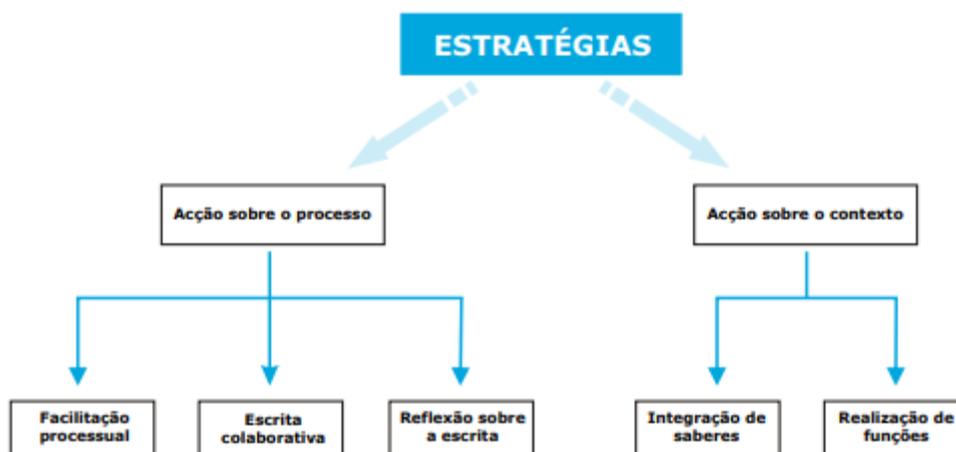


Figura 1: Estratégias no processo de escrita (Barbeiro & Pereira, 2007)

De acordo com Camps (2003), o processo de escrita implica uma grande aprendizagem, pois é possível verificar os erros apresentados pelos alunos e, mediante as correções, com a intervenção educativa durante o processo de escrita os alunos podem melhorar o texto antes de o terminar. Também permite aos alunos compreender que escrever é planificar, reescrever os textos até ficarem corretos. Deste modo, é importante que os alunos iniciem a escrita de um texto pela planificação, depois passam para a textualização e, por fim, procedem à revisão.

Na planificação, é importante estabelecer objetivos, selecionar conteúdos para depois organizar a informação do texto. Este processo diferencia o domínio da escrita por parte dos alunos. Por esse motivo, é necessário inculcar nos alunos esta fase: "A planificação

do texto escrito ocorre, sobretudo, num plano mental, o que implica operações de carácter abstrato, que levantam, naturalmente, alguns problemas relacionados com o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos". (Sousa, 2015: 136).

Muitos alunos apresentam algumas dificuldades neste primeiro processo, isto é, não sabem o que devem escrever na planificação. No caso dos escritores com menos experiência também apresentam inúmeras dificuldades em saber ou que é a planificação e a textualização e só conseguem planificar escrevendo o texto. Sendo assim, à medida que vão adquirindo experiência e que aprendem a planificar os seus textos: "A planificação é o rascunho mental do texto e inclui, por isso, todos os elementos deste: conteúdo, estrutura, sentido e intenção comunicativa." (Sousa, 2015: 136).

Scardamalia e Bereiter (1987, *apud*, Camps, 2003, 206-207), chegaram à conclusão de que existem dois modos ou estratégias de tratar a planificação: os escritores ainda jovens utilizam as ideias da memória a longo prazo, com a utilização de alguns esquemas, utilizando a estratégia de "dizer o conhecimento". Todos os textos produzidos através desta estratégia apresentam problemas de coerência, o escritor apenas se limita a escrever no que está a pensar e não reconhece as diferenças entre o escrito e o oral, tanto ao nível das estruturas linguísticas nem como ao nível da contextualização da informação que está no texto. Por outro lado, os escritores com mais experiência e a estratégia utilizada por eles é "transformar o conhecimento". Esta estratégia não nega a outra estratégia a única coisa que parte da segunda estratégia é "expor o conhecimento", sendo que esta não é recuperada da memória, porém com um plano e objetivos de quem escreve. Por esse motivo, os escritores com mais experiência demoram mais tempo na fase da planificação, pois preparam mais rascunhos antes de iniciarem o segundo processo de escrita, a textualização: "(...) escritores com menos experiência não são capazes de mobilizar e regular

os processos cognitivos e metacognitivos exigidos pela escrita de textos, não utilizando estratégias adequadas às exigências das tarefas de escrita.” (Sousa, 2015: 117). Assim, os escritores com menos experiência apresentam algumas dificuldades que são bastantes notórias nos textos produzidos, algumas dessas lacunas passam pela organização da informação, na dimensão do texto e nos mecanismos linguísticos:

“Estabelecer objetivos, conceber o destinatário e a finalidade do texto; ativar conhecimentos sobre o tópico e género de texto; programar a forma como se vai realizar a tarefa; efetuar pesquisas e consultas; tomar notas para posterior utilização; selecionar e organizar a informação; elaborar planos quer mentalmente, quer por escrito; projetar mentalmente a organização do texto, (ou de unidades como capítulos, secções, parágrafos ou grupos de frases).”

(Sousa, 2015: 138)

A textualização é a segunda componente no processo de escrita, designada como a redação do texto, organizada em parágrafos e frases. Neste processo, o aluno tem que escrever de acordo com o que foi definido para a planificação (fase anterior).

Para Barbeiro & Pereira (2007), quando o aluno está na segunda fase do processo de escrita deve ter em conta a explicitação de conteúdo, na formação linguística e na articulação linguística. No caso da explicitação do conhecimento no caso ter havido uma planificação bem realizada, às vezes há ideias que ficaram escritas de uma forma muito genérica, contudo devem ser explicadas para que o leitor consiga chegar ao conhecimento, na formação linguística está relacionada com tudo aquilo que se escreve deve ter em conta a sua expressão e para finalizar na articulação linguística o aluno deve apresentar um texto coeso e coerente para que seja perceptível.

A revisão é a terceira componente do processo de escrita que se efetua através da leitura e da correção do que foi escrito, isto é, um retrocesso levado até ao fim para avaliar o texto. Assim, a revisão pode ser desempenhada ao longo do processo de escrita, através da articulação da textualização, retirando ou incluindo frases ou palavras até à última revisão. Esta componente está relacionada com a planificação e o confronto dos objetivos. Deste modo, a revisão pode ser realizada em qualquer momento em que se está a redigir um texto e, assim, podem alterar uma nova planificação e textualização. Portanto, a revisão é uma etapa ou processo muito importante no processo de escrita: "(...) a revisão constitui um processo que se reveste de elevada complexidade, pois implica considerar os objetivos do texto, prever até que ponto o texto os permite atingir e propor alternativas que permitam a sua consecução" (Hayes, 1989 *apud* Carvalho, 2003: 49).

Matshuashi (1987, *apud* Carvalho, 2003: 49), por sua vez, considera que a complexidade da revisão não se resume à avaliação do texto e a fazer correções, mas que serve como um motor do próprio processo de escrita que ocorre por dois motivos, quando nos esquecemos do que queremos escrever e, por outro lado, quando tencionamos alterar o que já redigimos. Para Fayol e Schneuwly (1987 *apud* Carvalho, 2003: 48), a revisão inclui três fases: a deteção do erro, a identificação da sua natureza e a correção. No fundo, a revisão não se deve tratar de uma simples leitura do texto, porém a leitura deve funcionar como um ato de solucionar problemas depois da conclusão do texto. Nesta perspetiva, de acordo com Sousa (2015), um erro é detetado, quando se tem consciência da inadequação entre representação das intenções iniciais e o texto redigido, recorrendo a mecanismos de controlo da qualidade textual que surgem ao longo do processo, ou seja, permitem avaliar o texto a nível do plano, do rascunho e da textualização.

Consoante Carvalho (2013), a fase da revisão não deve passar por uma simples releitura do texto que foi escrito, também não deve uma simples resolução de problemas, nem depois da conclusão da redação do texto:

“(…) A planificação consiste na construção e organização da representação interna do saber; a redacção/textualização corresponde à passagem do plano das ideias para o plano da linguagem visível, materializada numa folha de papel ou num ecrã; a revisão refere-se à reflexão sobre o discurso (efetivamente produzido ou apenas pensado) e à sua eventual transformação.”

(Carvalho, 2013: 190)

Como já foi dito anteriormente, a revisão passa por voltar ao texto e analisar o que foi produzido, tendo como base os objetivos e sub-objetivos determinados. Conforme Hayes (2012) esta última fase do processo de escrita é uma operação de nível de controlo, ou seja, é um nível mais avançado e que pode atuar durante toda a produção escrita.

Pelo que foi exposto, a escrita é considerada um ciclo, devido às várias fases de produção da escrita, sendo necessário ter em atenção o conhecimento prévio de determinado assunto, a seleção de informação e as características do texto. Para Barbeiro & Pereira (2007), o ciclo da escrita proporciona o recurso organizado às componentes do processo de escrita (Figura 2).

Ao longo das várias fases da produção escrita, é necessário a ativação do conhecimento, recolher e selecionar a informação, organizar a informação consoante a instrução do tema da escrita, escrever o texto pedido e por fim, é realizada revisão conforme as funções dadas ao texto produzido. A primeira fase do processo de escrita, a planificação, no princípio do ciclo, está dividida subdividida nas fases de mobilização ou

ativação do conhecimento prévio, na recolha e seleção de informação e na sua organização. Desta forma, a planificação enfatiza a ligação entre o processo de escrita e a integração de saberes.

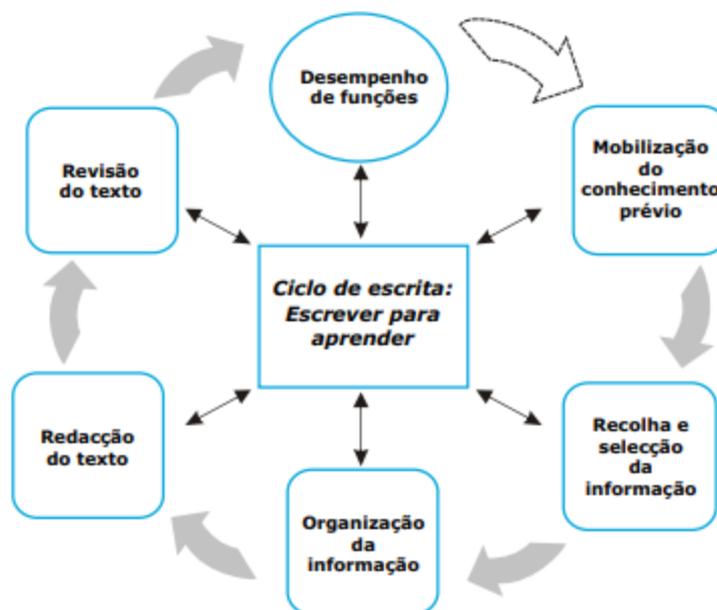


Figura 2: Ciclo da Escrita (Barbeiro & Pereira, 2007)

Desta forma, finaliza-se a descrição da revisão de bibliografia sobre a escrita e a narração, seguindo-se, no capítulo seguinte, o procedimento metodológico e didatização.

Capítulo 4 | Procedimento metodológico e Didatização

Serão apresentadas, neste capítulo, as opções metodológicas adotadas antes e depois da didatização, através da apresentação da abordagem qualitativa seguida neste estudo de caso (4.1.), bem como dos métodos e técnicas de recolha de tratamento de dados, utilizados no contexto de estágio.

No ponto 4.2, serão descritas as aplicações didáticas de ambas as turmas, na turma Z (4.2.1.) e na turma X (4.2.2.) Além disso, ainda são mencionados os dados antes da didatização da turma Z (4.3.1.1) e da turma X (4.3.1.2.), os dados depois da didatização da turma Z (4.3.2.1) e da turma X (4.3.3.2) e a comparação dos dados das duas turmas (4.4.). Também é analisado o questionário relativamente à perceção dos alunos sobre a didatização (4.5.) e, por fim, são apresentadas as considerações finais (4.6.).

4.1. Estudo de caso

Com este trabalho de investigação, em termos de objetivos de aprendizagem, pretende-se que os alunos tenham consciência de que (i) as fases da escrita — planificação, textualização e revisão — são importantes para escrever um texto estruturado e claro e ainda (ii) o uso dos conectores contribui para a coesão textual.

Deste modo, o objetivo do presente trabalho é inculcar este hábito nos alunos em todas as suas produções escritas, em contexto de sala de aula na disciplina de Português,

partindo da seguinte pergunta de investigação: De que modo o ensino explícito das fases da produção textual desenvolve a competência escrita de sequências narrativas em alunos do 7.º ano?

Um estudo de caso representa uma estratégia investigativa que permite a exploração de um determinado conteúdo, através de uma forma mais minuciosa do conteúdo a desenvolver com o seu público-alvo. Assim sendo, o estudo de caso é uma modalidade de investigação que permite analisar, descrever e compreender com profundidade situações específicas:

“(…) uma estratégia de investigação muito útil no processo de avaliação de escolas, uma vez que permite produzir informação pertinente que para compreender o funcionamento da escola, quer para fundamentar decisões que concorram para melhorar a sua prestação educativa.”

(Morgado, 2012 p. 57)

De acordo com Stake (1992 *apud* Morgado, 2012) o estudo de caso apresenta quatro características: holístico, empírico, interpretativo e empático. O estudo de caso é mais utilizado em estudos de natureza qualitativa, através da interpretação e perceção dos casos observados, porém também pode ser utilizados em trabalhos de importância quantitativa.

Consoante Bogdan e Biklen (2013), em qualquer investigação qualitativa, os dados são a fonte direta da pesquisa e, desse modo, constituem um instrumento principal. Como nos diz Bogdan (1994 *apud* Bogdan e Biklen, 2013), um estudo de caso requer sempre sujeitos implicados na investigação e um conjunto técnicas e estratégias exploradas de

diversas formas no investigado com a finalidade de o investigador retirar dados concretos para a sua investigação.

Conforme Morgado (2012), o investigador no estudo de caso tem como objetivo aplicar uma determinada técnica relativamente a uma determinada situação/ estudo com a finalidade de contribuir para um melhor conhecimento do investigado no âmbito educativo. Desta forma, o nosso estudo de caso deve apresentar um plano bem definido acerca do tema a ser investigado, assim como, as técnicas e as estratégias a serem desenvolvidas, como também o tema a ser explorado.

Para Morgado (2012), o estudo de caso passa por três fases: a fase exploratória, a fase de recolha de dados e a fase de análise, interpretação, por fim, a divulgação dos resultados. Neste seguimento, na primeira fase, são aferidos os pontos-chave e os contornos do problema a investigar; no momento seguinte é realizada a recolha de dados, com o objetivo do investigador selecionar instrumentos de recolha de dados que irá utilizar no seu estudo, assim neste processo, os questionários, as entrevistas, análise de documentos podem ser um instrumento para analisar os dados. A última fase corresponde à análise dos dados e à sua interpretação e, por fim, os dados são apresentados.

Em concordância com Stake (1992 *apud* Morgado, 2012), o método de investigação possibilita a compreensão e identificação dos traços do caso que estamos a desenvolver na área da educação. Este autor ainda afirma que o estudo de caso tem vindo a evoluir na área da investigação científica e também defende quatro características essenciais que se deve utilizar no processo de investigação, elas são: holístico, já que procura compreender o objeto de estudo em si já que procura compreender o objeto de estudo em si mesmo, na sua totalidade e globalidade; empírico, dado que é um trabalho de campo e em que se reconhecem informações, maioritariamente, pela observação; interpretativo, porque se

fundamente na intuição do investigador, que está atento a qualquer fenómeno que ocorra e interage com o objeto de estudo e empático, pois tem em conta a intencionalidade dos atores, os seus esquemas de referência e os seus valores.

À semelhança de todos os trabalhos científicos começam pela identificação do problema, no estudo de caso, o investigador tenta procurar e descodificar as explicações e as soluções para o problema. Concluindo, o estudo de caso corresponde a método de investigação empírico, em que o investigador estuda factos através da compreensão, da interpretação dos dados obtidos pelo público-alvo.

4.1.1. Instrumentos de recolhas de dados

Os instrumentos de recolha de dados aplicados foram exercícios para a elaboração de textos narrativos e um inquérito por questionário sobre a perceção dos alunos. Neste sentido, no âmbito da produção escrita de textos narrativos, a primeira tarefa foi realizada em contexto de aula antes da didatização e as que sucederam foram após o ensino explícito das fases de produção escrita — planificação, textualização e revisão — e da explicação do uso dos conectores. O último instrumento de recolha de dados consiste na realização de um questionário através da aplicação digital *google forms*, que tinha como objetivo verificar a perceção dos alunos sobre as fases da produção escrita. Deste modo, os dados analisados resultam dos textos redigidos pelos alunos antes e depois da didatização e das respostas ao questionário.

No quadro seguinte (Quadro 4) é possível verificar o procedimento metodológico aplicado em cada turma, havendo uma diferença entre as turmas relativamente às

produções textuais: a turma X realizou 4 produções textuais, enquanto que a turma Z fez 3.

Quadro 4: Instrumentos de recolha de dados

Turma X	Turma Z
Produção textual 1	Produção textual 1
Ensino explícito: fases da textualização e conetores	Ensino explícito: fases da textualização e conetores
Produção textual 2	Produção textual 2
Produção textual 3	Produção textual 3
Produção textual 4	Questionário
Questionário	

4.1.2. Codificação dos dados

Em termos de tratamento e codificação de dados, aleatoriamente, a cada turma do 7º ano foi atribuída a letra X e Z e a cada aluno de cada turma foi atribuído um número, sendo que uma turma X apresenta números pares e a Z números ímpares.

A cada didatização corresponde letra D seguida dos números 1, 2, 3 e 4, correspondendo o código

- D1 à produção escrita antes do ensino explícito das fases de produção escrita e da explicação do uso dos conectores,

- D2 refere-se à produção escrita depois do ensino explícito das fases da produção escrita e do uso dos conectores, na turma X "Reinvenção 1" e na turma Z "Reinvenção 1",
- D3 diz respeito à "Reinvenção 2" na turma X e na turma Z "Reinvenção 2",
- e D4 "Reinvenção 3" na turma X.

Às planificações dos discentes foram atribuídas as letras Plan, seguida dos números 1, 2, 3 e 4, correspondendo o código Plan1 à planificação da Produção Textual 2, Plan 2 diz respeito à planificação da Produção Textual 3 e Plan 3 referem-se à planificação da Produção Textual 4. Quanto à revisão foram atribuídas as letras Rev, seguida dos números 1, 2, 3 e 4, correspondendo o código Rev 1, Rev 2, Rev 3 e Rev 4. Relativamente à retextualização foram atribuídas as letras Retex, seguida dos números 1, 2, 3 e 4, correspondendo o código Retex 1, Retex 2, Retex 3 e Retex 4.

Seguem-se os quadros com a codificação da turma Z (Quadro 5) e da Turma X (Quadro 6):

Quadro 5: Códigos da turma Z

Didatização	Planificação	Produção textual	Revisão	Retextualização
D 1	—	"Avós"	Rev 1	Retex 1
D 2	Plan 1	"Reinvenção 1"	Rev 2	Retex 2
D 3	Plan 2	"Reinvenção 2"	Rev 3	Retex 3

Quadro 6: Códigos da turma X

Didatização	Planificação	Produção textual	Revisão	Retextualização
D 1	—	"Avós"	Rev 1	Retex 1
D 2	Plan 1	"Reinvenção 1"	Rev 2	Retex 2
D 3	Plan 2	"Reinvenção 2"	Rev 3	Retex 3
D 4	Plan 3	"Reinvenção 3"	Rev 4	Retex 4

No que diz respeito ao questionário, após a abreviatura Quest segue-se a numeração cardinal (1, 2, 3, 4 e 5), não havendo coincidência com a numeração antecedente nem com os números dos participantes, respeitando-se o anonimato dos participantes.

4.2. Aplicação didática no 7.º Ano

Num primeiro processo da investigação, as duas turmas escreveram o mesmo texto, sem conhecerem as etapas do processo de escrita nem ter sido chamada a atenção para a importância do uso dos conectores. Desta forma, na produção textual, apesar de não haver limite de palavras, os alunos apenas deviam escrever até 10 linhas, mais ou menos dois parágrafos. Esta produção escrita (D1) consistiu numa definição de 'avós'; assim, o objetivo era conhecer os articuladores mais utilizados pelos intervenientes, bem como o modo como escrevem.

As restantes produções escritas ocorreram depois da didatização, isto é, foram realizadas posteriormente à explicitação das fases de produção escrita e da importância do uso dos conectores. Ambas as turmas depois da didatização escreveram sempre o mesmo género textual, neste caso, o texto narrativo.

Após o ensino explícito das fases de produção escrita e dos conectores foi sempre apresentado um número limite de palavras (120-200) que deviam ser redigidas em todas as textualizações. Além disso, em todas as produções textuais era obrigatória a utilização de conectores, tendo sido facultada aos alunos uma ficha informativa.

Em termos de gestão de tempo, os alunos tiveram sempre 10 minutos para a planificar, 20 minutos para a textualização, 10 minutos para a revisão e 8 minutos para a retextualização. Ao longo das aplicações didáticas, os alunos foram alertados para avançarem no processo das fases de escrita, passando sempre para a fase seguinte. As retextualizações foram sempre realizadas nas aulas seguintes, sublinhando que os discentes apenas corrigiram o que estava errado.

Em todas produções escritas, além de uma folha para a textualização também foi sempre dada uma para a planificação. A ficha com a explicitação das fases de produção escrita e dos conectores² (esta foi retirada do manual *O Essencial do 12º ano, Português B* (2004) para que os alunos pudessem diversificar os conectores).

Depois da explicação das fases de produção escrita e dos conectores, decorreram mais didatizações:

na turma X — D2, D3 e D4, correspondendo a "Reinvenção 1", a "Reinvenção 2" e a "Reinvenção 3", com as respetivas planificações Plan 1, Plan 2 e Plan 3;

² Ver anexo 2.

na turma Z —D2, D3 que correspondem à “Reinvenção 1”, a “Reinvenção 2” com as respetivas planificações Plan 1, Plan 2.

No caso da D2, a proposta para “Reinvenção 1” não apresentou o mesmo tema, mantendo o mesmo género textual, neste caso o narrativo. De forma a equilibrar as produções escritas, ambas as turmas redigiram textos muito semelhantes, visto que estavam a estudar a mesma obra *O Cavaleiro da Dinamarca*. Na turma X, os alunos tiveram que reinventar o final da narrativa de Pêro Dias, enquanto que na turma Z tiveram que reinventar outro percurso para o Cavaleiro até casa. As duas turmas realizaram textos diferentes porque as aulas foram lecionadas em dias diferentes.

Por razões que se prendem com a planificação didática anual, a turma X realizou mais uma didatização do que a Z; assim a D3 da turma X não apresenta o mesmo tema que a D3 da turma Z. Ainda assim, no sentido de ter uma análise comparativa com dados similares, a D4 “Reinvenção 4” da turma X e a D3 “Reinvenção 3” da turma Z apresentam o mesmo tema.

A última produção textual de cada turma aconteceu já no formato de ensino não presencial, tendo-se registado uma diminuição significativa na entrega dos textos.

No final da didatização foi aplicado um pequeno questionário em ambas as turmas para ter a perceção dos alunos em relação ao estudo das fases de produção escrita. Este questionário também ocorreu de modo não presencial, em modo assíncrono.

Todas as produções escritas foram corrigidas consoante os critérios de classificação do 3º Ciclo do Ensino Básico apresentados no Exame Nacional de Português³.

³ Ver Anexo 3.

4.2.1. Turma

Em seguida, é feita a descrição das sequências didáticas específicas da turma Z. Esta turma realizou uma produção escrita antes da didatização e duas produções textuais depois do ensino explícito das fases de produção escrita e do uso dos conectores.

4.2.1.1. Aplicação didática 1 — Definição de avós

A didatização na turma Z decorreu durante uma aula de 90 minutos. Nesta aula foram trabalhados todos os domínios, sendo que a educação literária assumiu o lugar central da aula, assim como o domínio da oralidade, a partir do texto literário "Avó e neto contra o vento e areia"⁴ de Teolinda Gersão.

Na aula anterior tinha sido pedido aos discentes para lerem o conto em casa. Neste sentido, pediu-se aos alunos para fazerem o reconto do conto, seguindo-se um pequeno quiz para verificar se os alunos compreendiam algumas partes do conto.

Após o quiz, os alunos realizaram exercícios do manual referente ao conto em estudo, seguida da sua correção. Passou-se para a parte gramatical, onde foi trabalhada a interjeição, foi realizado um pequeno jogo com recurso ao *powerpoint* e ainda um exercício do manual com a sua respetiva correção.

Para concluir, foi pedido aos alunos para escreverem uma definição pessoal de "avó/avô", bastando escreverem dois parágrafos.

⁴ Ver no plano de aula 4 (Anexo 4).

4.2.1.2. Aplicação didática 2 — Reinvenção do desenlace da obra *O cavaleiro da Dinamarca*. (*O Cavaleiro da Dinamarca* de Sophia de Mello Breyner Andresen)

A didatização na turma Z decorreu durante uma aula de 90 minutos. Todos os domínios foram trabalhados, sendo que o da escrita assumiu a maior parte da aula, a partir do desenlace da obra *O Cavaleiro da Dinamarca*⁵ de Sophia de Mello Breyner Andresen.

Seguiu-se o reconto do desenlace da obra *O Cavaleiro da Dinamarca* com o objetivo de antecipar a produção textual. Procedeu-se, então, ao ensino explícito das fases da produção escrita, com recurso a um *powerpoint*, assinalando a importância do uso dos conectores; por fim, foi entregue uma ficha informativa relativa aos conectores.

No âmbito da produção escrita, a instrução propunha a alteração do percurso do Cavaleiro até casa. Deste modo, os alunos começaram pela planificação, passaram para a textualização, com o uso obrigatório dos conectores com a ajuda da ficha informativa dos conectores e, para finalizar, foi feita a revisão.

4.2.1.3. Aplicação didática 3 — Reinvenção do episódio do sonho (*Leandro, Rei da Helíria* de Alice Vieira) — ensino não presencial

A didatização na turma Z decorreu durante em uma sessão síncrona de 30 minutos. Nesta sessão, foram trabalhados dois domínios: a educação literária e a oralidade.

⁵ Ver no plano de aula 6 (Anexo 5).

Anteriormente (em modo assíncrono) foi pedido aos alunos para lerem as cenas I, II, III, IV e V do texto dramático *Leandro, Rei da Helíria*⁶ de Alice Vieira e, ainda, para resolverem uns exercícios do material de apoio Guiões de Leitura. Neste sentido, na sessão síncrona foi realizado um questionamento sobre as cenas lidas. De seguida, os alunos viram um vídeo referente à parte inicial do texto dramático, até ao sonho do rei, sem, no entanto, o visualizarem.

Após a aula, em modo assíncrono, os alunos teriam de realizar uma produção escrita com o tema: “Qual será o sonho do rei?”. Para esta produção textual, uma vez mais, os alunos teriam de passar pelas fases da produção escrita e incluir os conectores já trabalhados.

4.2.2. Turma 7.º X

Seguidamente é realizada a descrição das sequências didáticas específicas da turma X. Esta turma elaborou uma produção escrita antes da didatização e três produções textuais depois do ensino explícito das fases de produção escrita e do uso dos conectores.

4.2.2.1. Aplicação didática 1 — Definição de avós

A didatização na turma Z decorreu durante uma aula de 90 minutos. Nesta aula, foram trabalhados todos os domínios, sendo que a educação literária assumiu o lugar

⁶ Ver no plano de aula 12 (Anexo 6).

central da aula assim como, o domínio da oralidade, a partir do texto literário “Avó e neto contra o vento e areia”⁷ de Teolinda Gersão.

Na aula anterior, tinha sido pedido aos discentes para lerem o conto em casa. Neste sentido, pediu-se aos alunos para fazerem o reconto do conto e realizarem um pequeno quiz para verificar o grau de compreensão de algumas partes do conto.

Após o quiz, os alunos realizaram exercícios do manual referente ao conto em estudo, seguindo-se a sua correção. Passou-se para a parte gramatical, onde foi analisada a interjeição, foi realizado um pequeno jogo com recurso ao *powerpoint* e ainda um exercício do manual com a sua respetiva correção.

Por último, procedeu-se à realização de produção escrita, através do tema: “Como defines uma avó/um avô?”. Para esta produção textual bastava escreverem 10 linhas (aproximadamente dois parágrafos).

4.2.2.2. Aplicação didática 2 — Reinvenção do final do episódio de Pêro Dias (*O Cavaleiro da Dinamarca* de Sophia de Mello Breyner Andresen)

A didatização na turma X decorreu durante 1 aula de 90 minutos. Todos os domínios foram trabalhados, sendo que o da escrita assumiu a maior parte da aula, tendo por base a narrativa encaixada de Pêro Dias na obra *O Cavaleiro da Dinamarca*⁸ de Sophia de Mello Breyner Andresen.

⁷ Ver no plano de aula 2 (Anexo 7).

⁸ Ver no plano de aula 5 (Anexo 8).

Após o reconto da narrativa encaixada de Pêro Dias, procedeu-se ao ensino explícito das fases da produção escrita, com a ajuda do recurso ao *powerpoint* (Figura 3) seguindo-se a explicação da importância do uso dos conectores.

The figure consists of four slides from a PowerPoint presentation:

- Slide 1 (Top Left):** Titled "FASES DA ESCRITA" (Phases of Writing). It features a central image of hands writing on a piece of paper.
- Slide 2 (Top Right):** Titled "Fases da produção de texto:" (Phases of text production:). It lists four phases with checkmarks: ✓ Planificação; ✓ Textualização; ✓ Revisão; and ✓ Re-textualização. An illustration of a man in a hat looking stressed while writing is shown on the right.
- Slide 3 (Bottom Left):** A flowchart titled "Processo de escrita" (Writing process). It shows three steps: 1. Planificação (Planification), 2. Textualização (Textualization), and 3. Revisão (Revision).
- Slide 4 (Bottom Right):** Titled "1º Planificação" (1st Planification). It details three sub-steps: 1- Definição do tema e dos objetivos comunicativos que te levam a escrever o texto; 2- Recolha, seleção e registo de toda a informação importante para o tratamento do tema; 3- Organização das ideias num plano-guia de forma esquemática, ou seja, por tópicos, tendo em conta a estrutura do texto.

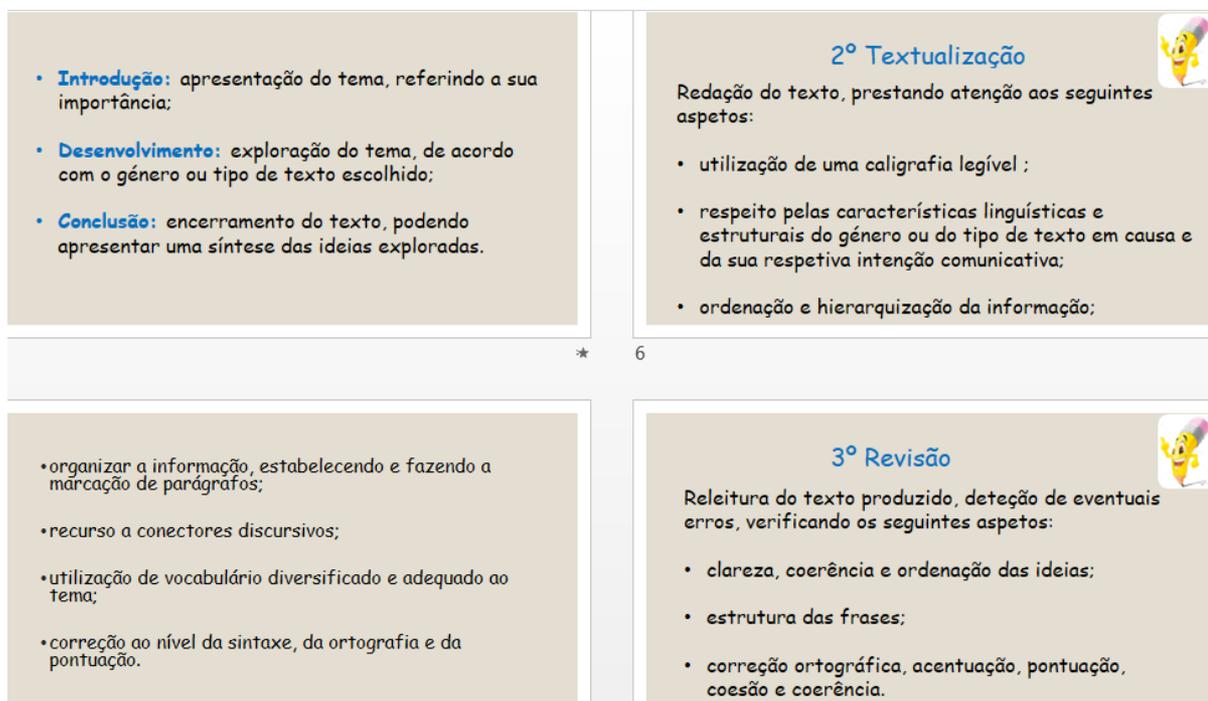


Figura 3: Apresentação das fases da produção escrita

Para finalizar, realizou-se uma produção textual, tendo sido pedido para alterarem o final da narrativa de Pêro Dias, uma vez mais mediante a planificação e a textualização, passando pela revisão e o uso obrigatório de conectores.

4.2.2.3. Aplicação didática 3 — Reinvenção do episódio do Natal (*O Cavaleiro da Dinamarca* de Sophia de Mello Breyner Andresen)

A didatização na turma X decorreu durante uma aula de 90 minutos. Quase todos os domínios foram trabalhados, exceto o da Educação Literária, sendo que o da escrita assumiu a maior parte da aula, a partir do tema do Natal retratado na obra *O Cavaleiro*

de *Dinamarca*⁹ de Sophia de Mello Breyner Andresen. Assim, o tema da produção textual propunha que alunos imaginassem que eram o Cavaleiro e descreveriam o seu natal.

Inicialmente procedeu-se à revisão dos conteúdos lecionados na aula antecedente, seguidamente, passámos para o questionamento referente ao Natal como forma de ativar os conhecimentos prévios para contextualizar esta quadra.

Após o questionamento, começamos a explorar o Natal das cidades por onde o Cavaleiro passou, com recurso ao *powerpoint*. Na aula anterior, cada aluno tinha tirado um papel com o nome de um país para fazer uma pesquisa sobre a forma como se celebrava o Natal nesse país.

Após a leitura do texto "A Árvore de Natal" de Marielise Ferreira, os alunos compararam com outra forma de comemorar o Natal.

Para concluir, realizou-se a produção escrita, iniciando-se pela planificação, passando para a textualização e finalizando com a revisão. Para esta produção escrita, os alunos puderam recorrer à ficha informativa sobre os conectores.

4.2.2.4. Aplicação didática 4 — Reinvenção do episódio do sonho (*Leandro, Rei da Helíria* de Alice Vieira)

A didatização na turma X decorreu durante 1 sessão síncrona de 30 minutos (Figura 4). Nesta sessão, foram trabalhados dois domínios: a educação literária e a oralidade.

⁹ Ver plano de aula 8 (Anexo 9).

Antes da sessão foi pedido aos alunos para lerem as cenas I, II, III, IV e V do texto dramático *Leandro, Rei da Helíria*¹⁰ de Alice Vieira e ainda para resolverem exercícios do livro *Guiões de Leitura*.

Neste sentido, na sessão síncrona, foi realizado um questionamento sobre as cenas lidas. De seguida, os alunos viram a um vídeo referente à parte inicial do texto dramático, até ao sonho do rei.

Após a sessão, o trabalho consistiu na realização de uma produção escrita com o tema: "Qual será o sonho do rei?". Para esta produção textual, os alunos tinham que passar pelas fases da produção escrita e incluir os conectores apresentados na ficha de trabalho.

¹⁰ Ver plano de aula 11 (Anexo 10).

Sumário: Atividade de produção escrita.

Conteúdos: Leandro, *Rei de Helíria* de Alice Vieira.

Tarefas:

1º Faz uma revisão à ficha dos conectores (moodle)

2º Faz a planificação do texto em esquema ou por tópicos

3º Faz a textualização

- Para esta produção escrita vais escrever um texto narrativo, com o mínimo de 150 palavras e o máximo de 220.
- Tema: **Qual será o sonho do rei? – inventa um sonho para o Rei.**
- Utiliza a ficha dos conectores na tua textualização

Orientações de estudo:

- Se tiveres alguma dificuldade, podes colocá-la por correio eletrónico (ritajorgemartinho@gmail.com)

Resolução da Tarefa:

Podes fazer no teu caderno, tirar uma fotografia e submeter através do Moodle

Caso faças no caderno escreve planificação e textualização para cada fase do processo de escrita

Ou então:

Podes fazer na ficha de produção escrita colocada no Moodle, tirar uma fotografia e submeter através do Moodle

Prazo para entregar a tarefa: Dia 8 de maio

Figura 4: Plano da aula não presencial

4.3. Procedimento de recolha de dados e respetiva análise

Os dados que analisados no presente relatório correspondem a ambas as turmas do 7º ano, antes e depois do ensino explícito das fases de produção escrita e dos conectores. Os exemplos apresentados estão conforme os originais; no entanto, todas as tarefas escritas realizadas pelos alunos foram devolvidas após a correção realizada pela aluna-estagiária e pela professora-orientadora.

Num primeiro momento, analisar-se-á a primeira didatização D1 tanto na turma Z como na turma X, observando-se o tipo de conector mais utilizado. Nesta D1 não houve planificação, por ainda não ter existido o ensino explícito das fases da produção escrita e

do uso dos conectores. A D1 apresenta a mesma proposta de produção escrita nas duas turmas de modo a ter textos com aspetos idênticos.

A segunda fase de recolha de dados teve lugar depois do ensino explícito das fases de produção escrita e dos conectores. Na turma X, foram realizadas três didatizações, nomeadamente a D2, a D3 e a D4, enquanto que na turma Z apenas foram efetuadas duas didatizações, particularmente a D2 e a D3. Nestes dados, é analisado o modo como foram realizadas as planificações, o tipo de conectores mais frequentes em todas as produções escritas, a forma como se processou a revisão e a retextualização. A turma X realizou mais produções escritas do que a turma Z, por estar mais adiantada na matéria; deste modo, foi possível desenvolver mais uma aula de recolha de dados na turma X.

Depois do ensino explícito das fases de produção escrita e dos conectores as produções textuais não apresentam o mesmo tema, contudo são temas muito semelhantes, uma vez que estão relacionados com a obra *O Cavaleiro da Dinamarca*. A produção textual alusiva ao Natal da obra anteriormente mencionada ocorreu na turma X.

Para concluir, a última produção textual (a número 4 da turma X e a número 3 da turma Z) não foi realizada por todos os alunos, talvez pelo facto de a tarefa ter sido pedida em ensino não presencial (o mesmo se observou em relação ao questionário).

4.3.1. Antes da didatização (ensino explícito) em ambas as turmas

A D1 corresponde à realização da produção textual sobre a definição de "Avós" que ocorreu em ambas as turmas antes da didatização. Por esta razão, nesta D1, os alunos não realizaram planificação; porém, verificou-se a revisão e a retextualização. A análise que se

segue será descrita diferenciando-se as turmas, em primeiro lugar a Turma Z (4.3.1.1.) e depois a Turma X (4.3.1.2.).

4.3.1.1. Turma Z

Quanto à D1, o texto sobre a definição de "Avós", a palavra de ligação mais frequente foi a conjunção copulativa 'e', no contexto de adição, como se poderá ver no exemplo seguinte:

Eu conheço os meus avós da parte do meu pai à dois anos porque eles são do porto. desde que os conheci tem sido muito divertido todas as férias eu e o meu pai. Nestas férias de verão foram as mais divertidas com eles. São muito divertidos e um pouco chatinhos mas isso são todos. Nas férias da páscoa eles vêm me visita com muitos sacos de agendas mais gente da família e final mente nas férias de natal recebo muitas prendas deles e eles recebem muitas minhas e vamos a uma festa de passagem de ano.

[TZ_D1_29]

Com índice de frequência mais alto, acresce o valor de finalidade com a conjunção 'para':

Uma avó tem que ser carinhosa, amigável, amorosa. Ela tem que ter paciência para aturar os seus netos. Gostar de estar com eles (netos). As avós podem ter defeitos, não ter tanta paciência, pois já têm uma certa idade. Muito importante têm que ter comida, porque geralmene os netos vão para casa dos avós e começam logo a comer. Os avós geralmente trabalham, por exemplo eu adoro ir para a casa da minha avó, depois sei que vou para o trabalho dela.

[TZ_D1_9]

A Rev 1 ocorreu antes do ensino explícito, tendo-se observado poucos alunos a fazer uma leitura no final da produção textual e à medida que procuravam reescrever, corrigindo aspetos pontuais. Nesta linha, na Retx1, os alunos corrigiram os erros, nomeadamente, ao nível da pontuação, acentuação e de repetição de palavras.

4.3.1.2. Turma X

Na D1¹¹, a palavra de ligação mais adicionada foi também a conjunção coordenativa copulativa 'e', em termos de adição, conjunção de finalidade 'para' e a conjunção adversativa "mas"¹², de acordo com os seguintes exemplos:

A minha avó é espetacular, ajuda-me muito gosta muito de mim e eu queria que ela nunca morresse. Se não fosse ela eu não era o que sou, não tinha o que tenho...enquanto o seu marido o meu avô é rabojento, chato e não faz nada por mim mas no fundo eu sei que ele gosta de mim como eu gosto dele, estes no fundo da minha mãe. Do lado do meu pai o meu avô já morreu mas eu continu a ama-lo como sempre e a minha avó está viva mas com muitas dificuldades de vida, ela é minha vizinha para se precisar de algo. Ela da-me muitas coisas, mas é mais parada do que a minha outra avó. Mas eu amo-o a todos. A minha avó do lado da minha mãe e Vinda tem o cabelo tipo moita e alta, magra têm olhos castanhos e cabelo castanho.... O meu avô é gordinho baixo, careca têm olhos pretos... A minha avó do lado do meu pai é baixa têm olhos pretos cabelo branco.... Por minha sorte ainda tenho uma visa que têm medo de tudo que possa acontecer a minha familia ela é um bocado rabugenta mas é fixe têm olhos verdes cabelo branco é baixa e é do lado d mãe da minha mãe. Gosto de todos e espero ainda ter muito tempo com eles.

[TX-D1-18]

¹¹ Ver TX_D1 – Definição de "Avós" (Anexo 11).

¹² Ver TX_ D1 – Definição de "Avós" (2/2) (Anexo 12).

Não existe uma definição específica **para** o que eles são **para** mim. Uns segundos pais acho, que é a melhor definição **para** lhes agradecer o que eles têm feito por mim. Acho que os avós não têm a obrigação de por exemplo: tomar conta de nós, darem-nos coisas etc. até porque já o fizeram pelos filhos e agora estão a fazer por nós. Agradecemos-lhes sim. É uma obrigação. Acho também que se tivermos de os descrever em uma palavra diria fantásticos.

[TX-D1-26]

A minha avó é espetacular, ajuda-me muito gosta muito de mim e eu queria que ela nunca morresse. Se não fosse ela eu não era o que sou, não tinha o que tenho...enquanto o seu marido o meu avô é rabojento, chato e não faz nada por mim **mas** no fundo eu sei que ele gosta de mim como eu gosto dele, estes no fundo da minha mãe. Do lado do meu pai o meu avô já morreu **mas** eu continu a ama-lo como sempre e a minha avó está viva **mas** com muitas dificuldades de vida, ela é minha vizinha para se precisar de algo. Ela da-me muitas coisas, **mas** é mais parada do que a minha outra avó. **Mas** eu amo-o a todos. A minha avó do lado da minha mãe e Vinda tem o cabelo tipo moita e alta, magra têm olhos castanhos e cabelo castanho.... O meu avô é gordinho baixo, careca têm olhos pretos... A minha avó do lado do meu pai é baixa têm olhos pretos cabelo branco.... Por minha sorte ainda tenho uma viza que têm medo de tudo que possa acontecer a minha familia ela é um bocado rabugenta **mas** é fixe têm olhos verdes cabelo branco é baixa e é do lado d mãe da minha mãe. Gosto de todos e espero ainda ter muito tempo com eles.

[TX-D1-26]

Como o tempo de redação foi longo, muitos alunos não tiveram tempo para realizar uma leitura na Rev1. Com efeito, alguns alunos não estavam habituados a realizar a leitura no final da textualização.

Quanto à Retex 1, os alunos que o fizeram corrigiram erros ao nível da pontuação, acentuação, da repetição de palavra.

4.3.2. Depois da didatização: o ensino explícito das fases da produção escrita

Depois das aplicações didáticas, procedeu-se à análise da planificação, textualização, revisão e retextualização em ambas as turmas. Ainda se verificou o índice de frequência dos conectores escolhidos pelos alunos nas suas produções escritas.

4.3.2.1 Turma Z

No que diz respeito à análise das produções escritas, identificámos os seguintes aspetos:

Planificação

Na tabela seguinte, são apresentados os dados referentes às planificações Plan1 e Plan2 registadas na turma Z.

Tabela 1: Dados da fase de planificação de escrita

Participante	Plan 1	Plan 2
39		Tópicos
37	Tópicos	—
35	Tópicos	—
33	Tópicos	—
31	Tópicos	Tópicos

29	Tópicos	—
27	Tópicos	Tópicos
25	Tópicos	—
23	Tópicos	—
21	Tópicos	Não fez
19	Tópicos	Tópicos
17	Tópicos	Tópicos
15	Tópicos	Tópicos
13	Tópicos	Não fez
11	Tópicos	—
9	Tópicos	Tópicos
7	Tópicos	Tópicos
5	Tópicos	—
3	Tópicos	Tópicos
1	—	Tópicos

Enquanto que na Plan1, 18 participantes realizaram a planificação por tópicos, na Plan2, 10 participantes executaram a sua planificação através de tópicos. Por um lado, temos os participantes 21 e 13 que não realizaram esta planificação, mas, na anterior planificação, fizeram-na por tópicos; por outro, os participantes 1 e 39 escolheram fazer apenas a Plan 2 por tópicos.

Entre os dois momentos de planificação, não há alterações tendo os participantes optado pelo mesmo método: elaboração de tópicos.

Textualização

A D2 que se refere à “Reinvenção 1”¹³ ocorreu depois da explicitação das fases da escrita e da explicação do uso dos conectores. A palavra mais incluída foi a conjunção copulativa ‘e’, com o valor de adição¹⁴. O conector com ideia de finalidade ‘para’ foi o segundo conector com maior índice de frequência, veja-se o exemplo que se segue:

O reencontro

No dia 24 o Cavaleiro chegou à Dinamarca, as coisas estavam muito calmas e o Cavaleiro começou a desconfiar disso. Quando chegou á sua terra Natal viu a sua casa ao longe mas ela estava totalmente destruída graças à 3ª guerra mundial provocada por Donald Trump.

Aquela guerra é possível ter afetado a Dinamarca inteira, pois pelo menos daquela aldeia só a casa de Noémia Gonçalves é que tinha ficado de pé. Quando se apercebeu disso o cavaleiro foi a correr procurá-la. Ele só dizia:

- Noémia! Onde estás?! – gritava desesperda – A minha família? Noémia!

Passado um tempo Noémia apareceu, ela contou ao Cavaleiro o que se havia passado e **para** onde achava que a sua família tinha ido.

- A Dinamarca está destruída e a Europa toda vai pelo mesmo caminho – dizia Noémia

- Eles, todos eles, pegaram num barco e foram **para** oeste á procura da América!

- então, nós **para** lá também partiremos disse o Cavaleiro cheio de certeza e coragem.

Assim, no mesmo dia, ao final da tarde o cavaleiro d Noémia partiram **para** terras que **para** eles eram desconhecidas e bastante estranhas.

Após chegaram à costa foram travadas pelo exército Americano que lhes podia os passaportes. Todos aflitos sem saber o que se passára o cavaleiro só dizia.

- Nós somos pobres estrangeiros que não sabemos o que isso é. Fazemos o que for preciso **para** nos deixar passar.

¹³ Ver TZ_D2 -“Reinvenção 1” (Anexo 11).

¹⁴ Ver TZ_D2 -“Reinvenção1” (1/2) (Anexo 12).

Com isto o exército teve “pena” e disse tem até amanhã **para** arranjar uma equipa de basket **para** confrontar os GSW num jogo.

O cavaleiro não sabia o que fazer, ele sabia o que basket, mas como é que ai arranjar uma equipa **para** os combater. Ele pensou para si mesmo: “Se eles não vencerem até agora contra ninguém, não será contra mim que vencerão”.

Os GSW acabaram por deixar o Cavaleiro ganhar, mas só por piedade.

Eles conseguiram chegar junto de familia do cavaleiro a Miami são e salvo.

[TZ-D2-31]

Relativamente à D3 em que decorre a “Reinvenção 2”¹⁵, as palavras mais adicionadas foram a conjunção copulativa ‘e’, e o conector ‘para’, estas foram as palavras que mais se destacaram nesta produção escrita¹⁶. Os conectores que tiveram menos destaque nesta textualização foram os de dúvida e o de resumo.

Revisão

A Rev 2 aconteceu depois da explicitação das fases da escrita. Antes de os alunos iniciarem a atividade de produção escrita, foi lembrado aos discentes que deveriam fazer a revisão depois da textualização. Ao longo da monitorização da tarefa, através do acompanhamento individual dos alunos, registou-se que todos os alunos executaram a revisão da Reinvenção 1; na verdade, a maioria dos alunos leu o texto duas vezes. Nesta revisão, os participantes verificaram, deste modo, algumas gralhas ao nível da ortografia, da pontuação, da sintaxe e da coerência.

¹⁵ Ver TX_D3 – “Reinvenção 2” (Anexo 11).

¹⁶ Ver TX_D3 – “Reinvenção 2” (1/1) (Anexo 12).

Na Rev 3 não foi possível acompanhar, por ter sido realizada em modo assíncrono. Contudo, confirmei na sessão síncrona que alguns alunos realizaram pelo menos uma leitura do texto e o número de gralhas era menor.

Retextualização

Na Retex 1, os alunos corrigiram erros que apareceram na primeira textualização, nomeadamente ao nível da pontuação, acentuação, da repetição de palavras.

Relativamente à Retex2, assim como na Retex1, apenas corrigiram os erros de pontuação, acentuação, repetição e de coerência.

Para finalizar, na Retex3, foi pedido aos alunos para corrigirem os erros apresentados na sua "Reinvenção 2" no domínio da sintaxe, coerência, pontuação, de acentuação e da repetição de palavras.

4.3.2.2. Turma X

No que diz respeito à análise das produções escritas, identificámos os seguintes aspetos:

Planificação

Na tabela seguinte, são apresentados os dados referentes às planificações Plan 1, Plan 2 e Plan 3 registadas na turma X.

Tabela 2: Dados da fase de planificação de escrita

Participante	Plan 1	Plan 2	Plan 3
36	—	Tópicos	—
34	Tópicos	Tópicos	Tópicos
32	Tópicos	Esquema	Tópicos
30	Tópicos	Tópicos	Não fez
28	Tópicos	Tópicos	Tópicos
26	Tópicos	Esquema	—
24	—	Tópicos	Tópicos
22	—	Tópicos	—
20	Tópicos	Tópicos	Tópicos
18	Esquema	Esquema	—
16	Tópicos	Tópicos	Tópicos
14	Tópicos	Tópicos	—
12	Tópicos	Tópicos	Tópicos
10	Tópicos	Tópicos	—
8	Tópicos	Tópicos	—
6	Tópicos	Tópicos	—
4	—	Esquema	Não Fez
2	Tópicos	Esquema	Tópicos
0	—	Tópicos	Tópicos

Na Plan 1, 13 participantes fizeram a planificação por tópicos, apenas um participante realizou em esquema e 5 participantes faltaram. Na Plan 2, todos os participantes realizaram a planificação, sendo que 14 participantes realizaram a sua planificação através de tópicos, enquanto que 5 alunos fizeram a planificação em esquema.

Comparando as duas planificações, o participante 18 realizou-a sempre através de esquema; o participante 4 que não realizou a Plan 1 escolheu realizar a segunda mediante um esquema, os participantes 36, 24, 22 e 0 também não realizaram a Plan 1 mas optaram por fazer por tópicos. A única alteração passou pelo participante 26 que na Plan 1 preferiu fazer por tópicos e na Plan 2 em esquema.

Na Plan 3, 9 participantes decidiram realizaram a planificação por tópicos e dois não fizeram apesar de terem realizado a textualização. Os participantes 32 e 2 voltaram a fazer a planificação em tópicos, à semelhança do que tinham realizado na Plan 1.

Textualização

A D2 refere-se à "Reinvenção 1"¹⁷ que ocorreu depois da explicitação das fases da escrita e da explicação do uso dos conectores. A palavra mais adicionada foi a conjunção copulativa 'e'¹⁸. Os conectores 'para' e 'quando' (veja-se o exemplos seguintes) foram muito utilizados:

¹⁷ Ver TX_D2 - "Reinvenção 1" (Anexo 11).

¹⁸ Ver TX_D2 - "Reinvenção 1" (1/2) (Anexo 12).

Portugueses em Africa

Certamente, tinham chegado a África.

A caravela portuguesa ancorou em frente duma certa e pequena baía rodeada de maravilhosos arvoredos.

Por trás de um enorme rochedo encontravam-se um número reduzido de negros, que espreitavam **para** o navio, com um ar medroso.

Os marinheiros saíram da caravela juntamente com o capitão. Um português chamado Pêro Dias destacou-se de entre os marinheiros e pediu aos seus companheiros que lhe deixassem um batel e se afastassem da praia com o outro batel e assim foi.

Pêro Dias avançava passo a passo, lentamente **para** ao pé do grupo de africanos **para** tentar estabelecer contato através de lingua gestual.

E após várias tentativas falhadas, Pêro Dias começa a dançar **para** tentar estabelecer o contato com eles, e desta vez o negro aproxima-se sorrindo e com gestos indicando a Pêro Dias **para** o seguir em direção à floresta. Pêro Dias avisa os companheiros e segue caminho com o grupo de negros que levam Pêro Dias **para** um local de boas-vindas onde os africanos se juntam chegado ao pé de Pêro Dias.

Em prova de liidade e agradecimento pela visita, os africanos ofereceram três caixas com alguns especiarias, e o fim do sucedido os portugueses regressam a Antuérpia **para** deixar o capitão e seguirem viagem de regresso a Portugal.

[TX-D2-26]

A amizade entre Negros e Brancos

No meio da praia ao lado de várias palmeiras, estava lá um negro muito descansado. **Quando** o Negro começou avistar um barco com um Branco dentro dele. Mas para ter a certeza, e como o barco ainda estava longe com os seus binóculos começou a tentar perceber se era mesmo um Branco.

Porém ele enganou-se numa coisa... O barco não estava longe, estava perto.

E **quando** ele, o negro, reparou nisso começou a preparar-se porque o Branco vinha lutar. **Quando** o Branco chega tiram os dois a espada e começam a lutar. Passado algum tempo, o Negro avistou os seus amigos.

O que eles os dois não sabia era que todos eles vinham a falar.

Quando eles os dois viram aquilo largaram as espadas, foram pedir desculpa um ao outro e deram um abraço.

E então decidiram festejar.

Concluindo por outras palavras não interessa se somos negros ou brancos porque somos todos iguais.

[TX-D2-32]

A D3 diz respeito à "Reinvenção 2"¹⁹, onde a palavra mais adicionada foi o conector 'é', em termos de adição, e o segundo conector mais referido foi o 'para'²⁰ como no exemplo seguinte:

No Dia 23 de Dezembro de 1985, eu e minha família fomos viajar até ao Canadá **para** passar o natal.

Quando chegamos ao Canadá fomos **para** a casa que alugamos, logo quando chegamos a casa montamos as camas, arrumamos a casa no dia de natal estar arrumada.

Mais tarde fomos às compras, **para** comprar os preparativos para o natal. Quando votamos a casa vi minha filha com um rapaz, eu achei que eles só tavam conversando enquanto isso meu filho saltara da janela.

No dia seguinte chama-mos os familiares dela e meus e amigos. Mais tarde minha namorada fazia o Jantar e a ceia que ao ser coelho com batata cozida e a sobremesa ia ser bolos e doces.

Antes de ocorrer a ceia, arrobem a porta e atacaram a minha família, eles acabaram por dar um tiro no peito da minha filha, quando vi isso liguei logo **para** a policia prender os terroristas e a filha foi **para** o Hospital.

¹⁹ Ver TX_D2 - "Reinvenção 2" (Anexo 11).

²⁰ Ver TX_D2 - "Reinvenção 2" (1/2) (Anexo 12).

Na meia noite, do dia 24 foi ao Hospital dar um presente à filha e no dia seguinte ela sobreviveu e so podia voltar a casa.

No dia 25 eu ajoelho-me e peso a minha namorada em casamento e ela aceitou. Depois de celebrar o dia de nascimento de cristo, eu casei-me, a minha filha voltou ao normal e tudo acabem bem.

[TX-D3-14]

A D4 corresponde à "Reinvenção 3", nesta textualização a palavra que apresenta maior índice de frequência é a conjunção 'e'²¹ como se poderá confirmar no excerto seguinte:

O sonho do Rei Leandro

Há muitos anos atrás vivia no reino de Helíria um rei cujo nome era Leandro. Ele tinha três filhas com nomes de três flores, a mais velha chamava-se Amarílis, a do meio Hortênsia e a mais nova Violeta.

Era de noite, hora de jantar e o rei já satisfeito com o banquete despediu-se das filhas e dirigiu-se para o quarto para dormir.

Já era ora de acordar no reino e como sempre vinha o bobo acordar e alegrar ainda mais a manhã do rei, nessa manhã o rei estava muito pensativo e com mais uma preocupação, o bobo com era de esperar perguntou ao rei que se passava, e o rei respondeu-lhe que teria tido um sonho horrível e o bobo curioso pediu para ele contar como foi e o rei assim fez contou-lhe o sonho.

O rei contou lhe que no sonho teria ido de coche com as filhas a um restaurante e quando começou a comer começou a ficar estranho e começou a perder o paladar e lentamente foi perdendo a visão, a audição e o olfato, e que de tal forma que acordou aturduado sem saber muito bem o que tinha sonhado.

[Tx-D4-16]

²¹ Ver TX_D4 – "Reinvenção 3" (1/2) (Anexo 12).

Nesta Reinvenção 3" foram utilizados poucos conectores, visto que este trabalho foi realizado de modo assíncrono, possivelmente os discentes não realizaram a textualização com a folha de conectores por perto, como foi solicitado na realização da tarefas e ainda também quando foi explicado importância do uso dos conectores.

Revisão

Na Rev 2 aconteceu depois da explicitação das fases da escrita. Antes dos alunos iniciarem a atividade de produção escrita, foi lembrado aos discentes que devem fazer a revisão depois da textualização. Todos os alunos realizaram a revisão, isso verificou-se através do acompanhamento individual a cada aluno. A maioria dos alunos leu duas a três vezes o texto, porém outros só realizaram uma vez a leitura, nesta revisão, os intervenientes verificaram algumas falhas ao nível da ortografia, da pontuação, de sintaxe e de coerência e de sintaxe.

A Rev 3 ocorreu da seguinte forma, depois da textualização alguns alunos começaram a fazer a revisão sem ser mencionado essa fase, no entanto, foi necessário alertar os alunos para a realização deste passo no processo de escrita. Alguns participantes na sua leitura verificaram algumas falhas ao nível da ortografia, da pontuação, de sintaxe e de coerência.

A Rev 4 necessitava ter sido feita de acordo com os conhecimentos transmitidos na aula de explicitação das fases da produção escrita. Nesta revisão não foi possível acompanhá-la, pois foi realizada em modo assíncrono. Todavia, verifiquei que nas produções escritas anteriormente alguns alunos realizaram pelo menos uma leitura ao

texto que produziram sem ser necessário lembrá-los de ter que passar por essa fase, por esse motivo, acredito que alguns dos alunos lerem a "Reinvenção 3", porque a maioria dos textos não tinha muitas falhas, a maioria delas estavam relacionadas com a coerência, com a pontuação, acentuação.

Retextualização

Dando continuidade à retextualização, a Retex 2, assim como na Retex 1, os alunos apenas corrigiram os erros de pontuação, acentuação, repetição e de coerência. Relativamente à Retex 3, os alunos apresentaram as mesmas falhas.

Para concluir, na Retex 4, foi pedido aos discentes para corrigirem os erros exibidos na sua "Reinvenção 3" que se referem ao nível da sintaxe, coerência, pontuação, repetição e de acentuação.

4.4. Análise comparativa das duas turmas

Após a análise de cada turma, em seguida far-se-á uma comparação entre as duas turmas relativamente às planificações e às produções escritas antes e depois do ensino explícito das fases da escrita e do uso de conectores.

Na D1, ambas as turmas apresentam um índice de utilização do mesmo conector de adição "e", contudo foi na turma X que foi mais vezes mencionado. No caso do segundo conector mais utilizado, a turma Z optou pelo 'para' e a turma X pelo 'mas' assim como o conector 'para'.

Depois do ensino explícito das fases de produção escrita, os alunos começaram por realizar as planificações; nesse sentido, verificamos que a turma Z na Plan1 utilizou sempre o mesmo método, por tópicos. Porém, na turma X apenas um interveniente utilizou esquema, sendo que foi o único a utilizar na Plan1.

Relativamente à Plan2 da turma Z e à Plan3 da turma X, já houve algumas alterações na realização das planificações. Assim, na turma X, na Plan3, os alunos escolheram todos o mesmo modelo: tópicos.

Desta forma, conseguimos observar na Plan1, Plan2 e Plan3 que o modelo mais utilizado para realizar as planificações foi por tópicos, sendo assim, os participantes consideraram o modelo mais fácil para organizarem a fase seguinte, a textualização.

Na D2 ambas as turmas apresentaram a mesma palavra de adição e, mais uma vez, foi o conector "e". O segundo conector mais utilizado, na turma X, na D1, foi a conjunção coordenativa adversativa 'mas' e conector de finalidade 'para', enquanto que na turma Z foi o 'para'.

Apesar de a palavra de ligação adicionada em todas as produções textuais ter sido a conjunção copulativa 'e', os participantes fizeram um enorme esforço para diversificar a utilização dos restantes conectores apresentados na ficha de conectores.

Quanto à revisão, ambas as turmas realizaram do mesmo modo, fazendo uma ou mais leituras. Porém, foi preciso lembrar a alguns alunos que era necessário realizar a revisão.

Na retextualização, a duas turmas apresentaram o mesmo tipo de correções ao nível da sintaxe, coerência, repetição de palavras, erros ortográficos, bem como letras maiúscula no início das frases e como os nomes próprios.

4.5. Questionário: percepção dos alunos sobre a didatização

O último instrumento de recolha de dados foi o Questionário aplicado com recurso à ferramenta digital *google forms*. "Questionário: percepção dos alunos sobre as fases da produção escrita²².

O questionário é constituído por cinco perguntas que apresentam três opções de escolha. Para as primeiras quatro perguntas as respostas possíveis são: "sim", "não" e "talvez", sendo que para a última questão as opções de resposta são: "sim", "não" e "às vezes". Neste questionário as respostas não estão certas nem erradas.

Este instrumento de recolha de dados, cujas respostas se encontram sob forma de gráfico²³, foi aplicado no final do ano letivo.

Ao questionário responderam 23 participantes: assim, na turma X, responderam 11 participantes e, na turma Z, responderam 12 participantes. O questionário foi respondido em ensino não presencial de modo assíncrono, por esse motivo, a maior parte dos alunos não respondeu.

No quadro seguinte é possível verificar as respostas dadas pelos alunos de ambas as turmas:

²² Ver anexo 13.

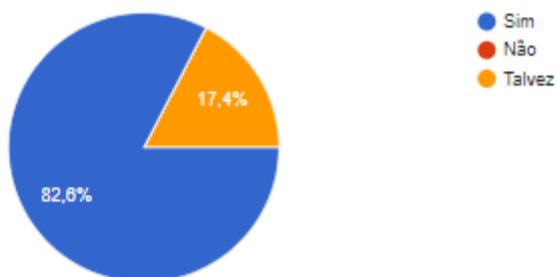
²³ Ver anexo 14.

Quadro 7: Questionário: perceção dos alunos sobre as fases de produção escrita

Questão	Sim	Não	Talvez	Às vezes
1. Consideras importante o estudo das fases de produção escrita?	19	—	4	—
2. Consideras que a planificação é essencial para a produção textual?	14	5	4	—
3. Depois de fazeres a planificação e, em seguida, a textualização, consideras o teu texto melhor?	12	1	10	—
4. A revisão do texto escrito é importante para melhorares o texto?	21	—	2	—
5. Depois da aprendizagem das fases da escrita, passaste a utilizar este método em todos os textos que produzes na disciplina de Português?	5	—	—	18

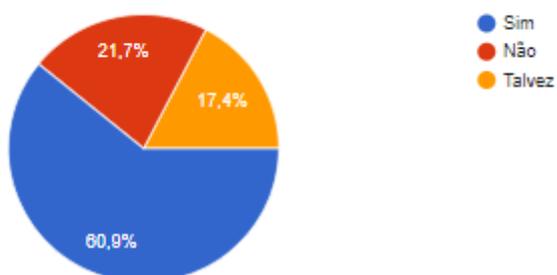
Como se pode confirmar no quadro acima, no que diz respeito à necessidade de se ensinar as fases de produção escrita, conforme as respostas à Quest 1 (Gráfico 1), a maioria dos alunos entende que “sim”.

Gráfico 1: Importância do estudo das fases da escrita



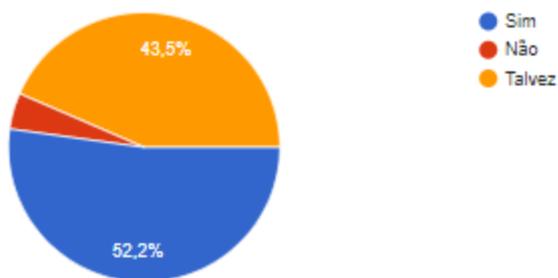
Quanto à Quest 2 (Gráfico 2) sobre a planificação, novamente a maioria dos alunos respondeu "sim", havendo 21,7% que não valoriza esta etapa.

Gráfico 2: Importância da planificação



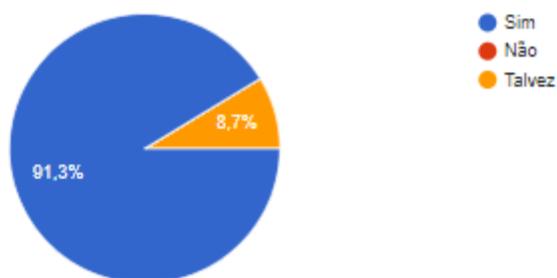
Relativamente à Quest 3 (Gráfico 3), no âmbito da autoavaliação sobre a versão final do texto após as várias fases da produção escrita, a diferença entre a provação e a dúvida não é tão distante: 52,2% responderam “sim” e 43,5% assinalou a resposta “talvez”.

Gráfico 3: Apreciação da produção escrita final



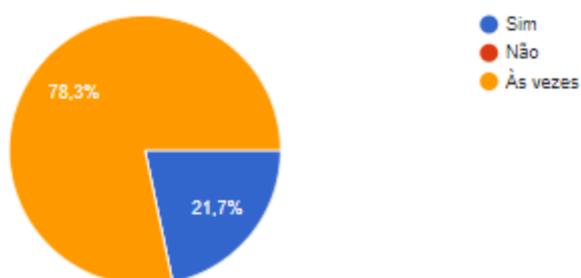
Na Quest 4 (Gráfico 4) sobre a revisão do texto, 91,3% não tem dúvidas sobre a sua relevância.

Gráfico 4: Importância da revisão



Por fim, na Quest 5 (Gráfico 5), 78,3% dos alunos respondeu que passou a usar o método das várias fases da escrita "às vezes".

Gráfico 5: Continuidade da aplicação das fases da escrita



De um modo geral, os participantes consideram importante o estudo das fases da escrita para a produção de um texto. Além disso, mais de metade dos participantes que respondeu ao questionário avaliou positivamente a planificação para a construção de um texto. Metade dos discentes considerou que o texto fica melhor se, em primeiro lugar, realizarem a planificação e passarem depois para a textualização. Acresce o facto de mais de 90% considerar a revisão essencial no final da produção textual; porém, mais de 70% só "às vezes" é que utiliza estes passos no processo de escrita.

Pelas respostas facultadas pelos discentes, a didatização relativa ao estudo das fases da produção escrita obteve resultados positivos no desenvolvimento da competência escrita dos alunos.

4.6. Consideração finais

Inúmeras atividades e exercícios relacionados com as fases da escrita podiam ter sido mais explorados, assim como o uso dos conectores, visto que este domínio é trabalhado pontualmente. Assim, recomendar-se-ia uma regularidade nas aplicações didáticas para que a aprendizagem ficasse mais consolidada.

Tanto na turma Z como na turma X verificou-se que, globalmente, todos alunos aderiram muito bem às fases da produção escrita e ao uso dos conectores. Na utilização dos conectores alguns discentes fizeram um esforço para tentar diversificar os vários tipos de conectores que lhe foram propostos na ficha informativa.

Os alunos, ao longo deste ano, revelaram uma progressão relativamente à forma como planificavam um texto, visto que alguns deles só o realizavam quando era solicitado pela professora. Neste seguimento, inicialmente, a revisão não era muito habitual nas produções escritas, mas depois esta etapa começou a tornar-se rotineira.

Quanto aos conectores, se, por um lado, muitas categorias não foram utilizadas, por outro, muitos alunos decidiram diversificar o seu uso.

Na realidade, a aplicação didática sobre as fases da produção escrita, assim como a utilização do uso dos conectores, foi muito bem recebida e praticada pela maioria dos alunos, visto que não era um processo que já tivessem aprendido.

Houve claramente um grande empenho dos alunos em relação à aprendizagem das fases da expressão escrita e ao uso dos conectores. Neste sentido, considera-se que a maior parte dos discentes vai passar a recorrer às fases de produção escritas na produção dos seus textos.

Caso o ensino presencial se tivesse mantido, teria sido realizada mais uma didatização nas duas turmas relativamente ao ensino explícito dos conectores. Desta vez, esses exercícios previam que se identificasse o conector e a sua categoria através do texto em estudo. Estes exercícios tinham como objetivo familiarizar os alunos com as diferentes categorias das palavras de ligação, para que se observasse a sua aplicação na textualização.

Deste modo, conclui-se a análise de dados referentes às duas turmas e prossegue-se para a conclusão do presente relatório.

Conclusão

Durante a fase de didatização houve algumas dúvidas em relação ao modo como devia ser aplicado o tema. Apesar disso, com o decorrer do estágio, através das orientações das professoras orientadoras, da escola e da faculdade, e à medida que desenvolvia mais planos de aula, essas fragilidades, dúvidas foram diminuindo.

Um aspeto muito positivo foi a forma como os alunos mostraram interesse e aderiram às atividades. Eram alunos bastante respeitadores e interessados, o que facilitou uma prática letiva mais descontraída.

Na verdade, o domínio da escrita ainda tem pouco tempo atribuído na disciplina de Português. Entre as várias razões, o tempo que requer e a gestão das orientações programáticas levam a que se despenda menos tempo do que seria necessário para que os alunos desenvolvam mais a competência escrita; este domínio exige bastante tempo e treino.

Muitas das produções escritas estavam relacionadas com os conteúdos que eram lecionados e tinham o objetivo de verificar de que modo o tema tinha sido compreendido. No que diz respeito, à minha experiência, enquanto aluna, não tive a sorte de trabalhar o domínio da escrita, apenas tinha a possibilidade de a trabalhar na parte escrita do teste de avaliação.

O ensino explícito das fases de produção escrita deve ser começado a trabalhar desde o ensino básico, com o objetivo de preparar melhor os alunos no domínio da escrita. e ainda dedicar mais aulas para se trabalhar a escrita, visto que para uma atividade complexa e exigente é necessário bastante prática dentro e fora da sala de aula; por esse

motivo, o trabalho realizado com recurso às tecnologias digitais poderá ser complementar às tarefas desenvolvidas nas aulas.

Na finalização deste relatório, na qualidade de professora-estagiária, a aprendizagem desenvolvida, ampliada e consolidada será fulcral para a atividade profissional docente. Este ano de estágio permitiu tomar consciência da experiência pedagógica. Na verdade, possibilitou que compreendesse a importância crucial do contacto e interação com os alunos. A mudança para o ensino não presencial acentuou, sem dúvida, essa perceção.

Referências bibliográficas

Barbeiro, L. (2000). *Profundidade do processo de escrita*. Educação & Comunicação, 5, 64-76.

Barbeiro, L. F., & Pereira, L. Á. (2007). PNEP. *O Ensino da Escrita. A Dimensão Textual*. Lisboa: Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Bogdan, R. & Biklen, S. (2013). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.

Borges, S. M. M. (2011). *A Estrutura Narrativa escrita em Crianças com Diferentes Línguas e a mesma Língua de Escolarização*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Instituto Politécnico de Lisboa.

Camps, A. (2003). O ensino e a aprendizagem da composição escrita. In Lomas, C. *O valor das palavras (I) Falar, ler e escrever nas aulas*. Porto: Asa Editores, S.A. (202- 218).

Carvalho, J. A. B. (2003). *Escrita: Percursos de Investigação*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

Carvalho, J. A. B. (2013). A Escrita na Escola: Uma Visão Integradora. *Interações*, 27, 186-206.

Colello, S. M. G. (2007). A Construção do Conhecimento no Ensino da Língua Escrita: da Teoria à Prática. *Revista Internacional d'Humanitats* 13, 15 (4), 36-57.

Fonseca, I. F. (1994). *A Urgência de Uma Pedagogia da Escrita*. MÁTHESIS 1, 223-251.

<https://revistas.ucp.pt/index.php/mathesis/article/view/3691> [consultado em 20-12-2019].

Lopes, A. C. M e Carapinha, C. (2013). *Texto, Coesão e Coerência*. Coimbra: Almedina.

Morgado, J. C. (2012). *O Estudo de Caso na Investigação em Educação*. Santo Tirso: De Facto Editores.

Silva, P. N. (2012). *Tipologias textuais. Como classificar textos e sequências*. Coimbra: Edições Almedina, S.A.

Sousa, O. C. (2015). *Textos e Contextos: Leitura, Escrita Narrativa e Cultura Letrada*. *Journal of Chemical Information and Modeling* (1.ªed.). Porto: Media XXI.

Vieira, A. G. (2001). Do Conceito de Estrutura Narrativa à sua Crítica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3), 599-608.

Referências bibliográficas eletrónicas

Aprendizagens Essenciais – Ensino Básico (2018-2019)

<http://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-basico> [consultado em 20-11-2019].

Escola Básica Ferreira Pinto Basto, *Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Ílhavo*

(2016-2019), em <https://ecoescolas.abae.pt/escola/escola-eb-23-jose-ferreira-pinto-basto/> [consultado em 25-10-2019].

Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (2017)

https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf [consultado em 16-11-2019].

Anexos

Anexo 1: Documento orientador do ensino não presencial (1/8)



ROTEIRO

8 Princípios Orientadores para a Implementação do Ensino a Distância (E@D) nas Escolas

Com o objetivo de garantir que todas as crianças e todos os alunos continuam a aprender no presente contexto, este roteiro consubstancia um instrumento de apoio às Escolas, na conceção da melhor estratégia e Plano de Ensino a Distância (E@D), tendo em conta a sua realidade e o curto espaço de tempo de que dispõem.

O processo constitutivo e a respetiva implementação de um Plano de E@D preveem diferentes fases de preparação, debate interno, reflexão, levantamento e definição dos meios tecnológicos, entre muitos outros fatores, assumindo-se como um processo dinâmico e de melhoria constante.

A estrutura deste roteiro segue uma lógica sequencial de implementação do Plano E@D, apresentando um conjunto de orientações e recomendações, para um contexto único, nunca antes perspetivado.

Cabe a cada Escola, em função da fase em que se encontre e da sua realidade, refletir sobre os princípios apresentados e desenvolver o seu Plano E@D, encontrando as respostas mais adequadas e potenciadoras do sucesso educativo dos alunos.

Trabalhamos todos com a certeza de que a escola não está sozinha e pode sempre contar com o apoio das equipas de proximidade e dos serviços centrais, através do email apoioescolas@dge.mec.pt.





1. Mobilizar para a mudança

1.1. Envolver a comunidade educativa na procura do Plano E@D mais adequado à Escola.

No processo de mudança para o ensino a distância, o envolvimento de todos os atores educativos na tomada de decisão – direção, conselho pedagógico, coordenadores dos diretores de turma, de estabelecimento, de educação pré-escolar, de educação para a cidadania, coordenadores de departamento, diretores de turma, professores, diretores de curso, centros de recursos para a inclusão, entidades promotoras de atividades de enriquecimento curricular, pais/encarregados de educação, representantes de alunos - levá-los-á a uma melhor apropriação das ações a desenvolver.

1.2. Definir um Plano de E@D adequado aos recursos disponíveis e ao público-alvo.

O desenvolvimento de um plano de E@D é um processo em constante construção, alicerçado na procura permanente das melhores respostas às características de cada comunidade escolar, quer ao nível tecnológico quer das suas competências digitais.

Um Plano de E@D poderá conter as seguintes etapas:

- a) Definição das estratégias de gestão e liderança;
- b) Estratégia e circuito de comunicação;
- c) Modelo de ensino a distância;
- d) Plano de monitorização e avaliação.

Independentemente da sua estrutura e modos de ação, o plano E@D deve ter como intenções chegar a todas as crianças e a todos os alunos, bem como a boa prossecução dos objetivos estabelecidos no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* e nas *Aprendizagens Essenciais*, recorrendo aos meios necessários para tal. Quando se concebe o plano para todos os alunos, este deve ter em conta os princípios já existentes no desenho de medidas universais, seletivas e adicionais que já tinham sido adotadas no âmbito da educação inclusiva.

1.3. Mobilizar parceiros disponíveis para colaborar.

A articulação com a edilidade e/ou com outros parceiros, por exemplo, as Juntas de Freguesia, as Bibliotecas, as Associações de Pais, as Associações de Solidariedade Social, os Bombeiros, os



<http://apoiocriativa.dge.mec.pt>



mediadores do Programa Escolhas, os mediadores de ONG, as organizações da Economia Social, entre outros, podem ser uma forma para chegar a todas as crianças e a todos os alunos.

Esta dimensão assume principal relevância para os alunos com problemas de conectividade e infraestrutura e/ou menor acompanhamento familiar.

1.4. Definir um papel para as lideranças intermédias na definição e concretização das orientações pedagógicas.

As lideranças intermédias assumem um papel essencial no E@D, designadamente:

- a) os coordenadores de ciclo/departamento e os diretores de curso, nas questões do acompanhamento e da concretização das orientações pedagógicas;
- b) os diretores de turma, na organização e gestão do trabalho do conselho de turma/equipas pedagógicas.

O diretor de turma desempenha uma função central ao nível da articulação entre professores e alunos. Organiza o trabalho semanalmente, centraliza a função de distribuir as tarefas aos alunos e garante o contacto com os pais/encarregados de educação.

Para apoiarem os docentes, os coordenadores devem demonstrar confiança no seu trabalho em curso, bem como transmitir tranquilidade e disponibilidade para esclarecimentos.

1.5. Constituir uma equipa de apoio para dar resposta/organizar questões emergentes.

No sentido de agilizar o processo de decisão e a concretização das ações previstas, sugere-se a criação de uma equipa de apoio com diferentes valências, designadamente ao nível das decisões pedagógicas e do apoio tecnológico.

2. Comunicar em rede

2.1. Estabelecer um circuito de comunicação eficaz, dirigido a todos os intervenientes da comunidade escolar.

Todas as ações e atividades de comunicação deverão:



<http://policies.dge.mec.p>

- a) nortear-se por uma mensagem central;
- b) adequar-se aos destinatários;
- c) seguir uma estratégia;
- d) ser transmitidas nos momentos e através dos meios/canais mais adequados.

Deve ser claramente definido o papel de cada um, neste processo, bem como as formas de organização de reuniões/encontros/esclarecimentos.

3. Decidir o modelo de E@D

3.1. Decidir qual a mancha horária semanal a cumprir pelos alunos: fixa ou flexível, incluindo os necessários tempos de pausa.

Na conceção do horário dos alunos no E@D, deverão ser equacionados os seguintes aspetos:

- mancha horária semanal fixa ou flexível;
- adaptação da carga horária semanal de cada disciplina/UFGD;
- definição do tempo de intervalo entre cada tarefa proposta (tarefas com um máximo de 20/30 minutos, conforme as faixas etárias);
- flexibilidade temporal na execução das tarefas;
- diferentes ritmos de aprendizagem.

3.2. Organizar as equipas pedagógicas/os conselhos de turma para conceber o plano de trabalho dos alunos.

Em alinhamento com as orientações pedagógicas da escola, as equipas pedagógicas/os conselhos de turma concebem um plano de trabalho semanal para cada grupo/turma, sob a orientação do coordenador de estabelecimento/diretor de turma ou do diretor de curso.

3.3. Equacionar a realização de modos de trabalho a distância, recorrendo com ponderação às sessões síncronas.

O E@D pode desenvolver-se através da realização de sessões síncronas e assíncronas, para:



<http://repositorio.dge.mec.pt>



- orientação educativa dos alunos (o que se pretende com cada tarefa, quais as páginas do manual a consultar, de que modo podem colaborar com os colegas, onde podem pesquisar informação adicional, como autorregularem o seu trabalho, por exemplo, através de um portefólio);
- esclarecimento de dúvidas, com horário fixo semanal, para o estabelecimento de rotinas e conferir segurança aos alunos.

4. Colaborar e articular

4.1. Promover a interajuda entre professores.

Neste momento de rápidas mudanças, a partilha e colaboração entre pares assume particular importância. Importa, pois, incentivar a colaboração e o espírito de equipa, conferindo, assim, segurança aos professores, num momento de experimentação de novos modos de ensinar.

5. Metodologias de Ensino

5.1. As metodologias de ensino desenvolvidas no E@D devem ser apelativas e mobilizadoras dos alunos para a ação.

As metodologias de ensino a distância deverão ser diversificadas, enquadradoras, propiciar a apresentação de exemplos e fomentar a autorreflexão e o trabalho autónomo.

No equilíbrio articulado entre as diferentes disciplinas, deve ser equacionado o tempo global que se prevê que os alunos dediquem à aprendizagem, prevendo um equilíbrio dado a diferentes estratégias e ponderando o trabalho que pode ser feito síncrona e assincronamente, tendo em conta que as atividades e métodos a desenvolver não podem depender do papel e competências dos encarregados de educação, considerando as suas diferentes possibilidades e capacidades.

5.2. Desenvolver metodologias de ensino que promovem um papel ativo dos alunos na procura de novas aprendizagens.

A mobilização dos alunos para as aprendizagens poderá passar pelo desenvolvimento de projetos interdisciplinares, que levem os alunos a mobilizar as aprendizagens de várias disciplinas/componentes



<http://apoiarscolar.dge.mec.pt>



de formação/UFCD. Por exemplo, poderão ser apresentadas tarefas centradas em questões-problema, estudos de caso, projetos, entre outros.

5.3. Fomentar o desenvolvimento das áreas de competências do *Perfil dos Alunos*.

No E@D, adquire particular relevância o desenvolvimento das competências do *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, alicerçado nos valores e princípios que apresenta.

A título exemplificativo, poderão ser desenvolvidas as seguintes áreas de competências:

Informação e comunicação; relacionamento interpessoal; pensamento crítico e criativo; desenvolvimento pessoal e autonomia; bem-estar, saúde e ambiente. A este propósito, é de referir que o E@D é uma modalidade que permite que competências transversais e interdisciplinares sejam trabalhadas de forma integrada e articulada, através da diversificação de formas de trabalho.

6. Selecionar os meios tecnológicos de E@D

6.1. Encontrar os meios tecnológicos que auxiliam o ensino a distância sem inundar os alunos de múltiplas soluções de comunicação.

Para o desenvolvimento das atividades de E@D, deve ser criada uma equipa de apoio tecnológico que organiza os meios, dá orientações e capacita os professores, sobre soluções de comunicação. Deve, entre outros aspetos, evitar-se uma dispersão por plataformas e formas de cooperação.

6.2. Recorrer aos meios tecnológicos já utilizados anteriormente pelos professores e pelos alunos.

Independentemente de uma seleção de plataforma específica de apoio ao ensino e à aprendizagem por cada Escola, deverão ser rentabilizados os meios tecnológicos com os quais todos estão familiarizados, tais como email, programa de gestão de alunos, blogues, entre outros.

6.3. Disponibilizar apoio técnico e pedagógico aos professores, tendo em vista a utilização dos meios tecnológicos.

Para o desenvolvimento das atividades de E@D, deve ser criada uma equipa de apoio tecnológico e pedagógico que organiza os meios e, posteriormente, apoia de forma personalizada os professores.



<http://www.escolas.dge.mec.pt>



6.4. Capacitar os professores para a utilização dos meios tecnológicos selecionados.

A partir do diagnóstico das necessidades de cada Escola, a equipa de apoio tecnológico pode dinamizar pequenas sessões de capacitação/esclarecimento ou realizar tutoriais, webcasts, entre outras. Adicionalmente, deve ser incentivada a partilha de práticas entre professores.

7. Cuidar da comunidade escolar

7.1. Desenvolver atividades promotoras do sentimento de pertença à turma.

Manter a ligação à escola e ao grupo/à turma implica construir espaços em plataformas digitais, para divulgação dos trabalhos efetuados pelas crianças/pelos alunos, bem como fomentar o estabelecimento de comunicações regulares entre professores e alunos e entre alunos. Na educação pré-escolar e no 1.º ciclo, este aspeto assume particular importância.

7.2. Pensar no desenvolvimento do bem-estar emocional dos alunos e na promoção da confiança face à escola, enquanto se aprende a partir de casa.

O desenvolvimento de atividades a distância com os alunos deve centrar-se na criação de rotinas de trabalho, que confirmem segurança aos alunos, e que são diferentes das presenciais. Paralelamente, deverão ser desenvolvidas atividades de carácter lúdico, que promovam o bem-estar emocional do aluno, tais como o envio de mensagens em suporte vídeo, sms ou papel.

7.3. Prevenir situações de isolamento de alunos

O contacto entre alunos através de espaços digitais, ou outros meios tecnológicos, é essencial para a manutenção das interações sociais e da sua motivação para a realização das tarefas. As atividades propostas deverão contemplar espaços de interação e de convívio, promovendo o trabalho de grupo e quebrando o isolamento em que os alunos se encontram. É importante prever o papel a desempenhar pelos psicólogos e pelos professores que apoiavam os alunos no apoio tutorial específico, mobilizando todos os recursos disponíveis.

7.4 Incentivar a interajuda entre os alunos.

Nesta fase, a interajuda é primordial, devendo ser promovidas técnicas de colaboração entre alunos, quer ao nível da realização das tarefas quer ao nível da regulação interpares.



<http://apoioscolares.dge.mec.pt>



Poderão ser atribuídas funções específicas aos alunos de uma turma, mediante as suas competências.
Exemplos: consultores digitais, que auxiliam os seus colegas na utilização dos meios tecnológicos;
delegado de turma, que fomenta a participação dos colegas na execução das tarefas propostas e ajuda a monitorizá-las, entre outros.

8. Acompanhar e monitorizar

8.1. Prever formas de monitorização.

No sentido de permitir a monitorização e a regulação do plano E@D em cada escola, importa:

1. Criar uma equipa responsável por este trabalho (sugere-se um máximo de 3 pessoas), com consulta regular aos alunos;
2. Definir indicadores de qualidade e de quantidade, bem como de periodicidade de recolha.

Como indicadores de qualidade, poderão optar pela monitorização do grau de satisfação dos docentes, dos alunos e dos pais/EE, bem como a qualidade do feedback dado a alunos, visando a monitorização das aprendizagens.

Como indicadores de quantidade, poderão optar, por exemplo:

- taxa de concretização das tarefas propostas pelos professores; - n.º de tarefas enviadas pelos professores, em função do plano de trabalho elaborado; - disponibilização de meios tecnológicos de E@D; - apoio ao desenvolvimento de competências digitais de professores e de alunos;
- desenvolvimento de mecanismos de apoio, dirigidos aos alunos sem computador e ligação à internet em casa.

Informação adicional

Sítio de Apoio às Escolas - <https://apoioescolas.dge.mec.pt/>

10 Recomendações sobre o ensino a distância da Unesco

OCDE, Education responses to covid-19: Embracing digital learning and online collaboration, 23 de março de 2020

meDe, Missão Estratégica Digital da Escola, ANPDI



<https://apoioescolas.dge.mec.pt>

Anexo 2: Ficha informativa de conetores textuais (1/1)

Adição	E, pois, além disso, e ainda, não só...mas também, por um lado... por outro (lado)
Causa	Pois, pois que, porque, por causa de, dado que, já que, uma vez que, <u>porquanto</u>
Certeza	É evidente que, certamente, decerto, com toda a certeza, naturalmente, evidentemente
Consequência	Por tudo isto, de modo que, tanto... que, de tal forma <u>que</u>
Conclusão	Portanto, logo, enfim, em conclusão, concluindo, em suma
Chamar a atenção	Note-se que, atente-se em, repare-se, veja-se, constate-se
Dúvida	Talvez, é provável, é possível, provavelmente, possivelmente, porventura
Enfatizar	Efectivamente, com efeito, na verdade, como vimos
Esclarecer	(não) significa isto que, quer isto dizer, não se pense que, com isto não pretendemos
Exemplificar	Por exemplo, isto é, como se pode ver, é o caso de, é o que se <u>passa com</u>
Fim	Para, para que, com o intuito de, a fim de, com o objectivo de
Hipótese, condição	Se, a menos que, supondo que, (mesmo) admitindo que, salvo se, excepto se
Ligação espacial	Ao lado, sobre, à esquerda, no meio, naquele lugar, o lugar onde
Ligação temporal	Após, antes, depois, em seguida, seguidamente, até que, quando
Opinião	A meu ver, estou em crer que, em nosso entender, <u>parece-me que</u>
Oposição, restrição	Mas, apesar de, no entanto, porém, contudo, todavia, por outro lado
Reafirmação, resumo	Por outras palavras, ou melhor, ou seja, em resumo, em suma
Semelhança	Do mesmo modo, tal como, assim como, pela mesma razão

Bianchi, Aida e Felgueiras, Anabela, *O Essencial do 12º Ano, Português B*, Ed. Asa, 2004.

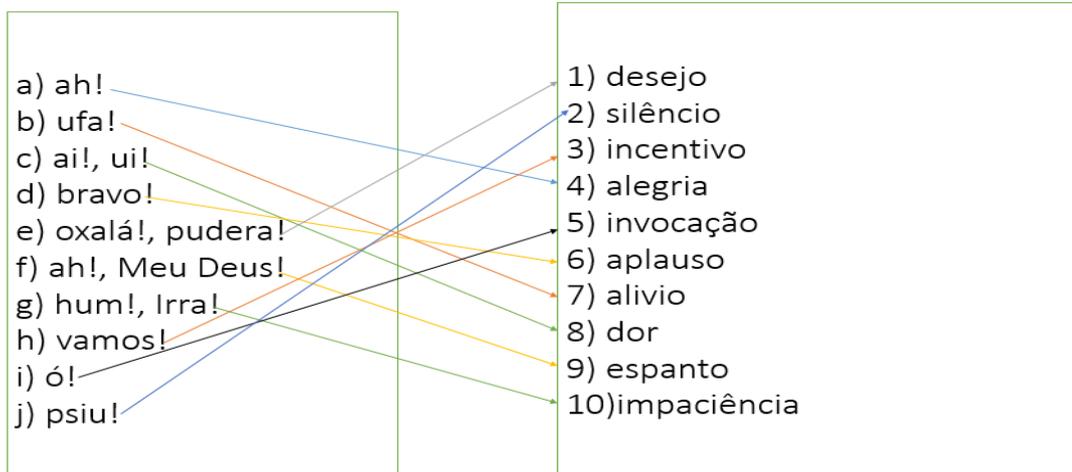
Anexo 3: Folha de correção das produções textuais (1/2)

ESCRITA

PONTUAÇÃO		DESCRIÇÃO DOS NÍVEIS DE DESEMPENHO				
		5	4	3	2	1
PARÂMETROS						
Tema e Tipologia	A	Cumprir integralmente a instrução no que se refere ao tema (uma situação em que as personagens principais se deparam com obstáculos e revelem coragem na tomada de decisões) e ao tipo de texto (narrativo). Trata todos os aspetos solicitados.	NÍVEL INTERCALAR	Cumprir parcialmente a instrução no que se refere ao tema e ao tipo de texto. Trata apenas alguns dos aspetos solicitados.	NÍVEL	Seguir a instrução de forma insuficiente no que se refere ao tema e ao tipo de texto. Trata parcialmente alguns dos aspetos solicitados. OU Cumprir apenas uma das instruções (tema ou tipo de texto).
	B	Produz um discurso coerente, com informação relevante e progressão evidente. Redige um texto em que respeita plenamente os aspetos solicitados (título e acontecimentos).		Produz um discurso globalmente coerente, com desvios, redundâncias ou omissões que não afetam a lógica do conjunto. Redige um texto em que respeita parcialmente os aspetos solicitados, com alguns desvios e/ou com alguma ambiguidade.		Produz um discurso inconsistente, com informação irrelevante, não requerida, ambígua ou confusa. Redige um texto que desrespeita quase totalmente os aspetos solicitados.
	C	Redige um texto com uma estrutura bem definida, revelando domínio sólido dos mecanismos de coesão textual. Por exemplo: • Garante a manutenção das conexões entre as coordenadas de enunciação (tempo, espaço, pessoa); • Usa processos variados de articulação interfrásica (conectores, substituições nominais/ pronominais). Segmenta as unidades de discurso (com parágrafos, com períodos,...), de acordo com a estrutura textual definida.		Redige um texto com uma estrutura satisfatória, revelando domínio suficiente dos mecanismos de coesão textual. Por exemplo: • Assegura, por vezes com descontinuidades, as conexões entre as coordenadas de enunciação; • Usa, essencialmente, processos de articulação interfrásica comuns, que, ainda assim, consegue diversificar. Segmenta de forma globalmente adequada as unidades de discurso. Utiliza os sinais de pontuação, sem seguir sistematicamente as regras.		Redige um texto sem estruturação aparente. Organiza o texto de forma muito elementar (com frequentes ruturas de coesão). Utiliza os sinais de pontuação de forma assistemática e com

		Utiliza corretamente os sinais de pontuação, seguindo sistematicamente as regras.		infrações de regras elementares.
Morfologia e Sintaxe	D	<p>Manifesta segurança na construção de frases, evidenciando domínio de regras de concordância, de propriedades de seleção, de flexão e de ordem de palavras.</p> <p>Recorre a várias estruturas sintáticas complexas na estruturação dos períodos.</p>	<p>Manifesta alguma segurança na construção de frases, apresentando incorreções pontuais no domínio de regras de concordância, de propriedades de seleção, de flexão e de ordem de palavras.</p> <p>Recorre a algumas estruturas sintáticas complexas na estruturação dos períodos.</p>	<p>Manifesta pouca segurança na construção de frases, apresentando incorreções graves no domínio de regras de concordância, de propriedades de seleção, de flexão e de ordem de palavras.</p> <p>Recorre a um leque muito limitado de estruturas sintáticas complexas.</p>
Repertório Vocabular	E	Utiliza vocabulário variado e adequado.	Utiliza vocabulário adequado, ainda que pouco variado, e com inadequações pontuais.	Utiliza vocabulário muito elementar, restrito e redundante, e com inadequações que podem afetar a inteligibilidade do texto.
Ortografia	F	Escreve com correção ortográfica ou com eventual ocorrência de um erro em 50 palavras.	Escreve com alguns erros ortográficos, cuja frequência se mantém na proporção de 4 erros em 50 palavras.	Escreve com um elevado número de erros ortográficos, cuja frequência se mantém na proporção de 7 erros em 50 palavras.

Anexo 4: Plano de aula 4 (1/3)



1.1. Provavelmente, a avó sentia-se confiante e orgulhosa porque estava com o seu neto.

2. A avó e o neto tinham entre si uma relação de grande afeto, sendo que cada um tomava conta do outro.

2.1. O neto sentia-se seguro com avó (que via e o avisava dos perigos circundantes), a sua presença transmitia-lhe segurança, ao mesmo tempo que lhe dava liberdade e autonomia. A avó também se sentia deslumbrada e segura ao ver o neto, pois este lembrava-lhe o passado. Para além disso, devido à sua experiência de vida, sentia-se “mestra” do seu neto.

6.1. A avó conclui que se aflige de mais e que dramatiza as coisas, desnecessariamente.

7.1. a) 1- 17

b) Ida da avó e do neto à praia; caracterização da avó.

c) 18-121

d) Dificuldades com que a avó e o neto se deparam devido à perda dos óculos por parte da avó e do levantar do vento (o neto magoa-se, ambos se perdem no areal).

e) 122-134

3. A avó e o neto deparam-se com o levantar súbito do vento.

3.1. O levantar do vento revela-se uma grande dificuldade para a avó, que deixa de controlar a situação e de conseguir proteger eficazmente o neto.

4. D, F, A, C, B, E

5.1. A avó e o neto avistam um cão conhecido, é o cão do senhor Lourenço.

5.2. Ao comparar o café do senhor Lourenço a um farol, o narrador sugere que, se a avó avistasse o café, deixaria de estar perdida.

f) Saída de apuros por parte da avó e do neto; reflexão final da avó.

7.2. “Muitos anos atrás, avó perdera uma criança [...] Durante muito tempo, não soube onde estava, quando lhe vieram dizer que perderá a criança.” (II. 99-105)

8. a.; b.

Página 176

Gramática

1. “Louvado Deus” (I. 124)

1.1. Esta locução interjetiva exprime a ideia de alívio e gratidão.

2. a. – Ah! Que coisa, disse a avó.
- b. – Ai, dói-me o pé, disse o neto.
- c. – Coragem, vamos descansar um pouco, disse ela ofegante.
- d. – Avó, olha o cão do senhor Lourenço, ufa!

3. Oxalá, avó, o cão do senhor Lourenço nos leve até ao seu café!



agrupamento
de escolas
de Ilhavo

Escola Básica José Ferreira Pinto Basto

Português 2019/20

Nome: _____ N.º: _____ Ano: _____ Turma: _____

Como defines uma avó/ um avô?

Anexo 5: Plano de aula 6 (1/11)



Escola Básica José Ferreira Pinto Basto

Português 2019/20

Texto

Era o dia 24 de Dezembro, um dos dias mais curtos do ano, e ele caminhava com grande pressa, pois queria aproveitar as poucas horas de luz.

Antes da meia-noite, sem falta, tinha de chegar à sua casa na clareira de bétulas.

E ao fim de três quilómetros de marcha, cheio de confiança, penetrou na grande floresta. A alegria de estar já tão perto dos seus fazia-lhe esquecer o cansaço e o frio.

Mas agora, depois de quase dois anos de ausência, a floresta parecia-lhe fantástica e estranha. Tudo estava imóvel, mudo, suspenso. E o silêncio e a solidão pareciam assustadores e desmedidos.

O Inverno tinha despido as árvores, e os ramos nus desenhavam-se negros, esbranquiçados, avermelhados. Só os pinheiros cobertos de agulhas continuavam verdes. Eram daqueles pinheiros do Norte que se chamam abetos, que são largos em baixo e afilados em cima, que têm o tronco coberto de ramos desde o chão e crescem em forma de cone da terra para o céu.

A neve apagara todos os rastros, todos os carreiros. E através do labirinto do arvoredo o Cavaleiro procurava o seu caminho. O seu plano era chegar ainda com dia a uma pequena aldeia de lenhadores que ficava perto do rio que passava junto da sua casa. Uma vez encontrado esse rio, mesmo de noite, não se poderia perder, pois o curso gelado o guiaria.

A medida que avançava, os seus ouvidos iam-se habituando ao silêncio e começavam a distinguir ruídos e estalidos. Era um esquilo saltando de ramo em ramo, uma raposa que fugia na neve. Depois ao longe, entre os troncos das árvores, avistou um veado. Caminhava em direção ao nascente e ao fim de uma hora encontrou na neve rastros frescos de trenós.

— Bom sinal — pensou ele —, não me enganei no caminho.

De facto, seguindo esses rastros, depressa chegou à pequena aldeia dos lenhadores.

Todas as portas se abriram, e os homens da floresta reconheceram o Cavaleiro que rodearam com grandes saudações.

Este penetrou na cabana maior e sentou-se ao pé do lume enquanto os moradores lhe serviram pão com mel e leite quente.

— Já pensávamos que não voltasses mais — disse um velho de grandes barbas —.

— Demorei mais do que queria — respondeu o peregrino—. Mas graças a Deus cheguei a tempo. Hoje antes da meia-noite estarei em minha casa.

— E tarde — disse o velho — o dia já escureceu, vai nevar e de noite não poderás caminhar.

— Nasci na floresta — respondeu o peregrino — conheço bem todos os seus atalhos. Seguindo ao longo do rio não me posso perder.

— A floresta é grande e na escuridão ninguém a conhece. Fica connosco e dorme esta noite na minha cabana. Amanhã, ao romper do dia, seguirás o teu caminho.

— Não posso — tornou o Cavaleiro —, prometi que estaria hoje em minha casa.

— A floresta está cheia de lobos esfomeados. Que farás tu se uma matilha te assaltar?

Mas o Cavaleiro sorriu e respondeu:

— Não sabes que na noite de Natal as feras não atacam o homem?

E tendo dito isto levantou-se, despediu-se dos lenhadores, montou a cavalo e seguiu o seu caminho.

Dirigiu-se para a esquerda procurando o curso gelado do rio. Mas mal se afastou um pouco da aldeia a neve começou a cair tão espessa e cerrada que o Cavaleiro mal via.

— Depressa — pensava ele —, tenho de chegar depressa ao pé do rio.

E puxando mais o capuz para a testa continuou a avançar.

Mas o rio não aparecia, e a noite começou a avançar.

O homem parou e escutou.

— Era mais prudente voltar para trás — pensou ele —.

Mas se eu não chegar hoje, a minha mulher, os meus filhos e os meus criados pensarão que morri ou me perdi nas terras estrangeiras. Passarão um Natal de tristeza e aflição. E preciso que eu chegue hoje.

E continuou para a frente.

Agora nenhum ramo estalava e não se ouvia o menor rumor. Os esquilos, as raposas e os veados já estavam recolhidos nas suas tocas. O cair da neve parecia multiplicar o silêncio.

E o rio parecia ter-se sumido.

— Talvez me tenha enganado no caminho — pensou o Cavaleiro —, vou mudar de direção.

E virou um pouco mais para a esquerda. Mas continuou a escurecer, a neve continuou a cair, o silêncio continuou a crescer e o homem e o rio não se encontravam.

E devagar anoiteceu mais.

As horas uma por uma foram passando e longamente o Cavaleiro avançou perdido na escuridão.

Por mais que se enrolasse no seu capote, o ar arrefecia-o até aos ossos e as suas mãos começavam a gelar.

Já não sabia há quanto tempo caminhava, e a floresta era como um labirinto sem fim onde os caminhos andavam à roda e se cruzavam e desapareciam.

— Estou perdido — murmurou ele baixinho —.

Então a treva encheu-se de pequenos pontos brilhantes, avermelhados e vivos.

Eram os olhos dos lobos.

O Cavaleiro ouvia-os moverem-se em leves passos sobre a neve, sentia a sua respiração ardente e ansiosa, adivinhava o branco cruel dos seus dentes agudos.

Em voz alta disse:

— Hoje é noite de trégua, noite de Natal.

E ao som destas palavras os olhos recuaram e desapareceram.

Mais adiante ouviu-se o ronco dum urso.

O Cavaleiro estacou a sua montada e a fera aproximou-se. Vinha de pé e pousou as patas da frente no pescoço do cavalo.

O homem ouviu-o respirar, sentiu o seu pelo tocar-lhe a mão e viu a um palmo de si o brilho dos pequenos olhos ferozes.

E em voz alta disse:

— Hoje é noite de trégua, noite de Natal.

Então o bicho recuou pesadamente e grunhindo desapareceu.

E o Cavaleiro entre silêncio e treva continuou a caminhar para a frente.

Caminhava ao acaso, levado por pura esperança, pois nada via e nada ouvia. As ramagens roçavam-lhe a cara e caminhava sem norte e sem oriente. O cavalo enterrava-se na neve e avançava muito devagar. Até que de repente parou. O homem tocou-o com as esporas mas ele continuou imóvel e hirto.

— Vou morrer esta noite — pensou o Cavaleiro —.

Então lembrou-se da grande noite azul de Jerusalém toda bordada de constelações. E lembrou-se de Baltasar, Gaspar e Melchior, que tinham lido no céu o seu caminho. O céu aqui era escuro, velado, pesado de silêncio. Nele não se ouvia nenhuma voz nem se via nenhum sinal. Mas foi em frente desse céu fechado e mudo que o Cavaleiro rezou.

Rezou a oração dos Anjos, o grande grito de alegria, de confiança e de aliança que numa noite antiquíssima tinha atravessado o céu transparente da Judeia. As palavras ergueram-se uma por uma no puro silêncio da neve:

— Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade.

Então na massa escura dos arvoredos começou ao longe a crescer uma pequena claridade.

— Deus seja bendito — murmurou o Cavaleiro —. Deve ser uma fogueira. Deve ser algum lenhador perdido como eu que acendeu uma fogueira. A minha reza foi ouvida. Junto dum lume e ao lado de outro homem poderei esperar pelo nascer do dia.

O cavalo relinchou. Também ele tinha visto a luz. E reunindo as suas forças, o homem e o animal recomeçaram a avançar.

A luz continuava a crescer e à medida que crescia, subindo do chão para o céu, ia tomando a forma dum cone.

Era um grande triângulo radioso cujo cimo subia mais alto do que todas as árvores.

Agora toda a floresta se iluminava. Os gelos brilhavam, a neve mostrava a sua brancura, o ar estava cheio de reflexos multicolores, grandes raios de luz passavam entre os troncos e as ramagens.

— Que maravilhosa fogueira — pensou o Cavaleiro —. Nunca vi fogueira tão bela.

Mas quando chegou em frente da claridade viu que não era uma fogueira. Pois era ali a clareira de bétulas onde ficava a sua casa. E ao lado da casa, o grande abeto escuro, a maior árvore da floresta, estava coberta de luzes. Porque os anjos do Natal a tinham enfeitado com dezenas de pequeninas estrelas para guiar o Cavaleiro. Esta história, levada de boca em boca, correu os países do Norte. E é por isso que na noite de Natal se iluminam os pinheiros.

O Cavaleiro da Dinamarca de Sophia de Mello Breyner Andresen



Fases da produção de texto:

- ✓ Planificação;
- ✓ Textualização;
- ✓ Revisão;
- ✓ Re-textualização.



1º Planificação



- 1- Definição do tema e dos objetivos comunicativos que te levam a escrever o texto;
- 2- Recolha, seleção e registo de toda a informação importante para o tratamento do tema;
- 3- Organização das ideias num plano-guia de forma esquemática, ou seja, por tópicos, tendo em conta a estrutura do texto:

- **Introdução:** apresentação do tema, referindo a sua importância;
- **Desenvolvimento:** exploração do tema, de acordo com o género ou tipo de texto escolhido;
- **Conclusão:** encerramento do texto, podendo apresentar uma síntese das ideias exploradas.

2º Textualização



- Redação do texto, prestando atenção aos seguintes aspetos:
- utilização de uma caligrafia legível ;
 - respeito pelas características linguísticas e estruturais do género ou do tipo de texto em causa e da sua respetiva intenção comunicativa;
 - ordenação e hierarquização da informação;

- organizar a informação, estabelecendo e fazendo a marcação de parágrafos;
- recurso a conectores discursivos;
- utilização de vocabulário diversificado e adequado ao tema;
- correção ao nível da sintaxe, da ortografia e da pontuação.

3º Revisão



- Releitura do texto produzido, deteção de eventuais erros, verificando os seguintes aspetos:
- clareza, coerência e ordenação das ideias;
 - estrutura das frases;
 - correção ortográfica, acentuação, pontuação, coesão e coerência.

<p>Ainda na revisão:</p> <p>Cujo seja possível, experimenta ler o teu texto em voz alta: apêrceber-te-ás do ritmo das frases e da musicalidade das palavras.</p> <p>Nota: É obvio que, no decurso da escrita, podem surgir aspetos ou ideias novas que obriguem a reformular o que estava planificado. O texto sairá enriquecido, não retirando a vital importância do plano-guia, sem o qual resultaria menos ordenado e coerente.</p> 	<h3>4º Re-textualização</h3> <p>Consiste na correção dos erros de assinalados no texto.</p> 
* 10	
<ul style="list-style-type: none">• Começa por realizar este processo em todas as tuas produções escritas e assim terás melhores resultados neste domínio.• Também podes utilizar este processo em outras disciplinas. 	<p>Referências bibliográficas:</p> <ul style="list-style-type: none">• Paiva, A., Almeida, Jorge, N., & Junqueira, S. (2019). (Para)Textos (1ª ed). Porto Editora



Escola Básica José Ferreira Pinto Basto
Português 2019/20

Fases da produção de texto:

- Planificação;
- Textualização;
- Revisão.

Planificação

- ✓ Definição do tema e dos objetivos comunicativos que te levam a escrever o texto;
- ✓ recolha, seleção e registo de toda a informação importante para o tratamento do tema;
- ✓ organização das ideias num plano-guia de forma esquemática, ou seja, por tópicos, tendo em conta a estrutura do texto: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Textualização

- ✓ Redação do texto, prestando atenção aos seguintes aspetos:
- ✓ utilização de uma caligrafia legível;
- ✓ respeito pelas características linguísticas e estruturais do género ou do tipo de texto em causa e da sua respetiva intenção comunicativa;
- ✓ ordenação e hierarquização da informação;
- ✓ organizar a informação, estabelecendo e fazendo a marcação de parágrafos;
- ✓ recurso a conectores discursivos;
- ✓ utilização de vocabulário diversificado e adequado ao tema;
- ✓ correção ao nível da sintaxe, da ortografia e da pontuação.

Revisão

Releitura do texto produzido, deteção de eventuais erros, verificando os seguintes aspetos:

- clareza, coerência e ordenação das ideias;
- estrutura das frases;
- correção ortográfica, acentuação, pontuação, coesão e coerência.



Articuladores do discurso/ conectores

Os articuladores de discurso ou conectores são auxiliares na construção de um texto. Eles são um contributo importante para uma escrita correta. No entanto, é necessário saber em que momentos do nosso discurso os devemos usar. Como tal, não podemos esquecer as ideias que pretendemos transmitir, porque a escolha far-se-á em função delas.



Na tabela, encontraras alguns exemplos de articuladores de discurso/conectores

Adição	E, pois, não só... mas também, além disso, por um lado... por outro
Causa	Porque, por causa de, pois, pois que, dado que, já que
Certeza	Certamente evidentemente, com toda a certeza, é evidente que
Consequência	De modo que, tanto... que, de tal forma que
Conclusão	Em suma, em conclusão, portanto, logo, concluindo
Chamar à atenção	Veja-se, note-se que, repare-se
Dúvida	É possível, talvez, é provável, possivelmente
Enfatizar	Na verdade, com vimos, com efeito, efetivamente
Esclarecer	Com isto não pretendemos, não pense que, quer isto dizer
Exemplificar	Por exemplo, é o caso de, isto é
Fim	A fim de, com objetivo de, para, para que
Hipótese	Se, supondo que, a menos que
Ligação espacial	No meio, naquele lugar, o lugar onde, ao lado
Ligação temporal	Quando, depois, em seguida, antes, seguidamente
Opinião	A meu ver, parece-me que, em nosso entender
Oposição	Mas, porém, contudo, todavia, por outro lado, no entanto, apesar de
Resumo	Em suma, em resumo, por outras palavras
Semelhança	Pela mesma razão, do mesmo modo, tal como, assim como



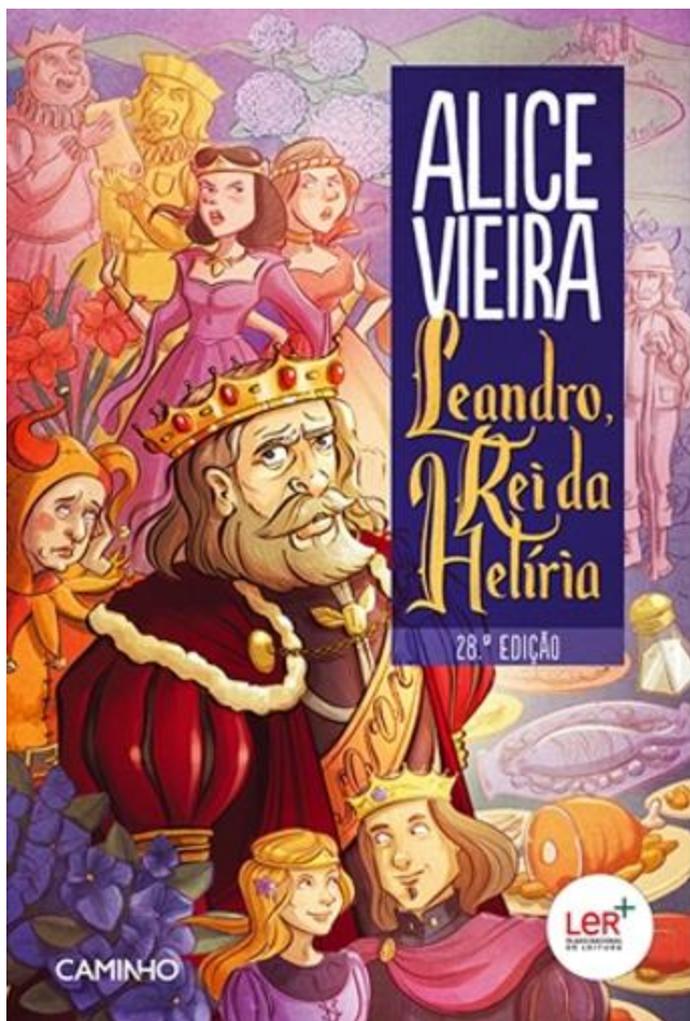
Escola Básica José Ferreira Pinto
Basto

Português 2019/20

Nome: _____ Nº: ____ Ano: ____ Turma: ____

Planificação

Anexo 6: Plano de aula 12 (1/6)



1.º ATO Cenas I a III [pp. 11 a 27]

-  1. Copia o texto seguinte para o teu caderno e completa-o, de acordo com a primeira cena da obra.

A cena passa-se no [1] do reino de [2], onde passeiam [3] e o seu [4]. Esta informação é-nos dada pela [5]. Estas personagens falam de um [6], que é caracterizado pelo monarca como [7]. No entanto, as duas figuras encaram a importância dos sonhos de forma [8], na medida em que o rei os considera [9] e o criado, algo que, depois de sonhado, não deve ser [10].

28

2. Na cena I, dá-se uma quebra da ilusão cénica, ou seja, a ação da peça para e o Bobo dirige um aparte aos espectadores.
- 2.1. Identifica o assunto central da reflexão do bobo.

Páginas 28 – 29 (Guiões de leitura)

Correção

1.

1) jardim do palácio real

2) Helíria

3) Rei Leandro

4) Bobo

5) didáscala

6) sonho

7) estranho

8) diferente

9) recado dos deuses

10) valorizado

2.

21. O Bobo reflete sobre as diferenças entre classes sociais, nomeadamente, entre a nobreza e o povo. Na sua perspetiva, o povo passa nos longos dias a trabalhar para saciar a fome, para não ter frio e conseguir sobreviver, sendo alvo de chibatadas; esta ponderação sobre a realidade da difícil vida do povo contrasta com a abstração do Rei sobre os sonhos.

Sumário: Atividade de produção escrita.

Conteúdos: Leandro, *Rei de Helíria* de Alice Vieira.

Tarefas:

1º Faz uma revisão à ficha dos conectores (moodle)

2º Faz a planificação do texto em esquema ou por tópicos

3º Faz a textualização

- Para esta produção escrita vais escrever um texto narrativo, com o mínimo de 150 palavras e o máximo de 220.
- Tema: **Qual será o sonho do rei? – inventa um sonho para o Rei.**
- Utiliza a ficha dos conectores na tua textualização

Orientações de estudo:

- Se tiveres alguma dificuldade, podes colocá-la por correio eletrónico (ritajorgemartinho@gmail.com)

Resolução da Tarefa:

Podes fazer no teu caderno, tirar uma fotografia e submeter através do Moodle

Caso faças no caderno escreve planificação e textualização para cada fase do processo de escrita

Ou então:

Podes fazer na ficha de produção escrita colocada no Moodle, tirar uma fotografia e submeter através do Moodle

Prazo para entregar a tarefa: Dia 8 de maio



agrupamento
de escolas
de Ilnauo

Escola Básica José Ferreira Pinto Basto

Português 2019/20

Articuladores do discurso/ conectores

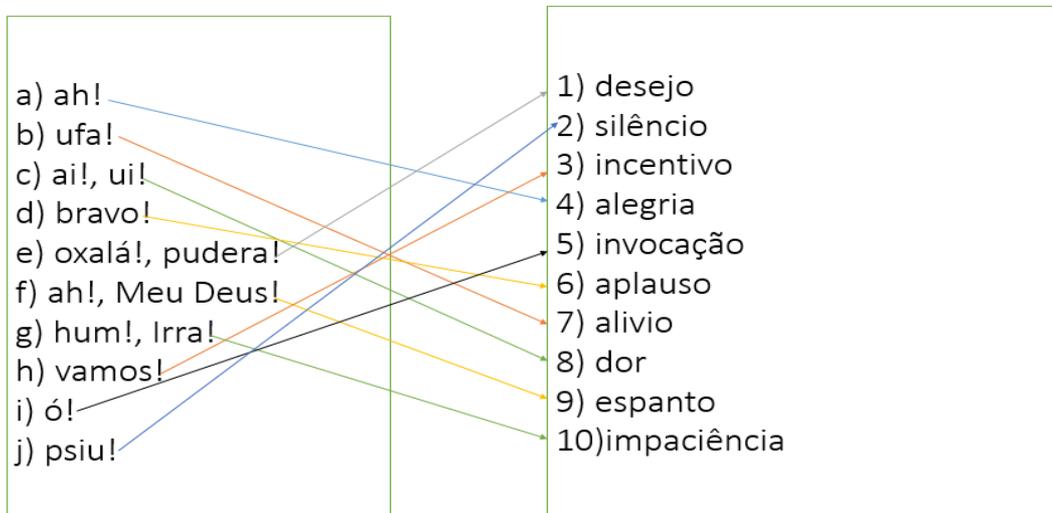
Os **articuladores de discurso** ou **conectores** são auxiliares na construção de um texto. Eles são um contributo importante para uma escrita correta. No entanto, é necessário saber em que momentos do nosso discurso os devemos usar. Como tal, não podemos esquecer as ideias que pretendemos transmitir, porque a escolha far-se-á em função delas.



Na tabela, encontraras alguns exemplos de articuladores de discurso/conectores

Adição	E, pois, não só... mas também, além disso, por um lado... por outro
Causa	Porque, por causa de, pois, pois que, dado que, já que
Certeza	Certamente evidentemente, com toda a certeza, é evidente que
Consequência	De modo que, tanto... que, de tal forma que
Conclusão	Em suma, em conclusão, portanto, logo, concluindo
Chamar à atenção	Veja-se, note-se que, repare-se
Dúvida	E possível, talvez, é provável, possivelmente
Enfatizar	Na verdade, com vimos, com efeito, efetivamente
Esclarecer	Com isto não pretendemos, não pense que, quer isto dizer
Exemplificar	Por exemplo, é o caso de, isto é
Fim	A fim de, com objetivo de, para, para que
Hipótese	Se, supondo que, a menos que
Ligação espacial	No meio, naquele lugar, o lugar onde, ao lado
Ligação temporal	Quando, depois, em seguida, antes, seguidamente
Opinião	A meu ver, parece-me que, em nosso entender
Oposição	Mas, porém, contudo, todavia, por outro lado, no entanto, apesar de
Resumo	Em suma, em resumo, por outras palavras
Semelhança	Pela mesma razão, do mesmo modo, tal como, assim como

Anexo 7: Plano de aula 2 (1/4)



1.1. Provavelmente, a avó sentia-se confiante e orgulhosa porque estava com o seu neto.

2. A avó e o neto tinham entre si uma relação de grande afeto, sendo que cada um tomava conta do outro.

2.1. O neto sentia-se seguro com avó (que via e o avisava dos perigos circundantes), a sua presença transmitia-lhe segurança, ao mesmo tempo que lhe dava liberdade e autonomia. A avó também se sentia deslumbrada e segura ao ver o neto, pois este lembrava-lhe o passado. Para além disso, devido à sua experiência de vida, sentia-se “mestra” do seu neto.

3. A avó e o neto deparam-se com o levantar súbito do vento.

3.1. O levantar do vento revela-se uma grande dificuldade para a avó, que deixa de controlar a situação e de conseguir proteger eficazmente o neto.

4. D, F, A, C, B, E

5.1. A avó e o neto avistam um cão conhecido, é o cão do senhor Lourenço.

5.2. Ao comparar o café do senhor Lourenço a um farol, o narrador sugere que, se a avó avistasse o café, deixaria de estar perdida.

6.1. A avó conclui que se aflige de mais e que dramatiza as coisas, desnecessariamente.

7.1. a) 1- 17

b) Ida da avó e do neto à praia; caracterização da avó.

c) 18-121

d) Dificuldades com que a avó e o neto se deparam devido à perda dos óculos por parte da avó e do levantar do vento (o neto magoa-se, ambos se perdem no areal).

e) 122-134

f) Saída de apuros por parte da avó e do neto; reflexão final da avó.

7.2. “Muitos anos atrás, avó perdera uma criança [...] Durante muito tempo, não soube onde estava, quando lhe vieram dizer que perderá a criança.” (II. 99-105)

8. a.; b.

~

Página 176

Gramática

1. “Louvado Deus” (I. 124)

1.1. Esta locução interjetiva exprime a ideia de alívio e gratidão.

2. a. – Ah! Que coisa, disse a avó.

b. – Ai, dói-me o pé, disse o neto.

c. – Coragem, vamos descansar um pouco, disse ela ofegante.

d. – Avó, olha o cão do senhor Lourenço, ufa!

3. Oxalá, avó, o cão do senhor Lourenço nos leve até ao seu café!



Escola Básica José Ferreira Pinto Basto

Português 2019/20

Nome: _____ N.º: _____ Ano: _____ Turma: _____

Como defines uma avó/ um avô?

Anexo 8: Plano de aula 5 (1/8)



Escola Básica José Ferreira Pinto Basto
Português 2019/2020

Texto

Flandres era já Inverno e sobre os telhados e os campos caía a primeira neve. O Cavaleiro dirigiu-se para Antuérpia e aí procurou o negociante flamengo, para o qual o banqueiro Averdard lhe tinha dado uma carta. Encontrou o negociante em sua casa, aquecendo as mãos à lareira, vestido com uma bela roupa de pano verde, larga e debruada de peles pretas. O flamengo recebeu o viajante com grande amabilidade e convidou-o para ficarem sua casa. Mal se sentaram para jantar o Cavaleiro espantou-se com o paladar da comida que estava temperada com especiarias para ele desconhecidas. O negociante riu-se, abanou a cabeça e disse: — Vê-se que conheces mal o mundo novo. — Indignado com estas palavras, o Cavaleiro começou a narrar a sua viagem. Quando ele terminou o flamengo disse: — Contaste uma bela história, mas daqui a pouco vai chegar alguém que te contará histórias muito mais espantosas. De facto, passado pouco tempo, bateram à porta da casa, ouviram-se passos na escada, e depois penetrou na sala um homem alto e forte, de aspecto rude, pele queimada pelo sol e andar baloiçado. — Este é um dos capitães dos meus navios — disse o negociante —. Voltou há dois dias duma viagem.

Seguiram das margens do Tejo para as Canárias, onde pararam alguns dias. Depois continuaram viagem, aproximaram-se da terra africana, dobraram o cabo Bojador e seguiram, à vista das costas desertas, queimadas pelo sol, sem árvores, e sem homens. Junto ao cabo Branco ancoraram o navio num abrigo formado por altos penedos. Então homens de pele sombria, envolvidos em mantos flutuantes e montados em camelos, vieram à orla da praia negociar com os portugueses. E as caravelas continuaram a navegar para o sul, muito para o sul. Uma brisa constante inchava as grandes velas e os mastros e os cabos gemiam docemente. Até que, para além das intermináveis costas nuas e vazias, sem árvores e sem sombra, surgiram as primeiras palmeiras. Depois começaram a aparecer espessas e verdes florestas que cobriam toda a terra desde as praias brancas até aos distantes montes azulados. E dessas florestas surgiam homens nus e negros que embarcavam em pirogas e rodeavam os navios. Os marinheiros portugueses traziam ordem de se entenderem com eles. Mas isto era difícil. Em geral as pirogas não chegavam ao alcance dos navios e outras vezes mesmo os negros desapareciam entre o arvoredo mal as caravelas ancoravam. Então os marinheiros que desembarcavam eram recebidos com flechas envenenadas dos homens escondidos.

Porém, havia paragens onde os africanos e os portugueses já se conheciam e negociavam. E às vezes, em lugares da costa onde nunca um navio tinha parado, acontecia serem acolhidos com festa e alvoroço. Então, bailando e cantando, os negros vinham ao encontro dos navegadores que, para corresponderem ao bom acolhimento, bailavam e dançavam também à moda da sua terra.

Mas o entendimento entre ambas as partes, muita vez, pouco mais avançava, pois uns e outros não entendiam as respectivas linguagens, e mesmo os intérpretes berberes não conheciam a fala usada em tão longínquas paragens. Este desentendimento das línguas foi a causa de muitas mortes e combates. Assim um dia a caravela ancorou em frente duma larga e bela baía rodeada de maravilhosos arvoredos.

Na longa praia de areia branca e fina, um pequeno grupo de negros espreitava o navio. Então o capitão resolveu mandar a terra dois batéis com homens para que tentassem estabelecer contacto com os africanos. Mas logo que os batéis tocaram a areia os negros fugiram e desapareceram no arvoredo.

O recém-chegado poisou em cima da mesa três pequenos cofres e disse: — Aqui estão três amostras das mercadorias que trago. O primeiro cofre estava cheio de pequenas pérolas, o segundo cofre estava cheio de ouro e o terceiro cofre estava cheio de pimenta. Espantou-se o Cavaleiro com aquilo que via, pois naquele tempo a pimenta era quase tão rara como o ouro. O dono da casa pôs mais lenha na lareira, serviu vinho aos seus hóspedes, e os três homens sentaram-se em frente do lume. Então, a pedido do negociante, o capitão começou a falar das suas viagens. Contou como desde muito novo tinha seguido a carreira de marinheiro viajando por todos os portos da Europa desde o mar Báltico até ao Mediterrâneo. Mas era sobretudo entre a Flandres e os portos da Península Ibérica que viajava. Um dia, porém, teve desejo de ir mais longe, de ir até às terras desconhecidas que surgiam do mar. Então resolveu alistar-se nas expedições portuguesas que navegavam para o sul à procura de novos países. O recém-chegado poisou em cima da mesa três pequenos cofres e disse: — Aqui estão três amostras das mercadorias que trago. O primeiro cofre estava cheio de pequenas pérolas, o segundo cofre estava cheio de ouro e o terceiro cofre estava cheio de pimenta. Espantou-se o Cavaleiro com aquilo que via, pois naquele tempo a pimenta era quase tão rara como o ouro. O dono da casa pôs mais lenha na lareira, serviu vinho aos seus hóspedes, e os três homens sentaram-se em frente do lume. Então, a pedido do negociante, o capitão começou a falar das suas viagens. Contou como desde muito novo tinha seguido a carreira de marinheiro viajando por todos os portos da Europa desde o mar Báltico até ao Mediterrâneo. Mas era sobretudo entre a Flandres e os portos da Península Ibérica que viajava. Um dia, porém, teve desejo de ir mais longe, de ir até às terras desconhecidas que surgiam do mar. Então resolveu alistar-se nas expedições portuguesas que navegavam para o sul à procura de novos países. Veio a Lisboa e aí embarcou numa caravela que partia a reconhecer e a explorar as costas de África.

— Talvez tenham tido medo por ver que nós somos muitos e eles são poucos — disse um português chamado Pêro Dias —.

E pediu aos seus companheiros que lhe deixassem um batel e embarcassem todos no outro e se afastassem da praia. Mas os companheiros acharam este plano tão arriscado que não o quiseram aceitar. Porém, Pêro Dias insistiu tanto que eles acabaram por fazer como ele pedia e remaram para o largo.

O português mal ficou sozinho caminhou até meio da praia e ali colocou panos coloridos que tinham trazido como presente. Depois recuou até à orla do mar, encostou-se ao batel que ficara e esperou. Ao cabo de algum tempo saiu da floresta um homem que trazia na mão uma lança longa e fina e avançava negro e nu na claridade da praia. Avançava passo por passo, lentamente, vigiando os gestos do homem branco que junto do batel continuava imóvel.

Quando chegou perto dos panos parou e examinou com alvoroço a oferta. Depois ergueu a cabeça, encarou o português e sorriu. Este sorriu também e avançou uns passos. Houve uma pequena pausa. Depois, num acordo mútuo, os dois homens, sorrindo, caminharam ao encontro um do outro. Quando entre eles ficaram só a seis passos de distância, pararam.

— Quero paz contigo — disse o branco na sua língua —. O negro sorriu e respondeu três palavras desconhecidas.

— Quero paz contigo — disse o branco em árabe —. O negro tornou a sorrir e tornou a repetir as palavras ininteligíveis.

— Quero paz contigo — disse o branco em berbere —.

O negro sorriu de novo e mais uma vez respondeu as três palavras exóticas.

Então Pêro Dias começou a falar por gestos. Fez o gesto de beber e o negro apontou-lhe a floresta. Fez o gesto de comer e o negro apontou-lhe a floresta. Com um gesto de convite o marinheiro apontou o seu batel.

Mas o negro sacudiu a cabeça e recuou um passo. Vendo-o retirar-se o português, para voltar a estabelecer a confiança, começou a cantar e a dançar. O outro, com grandes saltos, cantos e risos, seguiu o seu exemplo. Em frente um do outro bailaram

algum tempo. Mas no ardor do baile e da mímica Pêro Dias ergueu no ar a sua espada, que faiscou ao sol. O brilho assustou o nativo, que deu um pulo para trás e estremeceu. Pêro Dias fez um gesto para o sossegar.

Mas o outro começou a fugir, e o navegador precipitou-se no seu encalce e agarrou-o por um braço. Vendo-se preso, o negro principiou a debater-se, primeiro com susto, depois com fúria. Com gritos roucos e sílabas guturais respondia às palavras e aos gestos que o tentavam apaziguar. Ao longe, no mar, os companheiros de Pêro Dias avistaram a luta e principiaram a remar para a praia.

O negro viu-os aproximarem-se, julgou-se cercado e perdido e apontou a sua lança. Pêro Dias com a espada tentou aparar o golpe mas ambos caíram trespassados.

Os portugueses saltaram do batel e correram para os corpos estendidos. Do peito do negro e do branco corriam dois fios de sangue.

— Olhem — disse um moço —, o sangue deles é exactamente da mesma cor.

De bordo veio o capitão com mais gente e todos durante uma hora choraram o triste combate.

O sol subia no céu e aproximava-se o calor do meio-dia. Não sabendo quando voltariam a desembarcar, o capitão resolveu não levar para bordo o cadáver de Pêro Dias. Os dois corpos foram sepultados ali mesmo, na praia. E com a lança do gentio e a espada do cristão, os marinheiros fizeram uma cruz, que espetaram na areia entre os túmulos dos dois homens mortos por não poderem dialogar.

Chegado a este ponto da sua narrativa o capitão flamengo calou-se uns momentos olhando o lume.

O negociante serviu de novo vinho aos seus hóspedes e até altas horas continuaram a ouvir o marinheiro da Flandres contando as longínquas viagens, as ilhas desertas, as árvores desconhunsais, as tempestades, as calmarias, os povos misteriosos.

No dia seguinte o Cavaleiro disse ao negociante que queria seguir por mar para a Dinamarca.

— Estamos em Novembro — respondeu o Flamengo —, o frio aumenta todos os dias e está anunciado um Inverno rigoroso. Creio que não acharás tão cedo um navio

que te leve à tua terra. Com medo dos gelos e dos temporais ninguém agora se arriscará a viajar para o Norte.

Esta notícia deixou o Cavaleiro consternado. Primeiro não se quis conformar, e durante três dias percorreu a cidade de Antuérpia. Falou com capitães e armadores, mas a resposta foi sempre a mesma.

— Nesta época do ano e com Inverno tão rigoroso não há navio nenhum que se atreva a navegar para o Norte.

Na noite do terceiro dia, depois do jantar, quando se sentaram os dois ao lado da lareira, o negociante serviu vinho ao seu hóspede e disse-lhe:

— Tenho uma proposta a fazer-te. Vejo que gostas de viagens e aventuras e eu preciso de homens dispostos a correr o mundo. Pois os meus negócios todos os dias aumentam e procuro associados que me possam ajudar. Chegou o tempo das navegações, começou uma era nova e os homens capazes de empreendimento podem agora ganhar fortunas fabulosas. Associa-te comigo. Viajarás nos meus navios. E talvez mesmo um dia possas navegar para o Sul, para as novas terras, nas caravelas dos portugueses.

Mas o Cavaleiro sacudiu a cabeça e respondeu:

— As histórias dos mares, das ilhas, dos povos desconhecidos e dos países distantes são maravilhosas e enchem-me de espanto. Mas prometi chegar este Natal à minha casa. Farei a viagem por terra e partirei amanhã.

— Vai ser uma viagem dura — disse o Flamengo —.

E assim foi. Os rios estavam gelados, a terra coberta de neve. O frio aumentava e os dias eram cada vez mais curtos. Os caminhos pareciam não ter fim. De noite nas estalagens o Cavaleiro sonhava que os palácios de Veneza, as estátuas de Florença e os negros nus da costa africana se erguiam dos campos cobertos de neve, o rodeavam e o impediam de continuar.

O Cavaleiro da Dinamarca de Sophia de Mello Breyner Andresen



Fases da produção de texto:

- ✓ Planificação;
- ✓ Textualização;
- ✓ Revisão;
- ✓ Re-textualização.



1º Planificação



- 1- Definição do tema e dos objetivos comunicativos que te levam a escrever o texto;
- 2- Recolha, seleção e registo de toda a informação importante para o tratamento do tema;
- 3- Organização das ideias num plano-guia de forma esquemática, ou seja, por tópicos, tendo em conta a estrutura do texto:

- **Introdução:** apresentação do tema, referindo a sua importância;
- **Desenvolvimento:** exploração do tema, de acordo com o género ou tipo de texto escolhido;
- **Conclusão:** encerramento do texto, podendo apresentar uma síntese das ideias exploradas.

2º Textualização



- Redação do texto, prestando atenção aos seguintes aspetos:
- utilização de uma caligrafia legível ;
 - respeito pelas características linguísticas e estruturais do género ou do tipo de texto em causa e da sua respetiva intenção comunicativa;
 - ordenação e hierarquização da informação;

- organizar a informação, estabelecendo e fazendo a marcação de parágrafos;
- recurso a conectores discursivos;
- utilização de vocabulário diversificado e adequado ao tema;
- correção ao nível da sintaxe, da ortografia e da pontuação.

3º Revisão



- Releitura do texto produzido, deteção de eventuais erros, verificando os seguintes aspetos:
- clareza, coerência e ordenação das ideias;
 - estrutura das frases;
 - correção ortográfica, acentuação, pontuação, coesão e coerência.

<p>Ainda na revisão:</p> <p>Cujo seja possível, experimenta ler o teu texto em voz alta: apêrceber-te-ás do ritmo das frases e da musicalidade das palavras.</p> <p>Nota: É obvio que, no decurso da escrita, podem surgir aspetos ou ideias novas que obriguem a reformular o que estava planificado. O texto sairá enriquecido, não retirando a vital importância do plano-guia, sem o qual resultaria menos ordenado e coerente.</p> 	<h3>4º Re-textualização</h3> <p>Consiste na correção dos erros de assinalados no texto.</p> 
* 10	
<ul style="list-style-type: none">• Começa por realizar este processo em todas as tuas produções escritas e assim terás melhores resultados neste domínio.• Também podes utilizar este processo em outras disciplinas. 	<p>Referências bibliográficas:</p> <ul style="list-style-type: none">• Paiva, A., Almeida, Jorge, N., & Junqueira, S. (2019). (Para)Textos (1ª ed). Porto Editora



Escola Básica José Ferreira Pinto Basto

Português 2019/20

Fases da produção de texto:

- Planificação;
- Textualização;
- Revisão.

Planificação

- ✓ Definição do tema e dos objetivos comunicativos que te levam a escrever o texto;
- ✓ recolha, seleção e registo de toda a informação importante para o tratamento do tema;
- ✓ organização das ideias num plano-guia de forma esquemática, ou seja, por tópicos, tendo em conta a estrutura do texto: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Textualização

- ✓ Redação do texto, prestando atenção aos seguintes aspetos:
- ✓ utilização de uma caligrafia legível;
- ✓ respeito pelas características linguísticas e estruturais do género ou do tipo de texto em causa e da sua respetiva intenção comunicativa;
- ✓ ordenação e hierarquização da informação;
- ✓ organizar a informação, estabelecendo e fazendo a marcação de parágrafos;
- ✓ recurso a conectores discursivos;
- ✓ utilização de vocabulário diversificado e adequado ao tema;
- ✓ correção ao nível da sintaxe, da ortografia e da pontuação.

Revisão

Releitura do texto produzido, deteção de eventuais erros, verificando os seguintes aspetos:

- clareza, coerência e ordenação das ideias;
- estrutura das frases;
- correção ortográfica, acentuação, pontuação, coesão e coerência.



Articuladores do discurso/ conectores

Os articuladores de discurso ou conectores são auxiliares na construção de um texto. Eles são um contributo importante para uma escrita correta. No entanto, é necessário saber em que momentos do nosso discurso os devemos usar. Como tal, não podemos esquecer as ideias que pretendemos transmitir, porque a escolha far-se-á em função deles.



Na tabela, encontraras alguns exemplos de articuladores de discurso/conectores

Adição	E, pois, não só...mas também, além disso, por um lado...por outro
Causa	Porque, por causa de, pois, pois que, dado que, já que
Certeza	Certamente evidentemente, com toda a certeza, e evidente que
Consequência	De modo que, tanto...que, de tal forma que
Conclusão	Em suma, em conclusão, portanto, logo, concluindo
Chamar à atenção	Veja-se, note-se que, repare-se
Dúvida	E possível, talvez, e provável, possivelmente
Enfatizar	Na verdade, com vimos, com efeito, efetivamente
Esclarecer	Com isto não pretendemos, não pense que, quer isto dizer
Exemplificar	Por exemplo, é o caso de, isto é
Fim	A fim de, com objetivo de, para, para que
Hipótese	Se, supondo que, a menos que
Ligação espacial	No meio, naquele lugar, o lugar onde, ao lado
Ligação temporal	Quando, depois, em seguida, antes, seguidamente
Opinião	A meu ver, parece-me que, em nosso entender
Oposição	Mas, porém, contudo, todavia, por outro lado, no entanto, apesar de
Resumo	Em suma, em resumo, por outras palavras
Semelhança	Pela mesma razão, do mesmo modo, tal como, assim como



Escola Básica José Ferreira Pinto
Basto

Português 2019/20

Nome: _____ Nº: ____ Ano: ____ Turma: ____

Planificação

Anexo 9: Plano de aula 8 (1/4)



1



Dinamarca

- *Julekalender* (calendários de Natal)
- *julefrokost* (almoço de Natal)
- Dia de Santa Lúcia (crianças)
- Pakkekalendar (presentes até dia 24)
- Kalender Lys (vela)
- Véspera de Natal
- Ceia (pato assado, bata doce, beterraba, geleia, pudim de arroz com creme de leite)
- Dança em volta da árvore
- Presentes



2



- 24 –NOITE DE NATAL
- 25 –PRIMEIRO DIA DE NATAL
- 26 –SEGUNDO DIA DE NATA

<https://www.youtube.com/watch?v=18E9d4hu>

Itália

- Árvore de natal – 8 dez e 6 jan.
- Presépio
- As cidades são todas decoradas com luzes
- Mercado de Natal – 30 nov. a 6 jan.
- 25 de dezembro: dia de Natal
- 26 de dezembro: dia de Santo Stefano
- 6 de janeiro: Befana e entrega dos presentes



Jerusalém

- Feira tradicional de Natal
- A tradicional árvore de Natal
- Fogos de artifícios patrocinados pelo Ministério do Turismo o a abertura das celebrações e comemorações da festa de Natal.
- Missa

<https://www.youtube.com/watch?v=7W4CQa39k>



Bélgica

A Bélgica não tem um Pai Natal, mas sim dois

- 6 de dezembro, celebra-se o aniversário de St. Nicolas - presentes
- Na véspera de Natal - refeição especial (peru ou pato recheado, frutos do mar)
- Na noite de Natal - presentes
- 25 de dezembro - nascimento de Jesus
- Mercados de Natal
- A maior árvore de Natal - Bruxelas
- Árvores de Natal verdadeiras.

<https://www.youtube.com/watch?v=FvYdOZkbtzY>





Escola Básica José Ferreira Pinto Basto

Português 2019/2020

A Árvore de Natal

O Natal na casa de Dona Marli sempre sempre foi comemorando com muito entusiasmo.

Uma grande árvore sem enfeites era colocada na sala. As bolas coloridas ficavam dentro de uma cesta, pertinho da árvore. E todas as vezes que alguém fazia uma boa ação, colocava uma bolinha colorida na árvore uma bola colorida na árvore.

Por isso, seus filhos Pedrinho e Carla procuravam ser obedientes e ajudá-la. Eles queriam colocar muitas boas na árvore!

Pedrinho, outro dia, colocou uma bola na árvore porque pediu desculpas a um colega, a quem havia ofendido.

Dona Marli se orgulhava em explicar para todas as visitas:

- A nossa Árvore de Natal é enfeitada e colorida de boas ações!



Marielise Ferreira – Hora da Escola - Edelbra



Escola Básica José Ferreira Pinto
Basto

Português 2019/20

Nome: _____ Nº: ____ Ano: ____ Turma: ____

Planificação



Escola Básica José Ferreira Pinto Basto
Português 2019/20

Articuladores do discurso/ conectores

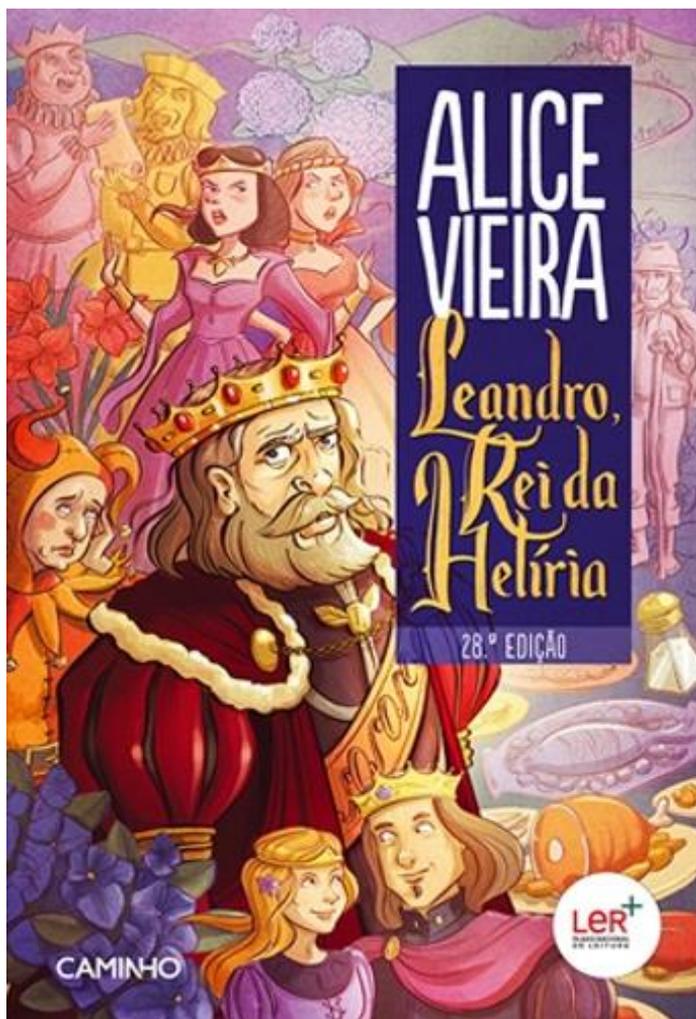
Os articuladores de discurso ou conectores são auxiliares na construção de um texto. Eles são um contributo importante para uma escrita correta. No entanto, é necessário saber em que momentos do nosso discurso os devemos usar. Como tal, não podemos esquecer as ideias que pretendemos transmitir, porque a escolha far-se-á em função deles.

Na tabela, encontrarás alguns exemplos de articuladores de discurso/conectores



Adição	E, pois, não só...mas também, além disso, por um lado...por outro
Causa	Porque, por causa de, pois, pois que, dado que, já que
Certeza	Certamente evidentemente, com toda a certeza, é evidente que
Consequência	De modo que, tanto...que, de tal forma que
Conclusão	Em suma, em conclusão, portanto, logo, concluindo
Chamar à atenção	Veja-se, note-se que, repare-se
Dúvida	E possível, talvez, é provável, possivelmente
Enfatizar	Na verdade, com vimos, com efeito, efetivamente
Esclarecer	Com isto não pretendemos, não pense que, quer isto dizer
Exemplificar	Por exemplo, é o caso de, isto é
Fim	A fim de, com objetivo de, para, para que
Hipótese	Se, supondo que, a menos que
Ligação espacial	No meio, naquele lugar, o lugar onde, ao lado
Ligação temporal	Quando, depois, em seguida, antes, seguidamente
Opinião	A meu ver, parece-me que, em nosso entender
Oposição	Mas, porém, contudo, todavia, por outro lado, no entanto, apesar de
Resumo	Em suma, em resumo, por outras palavras
Semelhança	Pela mesma razão, do mesmo modo, tal como, assim como

Anexo 10: Plano de aula 11 (1/6)



1.º ATO Cenas I a III [pp. 11 a 27]

-  1. Copia o texto seguinte para o teu caderno e completa-o, de acordo com a primeira cena da obra.

A cena passa-se no [1] do reino de [2], onde passeiam [3] e o seu [4]. Esta informação é-nos dada pela [5]. Estas personagens falam de um [6], que é caracterizado pelo monarca como [7]. No entanto, as duas figuras encaram a importância dos sonhos de forma [8], na medida em que o rei os considera [9] e o criado, algo que, depois de sonhado, não deve ser [10].

28

2. Na cena I, dá-se uma quebra da ilusão cénica, ou seja, a ação da peça para e o Bobo dirige um aparte aos espectadores.
- 2.1. Identifica o assunto central da reflexão do bobo.

Páginas 28 – 29 (Guiões de leitura)

Correção

1.

1) jardim do palácio real

2) Helíria

3) Rei Leandro

4) Bobo

5) didáscala

6) sonho

7) estranho

8) diferente

9) recado dos deuses

10) valorizado

2.

21. O Bobo reflete sobre as diferenças entre classes sociais, nomeadamente, entre a nobreza e o povo. Na sua perspetiva, o povo passa nos longos dias a trabalhar para saciar a fome, para não ter frio e conseguir sobreviver, sendo alvo de chibatadas; esta ponderação sobre a realidade da difícil vida do povo contrasta com a abstração do Rei sobre os sonhos.

Sumário: Atividade de produção escrita.

Conteúdos: *Leandro, Rei de Helíria* de Alice Vieira.

Tarefas:

1º Faz uma revisão à ficha dos conectores (moodle)

2º Faz a planificação do texto em esquema ou por tópicos

3º Faz a textualização

- Para esta produção escrita vais escrever um texto narrativo, com o mínimo de 150 palavras e o máximo de 220.
- Tema: **Qual será o sonho do rei? – inventa um sonho para o Rei.**
- Utiliza a ficha dos conectores na tua textualização

Orientações de estudo:

- Se tiveres alguma dificuldade, podes colocá-la por correio eletrónico (ritajorgemartinho@gmail.com)

Resolução da Tarefa:

Podes fazer no teu caderno, tirar uma fotografia e submeter através do Moodle

Caso faças no caderno escreve planificação e textualização para cada fase do processo de escrita

Ou então:

Podes fazer na ficha de produção escrita colocada no Moodle, tirar uma fotografia e submeter através do Moodle

Prazo para entregar a tarefa: Dia 8 de maio



agrupamento
de escolas
de Ilnauo

Escola Básica José Ferreira Pinto Basto

Português 2019/20

Articuladores do discurso/ conectores

Os **articuladores de discurso** ou **conectores** são auxiliares na construção de um texto. Eles são um contributo importante para uma escrita correta. No entanto, é necessário saber em que momentos do nosso discurso os devemos usar. Como tal, não podemos esquecer as ideias que pretendemos transmitir, porque a escolha far-se-á em função delas.



Na tabela, encontraras alguns exemplos de articuladores de discurso/conectores

Adição	E, pois, não só... mas também, além disso, por um lado... por outro
Causa	Porque, por causa de, pois, pois que, dado que, já que
Certeza	Certamente evidentemente, com toda a certeza, é evidente que
Consequência	De modo que, tanto... que, de tal forma que
Conclusão	Em suma, em conclusão, portanto, logo, concluindo
Chamar à atenção	Veja-se, note-se que, repare-se
Dúvida	E possível, talvez, é provável, possivelmente
Enfatizar	Na verdade, com vimos, com efeito, efetivamente
Esclarecer	Com isto não pretendemos, não pense que, quer isto dizer
Exemplificar	Por exemplo, é o caso de, isto é
Fim	A fim de, com objetivo de, para, para que
Hipótese	Se, supondo que, a menos que
Ligação espacial	No meio, naquele lugar, o lugar onde, ao lado
Ligação temporal	Quando, depois, em seguida, antes, seguidamente
Opinião	A meu ver, parece-me que, em nosso entender
Oposição	Mas, porém, contudo, todavia, por outro lado, no entanto, apesar de
Resumo	Em suma, em resumo, por outras palavras
Semelhança	Pela mesma razão, do mesmo modo, tal como, assim como

Anexo 11: Textos redigidos pelos alunos (1/93)²⁴

TZ_D1- Definição de “Avós”

37

Os meus avós, os meus avós são as melhores pessoas de sempre criaram-me quando em bebé e são eles que fazem tudo e me dão pay safecard. Para mim os avó são as pessoas que me ajudam quando os pais não estão são das pessoas que mais gosto para outras pessoas avós são os pais dos meus pais que nunca cheguei a conhecer.

35

Eu defino o meu avô como uma pessoa fixe mas antes de ele morrer, porque agora não sei. E também defini a minha avó como carinhosa mas antes de ela morrer, porque agora não sei. A minha avó era carinhosa porque me dava coisas que eu gostava como comida e jogos. E o meu avô era fixe porque ele chegou a jogar fortnite a jogar a bola comigo e a tentar matar um [n/c] mas e tive de fugir com ele.

33

Os meus avós são muito fixes e também so estão sempre a preocupar comigo, perguntando-me se estou com frio, com fome, com sede e não me deixando ir muito tarde para acordar com muita energia. Eles também se preocupam com os meus amigos levando-os a casa etc. Eles estão

²⁴ Os textos que se seguem foram redigidos pelos alunos e foram copiados conforme o que os discentes escreveram.

sempre muito cansados mas ainda assim eles aarrangão tempo para mim e para a minha irmã. Preocupam-se até mais com mosco do que com eles próprios.

31

O avô é uma pessoa que adora os seus netos, e que sofre e faz os maior sacrificios só para os agradar. Eu não tenho avôs, quer dizer tenho um mas eu só estive com ele quatro ou cinco vezes. Mas mesmo assim sei que ele me adora e a todos os meus primos, tal como nós o adoramos a ele. Mesmo ele não estando presente nem a 100% nem a 50% na nossa vida é muito importante para nós na mesma.

29

Eu conheco os meus avós da parte do meu pai à dois anos porque eles são do porto. desde que os conheci tem sido muito divertido todas as ferias eu e o meu pai. Nestas ferias de verão foram as mais divertidas com eles. São muito divertidos e um pouco chatinhos mas isso são todos. Nas ferias da pascoa eles vêm me visita com muitos sacos de agendas mais gente da familia e final mente nas ferias de natal recebo muitas prendas deles e eles recenbem muitas minhas e vamos a uma festa de passagem de ano.

27

A minha avó tem muitas qualidades mas também tem muitos defeitos. Ela é alegre, trabalhadora, enpenhada, amigavel e meiga mas também é resnongona, chata, teimosa e às vezes perguiçosa. Agora ela não pode fazer muitas coisa porque tem o pulço com uma ligadura. Mas mesmo com essa qualidades, defeitos, problemas ou doença eu continuo a adora-la e para mim ela é uma avó perfeita.

25

Uma avó compra presentes, faz a melhor comida do mundo, leva-nos para sair etc... Ou seja as avós são melhores velinhos de toda a vida. Nos da sempre beijos (o que às vezes é um pouco nojento mas) são muito carinhosos, e nos mimam muito. As suas casas são sempre muito aconchegantes, e sempre deixam-nos brincar: baguçar etc (o que as mães não deixam). Isso são as avós sempre sorridentes e animados, adoro-os.

23

Um/a avô/avó é uma pessoa que é o pai do seu pai que normalmente costumam dar muito carinho aos seus netos.

Os meus avós são muito simpáticos comigo e, principalmente a minha avó, costoma fazer-me comida muito boa de dar presentes muito fiches. Eles são muito meus amigos e são agricultores. Uma vantagem de ter avós agricultores é que tem-se produtos sem quimicos que fazem muito melhor do que os produtos ao sueper mercado que tem muitos mais produtos químicos [n/c]

21

Defino uma avó ou avô como um dos nossos amigos, uma pessoa que nos dá comida, nos ajuda. Os avós são a melhor coisa que nós podemos ter pois são pessoas que mais nos apoiam na vida porque há passaram pelo o que nós estamos neste momento a passar e por isso cumpriendem o que nós sentimos, sabem os medos que nós temos, dificuldades em algumas disciplinas. Os avós são as pessoas que quando nós caímos eles levantam-nos, quando estamos com frio eles aquecem-nos e que quando precisamos de algo eles estam lá para nos ajudar.

19

A minha avó é as melhor do mundo, ela é carinhosa, alegre, divertida e muito engraçada. As avós sempre ajudam o netos quando preciso, como se fossem uma segunda mãe, faz-nos a comida, leva nos a escola quando preciso, nos ajuda por ter experiência de vida,dar-nos conselhos, afinal a nossa avó e um dos bens mais preciosos da nossa vida

17

Para mim, uma avó é como uma segunda mãe que nos ama. Uma avó dá-nos muita atenção e é muito carinhosa connosco. Podemos pensar que os nossos avós não gostam de nós por estarem sempre a ralhar connosco, mas eles só fazem isso para o nosso bem e porque nos amam. Uma avó dá-nos tudo e faz tudo para sermos felizes e eles também gostam que nós lhe demos atenção e carinho.

15

A minha avó é muito carinhosa, amigável, simpática e muito alegre. Ela ajuda-me a estudar quando preciso, cozinha muito bem para mim. Eu acho que ela devia abrir um restaurante! Eu ajudo nos tempos livres a fazer as tarefas e adoro quando nós vamos ao galinheiro apanhar ovos e também quando vamos de férias. Ela tem sempre tempo para mim. Quando tou com dores ela aconchega-me com uma mantinha e abraços. Eu adoro a minha avó!

13

Eu definiu um meu avô divertido, calmo e forte. Ele pode ser um bocado dorminhoco mas é simpático. Defino a minha avó como divertida, energética e sensível. Ela gosta muito de contar histórias de antigamente quando ela era pequena. Os meus avós juntos são muito divertidos, cuida de mim e faço tudo por eles para ficarem felizes. Eu adoro os meus avós.

11

A minha avó é divertida e muito boa cozinheira. Quando eu tinha fome ela alimentava-me quando eu estava com frio ela cobria-me. Ela era como uma mãe para mim. Quando tinha 4 anos conheci o meu avô mas passado dois dias ele morreu portanto eu não cheguei a conhecê-lo muito bem mas sei que ele era muito amigável e carinhoso. Eu adoro-os.

9

Uma avó tem que ser carinhosa, amigavel, amorosa. Ela tem que ter paciencia para aturar os seus netos. Gostar de estar com eles (netos). As avós podem ter defeitos, não ter tanta paciencia, pois já têm uma certa idade. Muito importante têm que ter comida, porque geralmene os netos vão para casa dos avós e começam logo a comer. Os avós geralmente trabalham, por exemplo eu adoro ir para a casa da minha avó, depois sei que vou para o trabalho dela.

7

Uma avó pode ser carinhosa porque nos oferece sempre comida e muitas mais coisas, passa tempo connosco. Um avô pode ser brincalhão come pode ser resmungão quando quer silêncio para ver televisão. No meu caso a minha avó ofereceme muita comida e é muito brincalhona. O meu avô às vezes é brincalhão outras veses é resmungão porque quer ver televisão e quando eu e os meus primos estamos juntos fazemos demasiado barulho

5

Os avós são aqueles que nos enchem de mimos, antes de dormir nos dão um leitinho com bolachas e ficamos todos felizes. São aqueles que ás vezes ficam connosco nos fim -de-semana. Que nos dão aquela comida caseira e ficamos maravilhados. Quando nos magoamos estão lá em [n/c] segundos e se estivermos a chorar estão lá para nós. Quando nos obrigam a escrever coisas de [n/c] dependendo do que eles podem dizer trabalha e escreve aquilo que a professora de português te mandou oi essa professora está louca”

3

Uma vó /um avô são pessoas normalmente jegadas a nós, pessoas desatualijadas e pessoas que não trabalham oficialmente. Os avós costumam passar tempo com os seus netos e mima -los. A minha avó é uma pessoa muito doce e amorosa, eu não passo muito tempo com ela, porque ela passa muito tempo a viajar, então acho que ela se deve tar a divertir nisso. Eu adoro a minha avó espero que ela também.

1

Defino uma avó como uma pessoa que sabe das coisas e cozinha muito bem. A minha cozinha bem e rápido por isso (essa afirmação). Eu só conheci as minhas avós, nunca os meus avôs porque eles morreram. Mas eu acho que eles era bom, defino avó/ avô como uma pessoa velha que conhece muita coisa (porque eles são velhos.)

TZ_Plan 1

39

O Cavaleiro da Dinamarca

Em seu percurso para casa o cavaleiro encontra um grande cachorro [n/c] com fome logo mas aprende ele riu l la o mas o lado estava congelado e ao redor cheiro de neve perdido na floresta com fome e sede atravessava o lago congelado lentamente com medo de gelo se quebrar.

37

O cavaleiro entra no barco errado

Vai para França

Conhece o Presidente Macron

Vão numa aventura juntos

Encontram um demónio e um anjo

Peparam-se numa ilha isolada

O presidente ajuda presidente o cavaleiro a chegar a casa

35

No dia 24 de dezembro o cavaleiro ainda não tinha chegado a sua casa.

Ele no meio do caminho encontra um lebo preto muito agressivo.

O lobo começa a moder o Cavaleiro.

Depois uns momentos ele mata o labo

Mas aperece outro e morde-lhe o pescoço

E passado alguns momentos o cavaleiro sente-se mal e vai para a casa de pedreiros.

E acabou por morrer na casa deles.

33

O Cavaleiro chega à aldeia dos lenhadores, mas está vazia e destruída.

Ele continua o seu caminho triste.

Encontra um lobo branco.

O lobo leva-o para a sua aldeia mas também está vazia e destruída,

O cavaleiro segue um rasto de marcas no chão.

Chega a uma gruta.

Nessa gruta estão lobos, esquilos e ursos abrigados do frio.

O cavaleiro desiste, fica a viver com os animais, a tomar conta deles e visse versa.

31

Chegou rapidamente à Dinamarca e a família do cavaleiro não estava lá, pois tinha adivido a 3ª guerra mundial graças a Danald Trump. Que afetou bastante a Dinamarca, só lá estava Noémia Gonçalves que o ajudou a reencontrar a sua família

Foram até à América do Norte

Delimitara as GSW num jogo para pudecem passar a fronteira dos EUA

Reencontra toda agente em Miami

29

No dia 24 de dezembro quando a família do cavaleiro tá toda junta perto da meia noite sofrem um ataque do sobre-natural.

Personagens - cavaleiro, 3 filhos, avó, o pai e mãe, Chuky. Amanelle, hit a coisa, joker e elfos.

27

O cavaleiro tinha acabado de sair da casa dos lenhadores e começou a nevar mas era muito pouco ele tinha o objetivo de encontrar o rio para chegar a casa.

Ele estava distraído a olhar para a neve e o cavalo cujo o nome Juelmo e ele caíram no rio

A sorte dele é que andava sempre preparado com três mantas e dez carnes num pote.

Então cobriu-se com a manta.

Passados os cinco minutos começou a nevar muito e ele viu lá ao longe um lobo.

Atirou-lhe uma carne e o lobo foi-se embora sedo feliz por ter ganho uma carne sem fazer nada.

Passados outros cinco minutos ele encontrou três raparigas perdidas com frio.

Que tinham o nome bordado na camisola.

25

E quando o cavaleiro saiu da aldeia dos lenhadores, montou no seu cavalo, e continuou o seu caminho.

Ele passava por muitas árvores com folhas

23

1º O cavaleiro [n/c] umas pegadas de humano com restos de madeira e [n/c]

2º Ele cantava um [n/c] lanhador e mata-o com uma espadada no coração.

21

O Cavaleiro dai da Antuérpia, e vai para a Dinamarca de carro.

No m

eio do caminho o carro avaria, quando estava ao pé de um sapateiro.

O sapateiro chama um mecânico.

O mecânico demorou 1 hora a chegar.

O cavaleiro parte para a Dinamarca.

Depois passou por uma aldeia de Indios.

Ao Indios não queriam que ele se fosse embora.

Ele faz uma matrafulha e diz que vai buscar comida e foge.

Chega a casa.

19

O Cavaleiro do Egito

O cavaleiro estava no verão a voltar para sua casa que tinha uma esposa grávida

Estava muito quente

Trabalhava em mar

Morava num deserto

Tem um cão como melhor amigo

O cão acha o caminho

No final seu filho Will nasce.

17

O cavaleiro da França

O cavaleiro sai de Portugal em direção a França

Tempo meteorológico quente, verão

Prometeu ao colega de quarto estar em casa para a festa de verão em agosto

O tempo está a acabar e o clima era um grande obstáculo

Ele encontra um pássaro grande na cidade que o leva a voar e a encontrar o caminho para casa.

15

Dia 24 de dezembro

Entra na floresta e perde-se

Encontra lá no dia de Natal porque esqueceu-se da família. A família fica preocupada

Recupera a memória e sai da mansão

No dia 25 à noite chega a casa com ajuda de um cão

E adotam o cão

13

O cavaleiro perdesse num bosque

O cavaleiro encontra um homem idoso gordo e malcheiroso

O homem idoso dá um conselho ao Cavaleiro

O cavaleiro procura um árvore cheia de luzes menos uma estrela.

O cavaleiro desmaia e a família fica preocupada

O velho acorda o Cavaleiro e vêem uma casa pequena. O cavaleiro encontra a sua família e ficam todos felizes.

11

O cavaleiro voltou a encontrar uma outra cabaninha onde pediu para se abrigar no qual lá dentro também tinha uma família.

O cavaleiro encontrou uma família de raposas perdidas

Eles juntaram-se porque o Cavaleiro se tinha perdido e não ter encontrado a sua família

O cavaleiro "comprou" uma cabana para morar com as raposas e passado alguns anos voltou em busca da sua família no qual ele passou por varios paises.

No fim ele chegou a sua casa e viveu durante alguns dias e depois morreu porque ele adoeceu e morreu.

9

O cavaleiro sai de Antuérpia, de comboio para a Dinamarca

Demora horas a chegar

Aprecebesse que foi para a Suecia, porque foi no comboio errado

Alugou uma bicicleta e foi de bicicleta para a Dinamarca

Vai por um atalho (floresta)

Perdesse na floresta

Depois de andar muito encontra o rio

Viu uma luz e era a casa dele

Chega a casa

7

O cavaleiro encontrou um urso

Vai a casa de os lenhadores

Depois encontra os lobos

Os lobos defendem o cavaleiro do lobo mais feroz

O cavaleiro conta a sua viagem

E têm um Natal feliz

5

Vai para o inferno

Vê Dante

Luta contra Zeus

O [n/c] para uma ilha paradisíaca por Zeus

Ilades (deus do submundo) ressuscita-o porque guarda rancor de Zeus

Ilades dá-lhe poderes

Cavaleiro derrota Zeus

Ilades tira-lhe os poderes

Ilades governa o mundo

3

O Cavaleiro da Dinamarca

Dia 24

Aldeia lenhadores; fica triste

Animais fazem caminho cavaleiro e lobos

Os lobos ajudam o cavaleiro todos festejam

Perdem-se; reza

Todas as arvores se iluminam

1

Era 24 de Dezembro um dos dias mais curtos do nada, ele caminhava com grande pressa, pois tinha que chegar em casa antes da meia noite, sem falta. O seu plano era chegar ainda com dia a uma pequena aldeia de lenhadores [n/c] que ficava junto da sua

TZ_D2 – “Reinvenção 1”

39

O Cavaleiro da Dinamarca

Em caminho de casa o cavaleiro vai cachorro selvagem com fome então desagar o cavaleiro passou por ele um pouco mas à frente o cavaleiro com fome, sede e frio avistou um grande lago congelado e com neve ao redor, com medo ele atravessou lentamente o lago para chegar em uma casa bem pequena que parecia ser aconchegante e quente quando chegou, bateu na porta, veio um senhor gentil perguntando, o que fazia naquele frio e pedido para o cavaleiro entrar para se aquecer, o senhor deu-lhe comida, água e o aqueceu e o cavaleiro feliz agradeceu e voltou para sua caminhada logo a frente a viu uma luz forte brilhando e lembrou se da árvore que os anjos avisou montado feliz correu em direção a luz da estrela quando chegou por direita para sua casa para encontrar sua família e la estavam eles esperando todos ficarem.

37

Era uma vez um cavaleiro que estava à espera de barcos para chegar à sua querida casa a Dinamarca. Ora neste momento o cavaleiro estava em Antuérpia.

Não dormiu durante uma noite estando demasiado ansioso para finalmente chegar a casa.

Acordou logo de madrugada e quando já estava a chegar o barco já estava em alto mar deparou-se com o capitão e disse:

- Lá vamos nós para a Dinamarca!

O capitão responde:

- o quê este barco vai para a França

Com estas palavras o cavaleiro cai no chão.

Passados dias

35

A morte do Cavaleiro da Dinamarca

No dia 24 de dezembro o Cavaleiro ainda não tinha chegado a sua casa. " O mc donald's".

O cavaleiro da dinamarca continuou o seu percurso até ao MD.

No meio do caminho ele encontra um lobo preto muito agressivo.

O lobo começou a correr para cima dele e atacou-o no braço mas o Cavaleiro matou-o. E logo de seguida aparece outro lobo e ataca-o no pescoço e o cavaleiro acabou por matar o lobo, mas tinha ficado ferido.

Passado alguns instantes ele sente-se mal e vai para a casa dos pedreiros.

Ele melhorou e foi em busca do seu hambúrguer no mc donald's.

Passado alguns dias ele começou a ver a torrer do mc donald's e mal a vê começa a correr para a porta e entra.

Quando lá entra pede 50 coca-colas, 50 latas e 50 big macs.

Depois de ter comido isso tudo foi embora mas antes disso foi pedir mais 25 hambúrguers.

O cavaleiro da dinamarca tinha ficado muito gordo quase que não conseguia andar, ele rebojava.

Depois de andar mais alguns dias ele viu o burger king e entrou.

Quando entrou pediu 50 hambúrguers, 50 batatas e 50 coca-colas.

Ficou lá o dia inteiro a comer isso e á noite voltou a pedir mais 2 hambúrguers, e depois de ter comido, ele acabava por morrer de overdose de gordura no coração.

33

O Cavaleiro da Dinamarca

No dia 24 de dezembro o cavaleiro ainda não tinha chegado a casa, estava no meio da floresta, mas avistou alguma coisa...

Era a aldeia dos lenhadores, mas estava vazia e destruída. Ver a aldeia dos lenhadores deixa o cavaleiro muito triste, mas não foi isso que o impediu de continuar.

O cavaleiro entrou na floresta e continuou triste e sozinho. Passado algum tempo ele apercebeu-se que estava perdido e a andar Às voltas. Com isso ele, desistiu foi dormir e disse que iria continuar na manhã seguinte.

Quando ele acordou apercebeu-se que estava alguém a observá-lo, era um lobo branco com a neve, que guiou o cavaleiro até ao sítio que ele procurava a sua aldeia, mas também estava vazia e destruída.

O cavaleiro chegou ao pé de sua de sua casa, deitou-se no chão e começou a chorar. O lobo mostrou-lhe um rasto de marcas no chão, o cavaleiro decidiu segui-las.

Essas marcas foram-se levantar até uma gruta onde estavam lobos, ursos e esquilos, abrigados do frio, o cavaleiro desistiu de tudo e deixou-se fazer de alimento para os animais, ou seja morreu.

31

O reencontro

No dia 24 o Cavaleiro chegou à Dinamarca, as coisas estavam muito calmas e o Cavaleiro começou a desconfiar disso. Quando chegou á sua terra Natal viu a sua casa ao longe mas ela estava totalmente destruída graças à 3ª guerra mundial provocada por Donald Trump.

Aquela guerra é possível ter afetado a Dinamarca inteira, pois pelo menos daquela aldeia só a casa de Noémia Gonçalves é que tinha ficado de pé. Quando se apercebeu disso o cavaleiro foi a correr procurá-la. Ele só dizia:

- Noémia! Onde estás?! – gritava desesperda – A minha família? Noémia!

Passado um tempo Noémia apareceu, ela contou ao Cavaleiro o que se havia passado e para onde achava que a sua família tinha ido.

- A Dinamarca está destruída e a Europa toda vai pelo mesmo caminho – dizia Noémia

- Eles, todos eles, pegaram num barco e foram para oeste á procura da América!

- então, nós para lá também partiremos disse o Cavaleiro cheio de certeza e coragem.

Assim, no mesmo dia, ao final da tarde o cavaleiro d Noémia partiram para terras que para eles eram desconhecidas e bastante estranhas.

Após chegaram à costa foram travadas pelo exército Americano que lhes podia os passaportes. Todos aflitos sem saber o que se passára o cavaleiro só dizia.

- Nós somos pobres estrangeiros que não sabemos o que isso é. Fazemos o que for preciso para nos deixar passar.

Com isto o exército teve "pena" e disse tem até amanhã para arranjar uma equipa de basket para confrontar os GSW num jogo.

O cavaleiro não sabia o que fazer, ele sabia o que basket, mas como é que ai arranjar uma equipa para os combater. Ele pensou para si mesmo: "Se eles não vencerem até agora contra ninguém, não será contra mim que vencerão".

Os GSW acabaram por deixar o Cavaleiro ganhar, mas só por piedade.

Eles conseguiram chegar junto de família do cavaleiro a Miami são e salvo.

29

No dia 24 de dezembro muito perto da meia-noite o cavaleiro e sua família tava toda junta à lareira e o cavaleiro contava suas histórias de aventura e Veneza, Florença.

Depois da meia-noite de natal algo bateu à porta eram elfos do sobre-natural e amarraram a família toda do cavaleiro e de seguida apareceram mais personagens do sobre natural que eram o Chuky, a Anabelle a boneca, Hit a coisa e o Joker o palhaço risonho.

Passado pouco tempo quando a família do cavaleiro tinham sido raptadas na sua propria casa aparece o Diabo vermelho do inferno. Quando o Diabo reuniu os seus amigos sobre naturais a família do cavaleiro conseguiram cortar as cordas com a espada do cavaleiro e fugiram mas a avó ficou para traz a distrair o diabo porque a avó percebia muito do sobre natural. quando o diabo e seus companheiros [n/c] que a família tinha fugido para atraz deles, as o Diabo ficou com a avó e matoua. Todos os personagens so sobrenatural encontraram a família e mandou-a toda para o inferno com o Diabo e foi um natal aterrado para toda a família.

27

A [n/c] de roza

O Cavaleiro tinha acabado de chegar na Dinamarca.

Entrou na floresta e logo viu uma aldeia de lanhadores.

Foi falar com o lanhador mais velho que já o conhecia desde os seus sete anos.

Já era escuro então o lanhador pediu que ele fica-se e logo de manhã ele ia embora.

O Cavaleiro recusou porque queria ver a sua família, despediu-se e foi embora.

Quando ele saiu começou a nevar mas era muito pouco.

Ele tinha o objetivo de seguir o rio porque a sua casa era logo ao lado.

Ouviu um barulho da água e já sabia que era o rio mas distraído com a neve caiu lá dentro com o seu cavalo cujo nome era Joelmo.

Dessa vez ele esta preparado com três mantas e dez carnes.

25

O Cavaleiro da Dinamarca, em sua aldeia

O Cavaleiro aflito para ver a família, bem cedo no dia 23 de Dezembro se levantou para continuar a calvaugar até sua aldeia. Muito feliz e claro, ele nunca esteve tão feliz como esteve agora. Quando estava na hora de almoço não tinha nada para comer, então parou para descansar e pra ver se tinha algo para ele comer. Ele tinha algumas moedas, mas como viu que não tinha nada para comer, continuou a sua jornada. Quando já era 18:30 h já estava morrendo de fome, foi quando passou um homem com alguns peixes, e ai foi a ideia de os compralos com as poucas moedas que tinha. Ele perguntou se o homem aceitava a troca. Depois o Cavaleiro perguntou se sabia onde tinha um lugar para ele dormir.

23

Era dia de Natal e o Cavaleiro estava perdido no bosque quando, finalmente, encontrou pegadas humanas com pedaços de madeira e disse em voz baixinha:

- Deve ser um lanhador perdido, como eu, na floresta.- seguindo as pegadas.

Quando finalmente chega à habitação do soposto lanhador e espreita pela janela e vê um assacino de lanhadores, com essa visão ele disfarssa-se de lanahdor e leva um ponhal com espinhos afiados para o matar

21

A viagem do Cavaleiro

Era vespera de Natal e o Cavaleiro saiu da Antuérpia e vai para Dinamarca porque queria passar o Natal com a sua família e amigos, e por essa causa foi de carro.

Passou-se 50 minutos da partida e o carro avariou. A sua forte foi que estava pertinho de um sapateiro. Já que o carro tinha avariado ao de sapateiro o Cavaleiro foi-lhe pedir para ligar a um mecânico pois o seu carro tinha avariado.

E assim fez, chamou um mecânico. Com [n/c] o mecânico demorou cerca de 1 hora a chegar ao seu destino.

Quando o carro ficou arranjado, o cavaleiro partiu par Dinamarca com a certeza que ia chegar a casa.

No seu caminho de regresso passou por uma aldeia de índios onde ficou um bocadinho.

A fim quando ele era para ir embora a aldeia não o deixou ir, de tal forma que teve de inventar um plano para fugir, dizendo que vai buscar alimentos.

E assim foge a sete pés.

Com toda a certeza do seu caminho o cavaleiro conseguiu ir para casa.

19

O Cavaleiro do Egito

Era verão quando o Cavaleiro do Egito partiu em uma viagem a trabalho e prometeu a sua mulher grávida que retomava em uma semana,

O Cavaleiro a fim de sua viagem retornava à sua casa com muitas felicidades ao seu regresso a casa, quando chegou ao Egito (onde ele morava) começou a longa caminhada com muito calor com seu melhor amigo o cãozinho Mike, ao retorno de sua viagem estava muito calor o Cavaleiro suava e o cão Mike sempre a andar +-com a língua de fora a precisar de água, mas o Cavaleiro tinha muita pouca água e precisava de poupar.

A meio do caminho começou uma tempestade muito forte de areia, então o Cavaleiro começou a entrar em desespero, pois estava perdido numa tempestade com o seu cão, porém seu cão Mike avistou uma aldeia, onde logo foram a correr, chegaram lá e acolheram-no, e disseram que podia ficar mas o Cavaleiro não quis, mas como a tempestade estava forte ele lá dormiu, enquanto o Cavaleiro dormia o Mike saiu a procura de sua casa, logo o Mike pelo cheiro achou, voltou a correr para o Cavaleiro acordou-o e começou a ladrar a tentar demonstrar que tinha achado a casa dele, o Cavaleiro logo percebeu e foi atrás dele achou sua casa e seu filho Willl tinha acabado de nascer e sua esposa. Ele [n/c] estava a sua espera, e no final tudo acabou bem, e era Pascóia, o Cavaleiro ficou muito contente por ter regressado.

17

O Cavaleiro da França

Era pleno agosto e o clima estava muito quente. Tão quente que não dava para ver a estrada com as ondas de calor mas o corajoso Cavaleiro não desistia.

Ele saiu de Portugal em direção da França com muita pressa pois tinha prometido ao seu colega de quarto que estaria em casa para festejar com os amigos e ter uma grande festa de verão na piscina no fim do mês.

Com todas as suas forças, ele e o seu grande cavalo seguiram caminho que se tornava cada vez mais difícil, pois na cidade onde ele vive há muito calor e ventos abafados.

As estradas iam sempre encolhendo e ficando cada vez mais claras com o sol, e foi naquele momento que o Cavaleiro olhou para o seu cavalo e disse:

- Não podemos desistir agora, já estamos muito perto!

Mas o pobre animal já estava exausto e parou no meio da grande cidade. O Cavaleiro olhava em redor e pedia a si próprio para o salvarem, até que viu um pássaro. Mas não era um pássaro normal. Este era grande e preto.

O Cavaleiro foi até ele e pediu-lhe para subir. O pássaro deixou e, juntos, voaram até que o Cavaleiro exclamou:

- Estás a ver aquela grande casa no meio das árvores? É lá que eu quero me deixes!

O pássaro passou e o cavaleiro viu o seu colega impaciente à espera, foi até ele e começaram a divertir-se à grande.

Ele ficou contente pois conseguiu chegar a casa a tempo!

15

Cavaleiro de Portugal

No dia 24 de dezembro o cavaleiro chega a Portugal onde está a sua amável família.

Ele andou, andou e chegou a uma floresta que ficava em Aveiro, mas perdeu-se

Passaram-se várias horas de caminho e o cavaleiro estava com fome, frio e cansado no entanto encontrou uma mansão e dirigiu-se para lá. Bateu à porta e veio um homem muito jeitoso:

- Boa tarde – disse o cavaleiro – por acaso não sabe Onde é ílhavo?

- Sei – respondeu – mas é muito longe daqui fica em minha casa esta noite, há aí fora muitos animais selvagens.

O cavaleiro aceitou o convite e quando entro estava tão quente. Ao passar do tempo ele tinham-se

13

O regresso

O Cavaleiro começa a entrar em um bosque que nunca, mas nunca viu. O Cavaleiro em uma gruta caminhada, já ficou com fome e com sede. Havia um rio com água geladíssima.

Como o Cavaleiro estava cheio de sede, não tinha mais outra a não ser beber aquela água gelada.

Cada vez, que ele andava, cada vez que ficava mais escuro e mais assustador. Não dava para ver nada direito, não se viu as árvores as plantas. O Cavaleiro começou a ouvir passos por traz das costas deste.

O Cavaleiro estava arrepiado e ainda ouvia passos.

11

Em busca de sua família

Numa noite escura de Inverno o cavaleiro continuava perdido com muito frio e com muita fome. Então foi ai eu avistou uma cabaninha com muita iluminações de natal.

Batei à porta e nessa cabana morava uma família muito feliz e o cavaleiro pediu para entrar para se abrigar.

Deram-lhe comida, agua e logar para dormir e o cavaleiro disse:

- Amanhã de manhã sairei em busca da minha amada família...

Logo de manhã o capitão acorda e segue o seu caminho com o seu fiel amigo o cavalo. Entretanto no seu percurso ele encontrou uma família de pequenas raposas que perderam os seus pais no meio de tanta neve.

Passados anos, dias, meses de ter saído de casa daquela família tão simpatica o capitão perdeu a noção do tempo e já era 26 de dezembro na qual ele começou a morar com os seus animais os cavalos e as raposas que já estavam bem crescidas.

Passado o ano inteiro o cavaleiro voltou a tentar encontrar a família de novo e no seu caminho encontrou um senhor que o agradou.

Ele passou paises horas e meses até que finalmente encontrou a sua família.

Ficaram muito felizes por terem voltado a ver mais o Cavaleiro passado alguns dias morreu por uma doença muito grave.

9

A viagem do Cavaleiro

Era vespera de Natal, o Cavaleiro da Dinamarca estava a sair da Antuérpia. Ele já tinha perdido o cavalo então com uma das últimas moedas o Mercador, foi à estação de comboios, mas em vez de entrar no comboio para a Dinamarca foi para o comboio da Suécia.

A sorte do Cavaleiro é que Suécia é perto da Dinamarca, então compra uma bicicleta para a Dinamarca, mas no meio do caminho o pneu da bicicleta furou, por sorte do Cavaleiro ele estava ao pé de um mecânico que lhe mudou o pneu.

Com a casa do Cavaleiro ficava um pouco longe dele decidiu ir por um atalho, no meio da floresta.

Em seguida, como o Cavaleiro estava de bicicleta era mais, mas mesmo assim já era de noite então o Cavaleiro como não via nada pois estava escuro, o Cavaleiro perdeu-se.

O Cavaleiro não perdeu esperança continuou a pedalar até que encontrou o rio. Um pouco depois ele viu uma luz no reflexo do rio. Ele foi ver o que era e era a sua família com uma luz com esperanças que ele volta-se. Ele largou a bicicleta e foi a correr para casa.

E viveu feliz para sempre.

7

O cavaleiro chega a casa

Começou a anoitecer e o cavaleiro ainda estava na floresta. Entretanto um urso apareceu na frente dele.

Mesmo ele gritando que era "Dia de [n/c] é noite de natal" o urso atacou o cavaleiro com uma arranha dela na cara, o cavaleiro tira a sua espada e mata o urso com dois golpes.

O cavaleiro continuou o seu, escuro e chegou à aldeia dos lenhadores que o curaram da frida na cara e deram de comer ao cavaleiro.

O cavaleiro a seguir continuou o seu percurso e encontrou o lobo mais feroz da floresta todo esfomeado. Uma alcateia de lobos aparece por de trás do cavaleiro e dedendem-no.

O cavaleiro continuou e chegou a sua casa, cumprimentou toda gente e acabou por ondas a sua viagem no jantar.

Depois foi a hora do cavaleiro dar as suas prendas à família e aos colegas e todos gostaram, acabaram por ter um Natal feliz.

5

O Cavaleiro é um falhado

O Cavaleiro chamava-se Dany, ele estava na floresta, a seguinte marcas de um trenó. Quando o Dante lhe diz_

- Zeus vem ai e quer-te matar só te pessos [n/c] agora.

E deuses [n/c] desceu para o submundo.

O Dany ficou a pensar nisso, mas de repente Zeus aparece e mata-o, (Na mitologia grega, quando alguém morre vai para o submundo). Ao chegar ao submundo Ilades dá-lhe poderes, e ressucita-o para ele matar Zeus, pois guarda-lhe um rancor enorme.

Na luta entre Dany e o Zeus, Dany morre, Zeus quase morre.

No final Ilades chega, mata Zeus e governa o mundo.

3

O Cavaleiro da Dinamarca

Era dia 24 de dezembro, vespéra de Natal.

O Cavaleiro cavalgava apressadamente no seu cavalo para a aldeia dos lenhadores, única aldeia situada no meio da floresta.

Chegando lá, já à anoitecer, foi acolhidos pelos lenhadores a sua festa de Natal.

Naquele espaço tudo era muito elegante e bonitas, as crianças corriam de um lado para o outro, as mulheres preparavam a refeição e o Cavaleiro sentado à mesa com os lenhadores conta-lhes a sua história de regresso e as pessoas que colheceram enquanto comia uma sopa quente.

Em seguida despachou-se a acabar a refeição e agradeceu aos lenhadores pela hospitalidade.

Já no meio da floresta encontrou uns lobos também perdidos e esfomeados. Então acordou o seguinte:

- Levam-me a casa e eu já dou-vos comida para sassiar a vossa fome.

Os lobos aceitaram e uns à frente dos outros começaram à andar e enquanto andavam e andavam iam-se [n/c] mais animais a eles que ao chegar a determinado ponto pararam e alinharam-se formando um caminho para si e para o seu cabelo.

Ao fundo desse caminho era possível ver a clareira de bétulas onde a sua família esperava o Cavaleiro à porta avisamos pelos animais.

O Cavaleiro tinha cumprido a sua promessa agora que estava lá, podera ver os seus filhos e também agora netos, criados e esposa que alegres por ver no dia seguinte contaram o seu regresso a todos os que podiam e também nas seguintes noites de Natal foi a história contada.

1

Cavaleiro da Dinamarca do Natal

Era 24 de Dezembro, um dos dias mais curtos do ano e ele caminhava com grande pressa, antes da meia noite, sem falta, tinha de chegar à sua casa.

Ele prometeu À sua família que ele ia passar o Natal com eles.

O seu plano era chegar ainda com dia a uma pequena aldeia de lenhadores que ficava perto do rio que passava junto da sua casa.

Uma vez encontrado esse rio mesmo de morte, não se poderia perder, pois o curso gelado o guiaria.

Depois de caminhar durante muito tempo, ele percebeu que estava perdido, os pinheiros era como um labirinto.

TZ_Plan 2

39

O rei iria dividir o reino entre suas filhas, passar um tempo com seu amigo, descobrir as belezas do reino

31

No sonho do rei ele sonhou que seria traído pelas

- filhas que deixou no castelo enquanto ia de férias para coroa
- Quando chega a Helíria a cidade estava toda destruída e em guerra com os fronezianos
- Dias depois do rei chegar um dragão invade o castelo e queima tudo, só porque o rei não lhe deu o burro da corte para ele casar
- Quando o rei entra no castelo as filhas são um mutante de três cabeças. Que tinham com elas o ceptro na mão e a coroa na cabeça
 - O rei pergunta ao mutante onde é que ele errou e o mutante responde que é mais fácil dizer onde ele acertou

27

O rei vai encontrar umas roupas do bobo no chão e decidiu vestir logo a sua vida mudou e ele começou a ser o bobo.

Se encontrou no chão com roupas esfarrapadas e só conseguia ouvir muitas pessoas a rir dele.

Tentou pegar seu ceptro e sua coroa mas cada vez que ele se aproximava mais as longe as coisas ficavam e mais alto eram os risos das pessoas ao se redor.

No final quem estava nas suas roupas era o bobo.

21

Não fez

19

No palácio as coisas começam a ficar estranhas depois da decisão do rei.

O rei tem um sonho em que suas filhas tentam roubar o manto, a coroa e o ceptro!

Tudo começou quando o rei decidiu que estava demasiado velho e queria renunciar o trono a uma de suas filhas.

O rei decidiu fazer um desafio entre suas filhas para saber quem era a princesa com o coração mais puro.

Então Amarílis e Hortência enganam o pai, dizem que a Violeta é uma má pessoa e mentem sobre ela.

17

Um vírus contagiante chega ao reino

Começa por infetar os pobres e continuando até chegar à família Rei

só um se escapou - o Bobo só ele tem a cura

o Rei pede ajuda ao seu Bobo e ele aceita com uma condição - tornar a sua vida melhor. O rei diz que sim mas há é tarde demais.

15

- O rei aparece num sítio vazio onde depois está no seu reino
- O povo parece estar todo normal mas estava lá alguém que não devia estar lá.
- O rei fica triste porque aquela pessoa que amava agora eram criadas

- Volta para o castelo e percebe-se que foi substituído e enganado
- Mas de repente acorda e apercebe-se de que era um sonho.

13

Não fez

9

- O príncipe feliz quando casasse com Amarílis queria o reino;
- Depois de o príncipe assinar os contratos com o rei, o reino ficou em crise então o príncipe já não queria o reino;
- No fim descobriram que os príncipes só queriam o dinheiro das princesas e do rei, o Reginaldo era o único que não se interessava por dinheiro.

7

- Aparece um desconhecido e pede a mão da filha mais velha.
- Casa com a mais velha e fica com o trono
- Aprisiona todos da família real e ao povo torna-o escravo
- O antigo rei escapa e reúne com os outros reinos e formam um exército
- Invadem o reino durante a noite
- Salvam toda a gente e aprisionam o novo rei
- No fim á uma festa de celebração

3

Começava com "Estava num espaço escuro"

Castelo - filhas - sozinho - Deus - coroa- fuge - reino a arder - "a culpa é tua" - acorda

TZ_D3 – “Reinvenção 2”

39

Numa manhã acordei feliz pois tinha tido um sonho onde o reino foi dividido para minhas três filhas. Elas ficaram muito felizes e cada uma ficou com uma parte do reino de Heliria. Para o rei não ficar longe de suas filhas ele decidiu passar três meses em cada reino. Quando já havia passado esse tempo com suas filhas, viu que tinha ainda um mês e decidi passar aquele tempo com meu amigo que sempre esteve ao meu lado, o Bobo. Fui até a casa do Bobo para ver o que iríamos fazer naquele dia. Decidimos que iríamos passear pelo jardim do reino juntos para conhecer melhor as belezas do reino. Tinha sido um dia muito bom e alegre pena que os sonhos bons acabam e foi por aqui que meu sonho se foi.

31

Era um dia normal que o Rei tinha enquanto passava férias em corona, só que nessa noite... ele teve um sonho, em que as filhas lhe roubavam o trono. Um sonho que pouco depois vem a descobrir que estava dentro do seu próprio sonho. Logo quando acorda decide ir para casa, porque aquela memória, aquela percepção não lhe saia da cabeça. Quando chega a Helíria, vê a cidade toda destruída porque as filhas haviam provocado uma guerra contra os Fronezianos. Durante alguns dias o rei vagueou pelo seu reino para ver como estavam todos os lugares. Até que numa tarde vem um dragão que acaba por queimar o reino, pois o rei não lhe quis dar um burro para ele casar. Já farto da destruição e dos danos causados naquele tempo. quando entra no castelo, vê sentado no trono do Rei as suas três filhas que haviam se transformado num mutante de três cabeças. Ao qual o rei pergunta um bocado preocupado: - o que se passa? O que fui eu fazer? - o problema é mesmo esse não fizeste nada, não acertaste em nada. Mimas todas as tuas filhas mas esqueceste que só uma poder ficar com o reino e não te esqueças que essa escolha será breve... E aí o rei acorda e é o fim deste sonho bizarro.

27

No sonho do rei ele tinha encontrado roupas de seu bobo estendidas no chão e vestiu pois pensou que nada de mal lhe aconteceria se as roupas de um bobo fossem vestidas.

Logo, logo ele se encontrou no chão com três raparigas lindas as olhar diretamente para ele e a rir. Ele não tinha nada do que era seu ao pé de si, até que olhou para longe e viu as suas roupas, parecia-lhe que alguém estava nelas mas estava tão longe que ele não conseguia ver quem era.

Levantou-se envergonhado e começou a correr para tentar chegar ao ceptro e a sua coroa mas cada vez que ele se tentava aproximar mais as suas coisas ficavam longe e mais as gargalhadas no fundo ficavam altas.

Ficou a tentar pegar suas coisas por horas mas não conseguiu até que teve uma ideia infalível.

Só disse: - Rei pode vir aqui para eu lhe contar o planeamento de hoje.

Assim veio e respondeu: - o que queres meu bobo.

Ele olhou para sua cara e conseguiu ver traço por traço da cara da pessoa que lhe roubou o fato, e essa pessoa era o bobo.

21

Bobo: Senhor Leandro chegou um rei de outra terra para falar consigo.

Rei Leandro: Mande-o entrar!

Rei (da outra terra): As boas tardes!

Rei Leandro: Seja bem-vindo! Então me diga o motivo da sua visita?

Rei (da outra terra): Eu vim aqui fazer-lhe esta visita, porque me informaram de que o senhor já era uma "antiguidade" para estar num trono, pela mesma razão mandaram-me vir aqui ter consigo para lhe dizer que será possível eu ficar neste trono.

Rei Leandro: Ímpossível! Como pode isso acontecer?

Rei (da outra terra): Mantenha a calma!

Rei Leandro: Como posso manter a calma quando sei que vou ficar sem o meu trono!

Rei (da outra terra): Respire fundo, possa ser que cheguemos a uma conclusão. Que tal quando você morrer, mas só quando morrer eu fico com este trono?

Rei Leandro: Pode ser mas só quando eu morrer!

Rei (da outra terra): Tudo bem!

(passado um mês o rei Leandro ficou muito doente de tal forma que nem conseguia se levantar do trono)

Rei Leandro: Bobo, anuncie ao povo que eu não poderei fazer a palestra que iria fazer.

Bobo: Concerteza!

Rei (da outra terra): Senhor ouvi dizer que está muito doente!

Rei Leandro: Sim, quase na morte!

Rei (da outra terra): Detesto dizer-lhe isto mas com esses problemas de saúde este reino é considerado meu!

19

Era uma tarde de domingo quando o rei dava sua longa caminha pelo jardim palácio como fazia todos os dias, quando vê uma árvore imensa e lembra se que aquela árvore foi plantada quando foi coroado rei, ele teve um pressentimento que estava velho e precisava renunciar o reino a uma de suas filhas, mas estava confuso, pois não sabia qual das filhas era a mais digna para o ter.

(Já era noite e o rei chama suas filhas e diz que precisa ter uma conversa)

Rei: -- Hortência, Amarílis e Violeta tenho uma coisa muito importante para vós dizer, talvez a coisa mais importante da vossa vida

Hotência, Amarílis e Violeta. - diz caro pai ! O que é assim tão importante para o senhor?

Rei. -- Eu decidi renunciar o trono, mas como vós eres tão perfeitas, não sei qual das minhas queridas flores irei eu escolher para reinar o meu trono e ficar no meu lugar. Entretanto decidi fazer-vos um desafio!

(Violeta fica calada e suas irmãs dizem)

Hortência e Amarílis: - Qual será o desafio caro pai?

Rei: - Filhas o desafio é que eu quero que vocês façam um prato de comida para o vosso pai.

(Violeta permanece calada e quieta)

Hortência Amarílis: Pai, vós queres apenas um prato de comida?

Rei: -Sim minhas filhas. O desafio será amanhã mesmo à hora do almoço.

(todos saem e vão dormir)

No dia seguinte o rei vai acordar suas filhas e diz para elas se prepararem, o que o rei não sabia é que no dia anterior suas filhas Hortência e Amarílis tinham tido uma conversa e decidiram sabotar a prova a sua irmã Violeta metendo demasiado sal no prato que iria ser servido ao seu pai, pois o rei detesta sal.

(Hortência e Amarílis antes da prova estiveram a conversar no quarto)

Amarílis. - Já está tudo pronto?

Hortência: - Sim, eu falei com o secretário do palácio e disse para ele meter sal no prato que será servido ao nosso pai pela Violeta.

Elas saem do quarto e vão desejar boa sorte a sua irmã Violeta, depois vão para o centro do palácio onde está a decorrer a prova.

(Então o rei diz)

Rei. - Vou começar a provar os vossos pratos, Hortência poderias começar por favor, em seguida a Amarílis e depois a Violeta a mais nova?

(Todas concordam com o Rei)

(Trazem o prato da Hortência o rei prova e diz)

Rei: - Filha está realmente muito bom, e o ponto exato no sal, próximo.

Rei: - Amarílis está muito bom, essa prova não está a ser nada fácil. Agora por último mais não menos importante o da Violeta.

(Nesse momento a Hortência e a Amarílis começam a rir muito baixo)

(O rei começa a provar)

Rei: - Violeta o que é isto?

Violeta: - O que se passa caro pai?

Rei: - Tu sabes que eu detesto sal, por que usaste tanto? (rei começa a gritar com Violeta) estas a tentar me invenenar Violeta? Vai para o teu quarto estás de castigo

(o rei diz que Hortência e Violeta eram as vencedoras e em breve rainhas)

Depois de algumas semanas o rei tratava Violeta muito mal, e a pobre Violeta não havia feito nada.

No dia da coroação da Hortência e da Amarílis elas chamam o pai para ir a masmorra, sei pai já estava vestido com seu manto levava sua coroa e seu ceptro!

Quando chegaram na masmorra jogaram o pai dentro dela e tiraram o manto a coroa e o ceptro , o Rei caiu e lá ficou , então o rei disse:

Rei: -- Por que estão a fazer isto comigo? (e elas disseram)

Filhas: Porque nós te odiamos (começaram a rir e foram embora a correr)

Foram para o salão onde iria ocorrer a coroação e disseram que o rei havia falecido, que estavam muito tristes, mas que antes de ele ter morrido ele lhes pediu uma coisa, que elas fossem coroadas. Então a coroação continuou. Mas Violeta estava a andar pelo palácio perto das masmorras onde ela sempre andava e ouviu seu pai aos gritos e logo desceu, quando lá chegou perguntou o que se passava e o rei disse:

Rei: Suas irmãs me trancaram aqui, tira me daqui temos que impedir essa coroação. -

Violeta: - Claro que tiro meu pai (logo ele disse)

Rei: -- Mesmo depois de tudo que te fiz?

Violeta: -- Claro o senhor é meu pai e eu amo-te!

Rei: -- Filha desculpa me? Eu já descobri que não foste tu que meteste o sal na comida e sim suas irmãs, elas me confessaram.

Violeta: -- Claro que desculpo pai.

Eles saem da masmorra correm para o salão do palácio e o rei começa a reclamar com Hortência e Amarílis, diz para o guarda prende-lás, os guardas prendem o rei recupera sua coroa seu ceptro e seu manto Duas semanas depois acontece a coroação de Violeta por ter provado ser fiel, pura, corajosa e bondosa, pois era isso que seu pai queria para uma " Rainha " .

Eles então soltaram Hortência e Amarílis e elas aprenderam a lição.

Fim!!!

17

Desde há duas semanas atrás que havia um boato a correr pelo reino de que havia uma espécie de vírus a contagiante do outro lado do mundo. O rei achou que fosse mentira quando chegou aos seus ouvidos, mas quando soube que o seu povo estava adoecer repentinamente, ele começou a duvidar do seu pensamento.

Era verdade, o vírus tinha chegado ao seu reino. Eram cada vez mais pessoas a ficarem doentes, principalmente os mais pobres e idosos. O rei estava assustado e com medo de que da sua família também adoecesse, mas infelizmente aconteceu.

Num instante o seu castelo estava todo infectado exceto uma pessoa uma pessoa - o Bobo que por acaso já tinha feito várias pesquisas e achado a cura rapidamente. Quando o rei soube da notícia pediu ao Bobo para o curar também, mas este só aceitaria com uma condição: aumentar o seu salário e fazer a vida do Bobo um pouco melhor.

O rei disse sim ao Bobo que saiu imediatamente do hospital para ir buscar a vacina da cura.

Quando voltou para junto do rei, este já tivera falecido.

Nesse exato momento o rei acordou sem saber o que poderia ter acontecido ao seu reino.

15

O rei de Helíria encontrava-se agora num espaço vazio e branco onde estava muito frio até que começou a iludir uma aldeia com um povo. No fim de aparecer tudo percebeu-se que era a seu povo.

Ficou muito contente por ver o seu povo trabalhar mas viu três pessoas muito reconhecidas.

Até que se percebeu que eram as três princesas que estranhamente para ele também estavam a trabalhar.

O rei perguntou porque elas estavam lá a trabalhar e porque não estavam no castelo e elas responderam que ele tinha feito um acordo com outra família real e o contrato era que quem vencesse ficava com o reino e o perdedor tinha de ficar no povo a trabalhar. Ele zangado e confuso pois não tinha percebido como aquilo tinha acontecido e foi ao castelo reclamar e recuperar o seu trono e povo.

Quando chegou ao castelo apercebeu-se que não estava ali ninguém até que apareceu o bobo a dizer que ninguém o cria mais como rei e que foi enganado pelas suas filhas e aí ficou destroçado.

Ficou com a frase "Ninguém mais te quer como rei" até que o seu povo voltou a ser um pedaço de nada.

Naquele lugar imenso apareceu no seu quarto deitado na cama a fim de que apercebeu-se que afinal foi tudo um sonho e voltou a ser um rei amado pelas filhas e pelo povo.

13

Rei Leandro: Que lindo dia!

Bobo: Olá Rei, temos um pequeno problema aqui no castelo.

Rei Leandro: Podes contar?

Bobo: Parece que a sua riqueza foi toda levada do castelo para outro sitio.

Rei Leandro: Como assim? Tinha demasiados guardas a guardar a riqueza.

Bobo: Desculpe senhor, só por serem demasiados não quer dizer sejam fortes.

Rei Leandro: Tens razão Bobo. Mas pelo menos eles estão bem!

Bobo: Claro que estão senhor.

O Bobo e o Rei Leandro foram ver os guardas.

Guarda 1: Desculpe senhor, mas nós não conseguimos apanhá-lo.

Rei Leandro: Não faz mal.

Senhora da limpeza: Rei desculpe, mas tem aqui uma pessoa que diz que é de outro reino e quer falar consigo.

O rei fala a pessoa

Rei Leandro: Desculpe, pode começar a falar quando quiser.

Pessoa: Eu sou de outro lugar. E me disseram que o senhor tinha de deixar de ser rei deste sítio.

Rei Leandro: Quem é que te disse isso?

Pessoa: E porque quer saber?

Rei Leandro: Eu não posso sair daqui. E as minhas filhas. Quem vai cuidar delas?

Pessoa: Serei eu.

E daqui o rei acorda.

9

Estava o rei a dormindo quando sonhou que o príncipe Felizardo iria casar com Amarílis, mas o príncipe tinha uma proposta. " Só casarei com a sua filha se o senhor em troca me der o seu reino.". O rei como não queria ver nenhuma das suas filhas tristes, aceitou a proposta.

Logo após o casamento, o reino todo ficou a saber que o mesmo ia passar para um príncipe de outro reino adversário, então entrou toda a gente em guerra.

O rei depois de ver toda a gente em guerra decidiu expulsar o príncipe Felizardo e o príncipe Simplício que tinha as mesmas ideias.

Passado um tempo descobriram que os príncipes

Felizardo e Simplício foram presos por tentar roubar reinos.

Por outras palavras o único príncipe verdadeiro e que acabou por casar com Violeta foi Reginaldo que era um homem de honra e palavra.

Quando estava tudo resolvido o rei acordou, apercebeu-se que era um sonho e foi contar tudo ao bobo.

7

Um dia apareceu um rapaz encantador que pediu a mão da filha mais velha do rei, esse rapaz chamava-se Rodrigo e a filha mais velha gostou dele.

Passados meses eles casaram, Rodrigo ficou com o trono e o rei ficou só a viver no palácio.

Certo dia Rodrigo aprisiona todos do reino, incluindo sua mulher, numa torre escura, aí ficam todos a saber quem era Rodrigo, Rodrigo fez toda a gente do povo escravos.

Mas um dia o antigo rei consegue fugir e reúne com os outros reinos, ele explicou tudo e formaram um exército.

Invadiram o reino durante a noite, salvaram toda a gente e aprisionaram Rodrigo, no final disto tudo houve uma festa para agradecer aos outros reinos.

3

Estava num espaço escuro como se fosse o céu à noite e de repente fecha os olhos e estava no castelo.

No castelo tudo parecia um caos, um monte de empregados a correr de um lado para o outro e do nada, do meio as pessoas apareceram as minhas filhas a falar:

Não vais fazer nada? És um pai horrível. E um rei também! Estão pessoas a morrer! Porquê que não fazes nada?

Devíamos chamar alguém mais competente!

Dito isto elas foram-se embora e o castelo ficou vazio.

Olhei lá para fora, tudo estava em tons vermelhos e pretos com a junção de medo no ar.

No meio do céu, no alto, entre as nuvens apareceram vários seres "são Deuses" pensei eu dizendo:

A culpa é tua! - Repetiam eles em coro.

Enquanto isso a coroa, o ceptro e o manto ia se afastando de mim,

Só consegui ve-los a desaparecer à minha frente.

"A culpa é tua " foi a última coisa que ouvi.

Em seguida acordei assustado e sem fazer o que fazer

TX_D1- Definição de “Avós”

34

A minha avó, é fantástica, ela vai comigo a todo o lado, e dá-me doces às escondidas da minha mãe. Ela tem 65 anos, mas têm mais energia do que eu, ela faz natação, ginásio, dança e anda a aprender a tocar viola. Eu adoro as minhas 2 avós, mas esta avó, é a mais divertida, ela adora jogar jogos comigo, mas é bastante batoteira! Um dos Nossos passatempos favoritos é fazer sobremesas. Resumidamente esta é a Minha avó!

32

O meu avô é uma pessoa muito divertida, simpática e ajuda-me sempre que eu preciso. O meu avo vem-me buscar à escola e eu almoço todos os dias com eles. Gosto muito de estar com ele porque ele faz-me rir e alegra-me quando eu estou triste. Gosto muito do meu avô. Como gosto de todos os meus outros avós.

30

Um(a) avô (ó) é uma pessoa que nos pertence na vida, faz parte de nós. Mesmo que nós pensemos que ela(o) é chato(a) ela(o) é muito importante para nós. Se a minha avó estivesse aqui agora ia sentir-se muito orgulhosa. [n/c]não fosse ela eu não [n/c]acabado 7 cadernetas do mundial, aliás se não fosse... nem se quer existia. Apesar de ela me comprar sempre bolachas tuc de bacon eu continuo a [n/c].

28

Eu defino a minha avó como uma pessoa maravilhosa, ajuda-me muito e é a pessoa que eu mais desabafo, claro que desabafo com a minha mãe, mas a minha avó é a pessoa que sabe primeiro de alguma coisa que se passe comigo e é por isso que a amo, Eu tenho outra avó, essa minha avó é um lutadora, ela sofre de depressão e mesmo assim é uma pessoa maravilhosa comigo e com o meu irmão, ela é muito ágil, ela anda de bicicleta, faz caminhadas, faz tudo para se distrair, o que lhe ajuda é sermos todos uma família unida e a medicação. Eu amo os meus avôs, avós, país, o meu irmão e o meu cão.

26

Não existe uma definição específica para o que eles são para mim. Uns segundos pais acho, que é a melhor definição para lhes agradecer o que eles têm feito por mim. Acho que os avós não têm a obrigação de por exemplo: tomar conta de nós, darem-nos coisas etc. até porque já o fizeram pelos filhos e agora estão a fazer por nós. Agradecer-mos-lhes sim. É uma obrigação. Acho também que se tivermos de os descrever em uma palavra diria fantásticos.

24

A minha avó é simpática, amável e trabalhou muito na vida. De momento tem uma doença mas brinca comigo. Ela vive em minha casa, dá um pouco de trabalho mas não faz mal porque eu gosto muito dela. À vezes ela é um pouco chata e está sempre a falar para a televisão. Ela acha sempre que é tola porque não consegue fazer as coisas. Adoro a minha avó

22

A minha avó Selene Já morreu eu não a conheci, mas, pelo que me contam ela era baixa andava sempre com 3 casacos e com duas calças e claro com o seu chapéu. A minha avó era um bocadinho chata, esquecia-se das coisas facilmente, porque tinha Alzheimer e estava sempre a queixar-se dos seus ossos, ela tinha 103 quando morreu e tem 3 filhos e meu tio Zéneu, a minha Ména e o meu pai Miguel, a minha tia Mena e o meu pai são irmãos gémeos.

20

Um(a) avô (ó) é uma pessoa atenciosa, que guarda todos os momentos para nós. Gosta de nos proteger e apoia-nos em tudo. Eu adoro os meus avós, Significam muito para mim. Como no texto, têm muito tempo para mim. Gosto muito de estar com eles. Cresci com eles e até agora são das pessoas mais importantes da minha vida.

18

A minha avó é espetacular, ajuda-me muito gosta muito de mim e eu queria que ela nunca morresse. Se não fosse ela eu não era o que sou, não tinha o que tenho...enquanto o seu marido o meu avô é rabojento, chato e não faz nada por mim mas no fundo eu sei que ele gosta de mim como eu gosto dele, estes no fundo da minha mãe. Do lado do meu pai o meu avô já morreu mas eu continuei a ama-lo como sempre e a minha avó está viva mas com muitas dificuldades de vida, ela é minha vizinha para se precisar de algo. Ela da-me muitas coisas, mas é mais parada do que a minha outra avó. Mas eu amo-o a todos. A minha avó do lado da minha mãe e Vinda tem o cabelo tipo moita e alta, magra têm olhos castanhos e cabelo castanho.... O meu avô é gordinho baixo, careca têm olhos pretos... A minha avó do lado do meu pai é baixa têm olhos pretos cabelo branco.... Por minha sorte ainda tenho uma viza que têm medo de tudo que possa acontecer a minha família

ela é um bocado rabugenta mas é fixe têm olhos verdes cabelo branco é baixa e é do lado d mãe da minha mãe. Gosto de todos e espero ainda ter muito tempo com eles.

14

Uma avó é uma pessoa de idade, que já viveu muito na vida, stressada, cansada, dolorida. Os avós devem ser preocupados, que cozinhem á moda antiga uma comida maravilhosa, que saiba todas as matérias para ajudar nos deveres na escola. Um avô deve saber ensinar coisas e brincadeiras do seu tempo, que conte musicas antigas e que seja prerguisoso para não desontar a familia.

12

A minha avó é uma mulher de bom caracter e se for para ser sincera ela não se importa, ela diz o que lhe vier à cabeça. A minha avó tem um nome um pouco invulgar, chama-se Zaida. A minha avó é um bocadinho chata mas eu gosto, pois assim temos sempre algo para conversar. Às vezes pode parecer que não gosto muito dela, mas eu gosto, afinal é por isso que continuo a ir a casa dela frequentemente. A minha avó é muito boa cozinheira! Oxalá! Ela fique comigo para sempre.

10

A minha avó è espetacular, ela È amiga, um pouco nervosa, apressadas nas suas tarefas, amável e carinhosa. A minha avó gosta muito de mim e eu dela, ela e o meu avô ajudam-me muito a mim e aos meus pais, eles levama- me para todo o lado A minha avó tem muitas dores mas quase nunca se queixa, faz tudo como se fosse uma jovem. Ela è a alegre, mas Às vezes è um bocadinho péssimista, mas apesar dos seus defeitos e amo-a muito.

8

- Eu gosto muito da minha avó, passeia muito com ela, passo os fins de semana com ela. Vamos almoçar fora, brincamos, cultivamos, brincamos com os cães dela. Mas eu não conto sobre o meu avó porque ele morreu, eu ainda não era nascida. Nós cozinhamos muito, vamos às compras juntas. Vemos televisão juntas, levamos a roupa juntas e é isto.

6

O meu avó é alto magro, queichasse das costas e das pernas. Além disso ele é, teimoso, resmungão, está sempre a falar de politica mas também conta-me histórias de quando trabalhava as viagens que fazia. Ele é muito afetuoso com os animais.

4

O meu avô é brincalhão, divertido e tem paciência para me aturar. Ele é um pouco contraditório. Ele é magro e de altura média. O meu avô preocupa-se muito comigo faz-me fazer as minhas obrigações. Ele leva-me a todo o lado durante a semana com gosto. Para mim é um avô fantástico de ser como ele é, só faltava ser do Sporting, mas a mais guerra lá em casa.

2

Uma avó quer dizer que viveu muito [n/c] muito rápido das coisas, anda muito cansada, quer silêncio e a casa arrumada adora muito os netos, irmãs ou pai e mãe. Gosta de fazer de Fazer tudo da casa não gosta que lhe partam pratos ou coisas assim, todos os dias acorda muito cedo e quase não consegue dormir bem, Já têm pouco energia de Pernas e de ossos.

0

O meu avó é simpático e muito pontual engraçado, adora agricultura, fazer ramos, ir me buscar a mim e à minha irmã à escola. Não é muito velho esta em bom estado gosta muito de usar boné e roupas beges

TX_Plan1

34

local: Praia Africana

personagens: Negros; Brancos (Napolitano Marakay e os seus companheiros)

Nome para substituir Pêro Dias: Napolitano Marakay

Negros tinham medo de Napolitano Marakay e dos seus companheiros, então recuaram com medo

Sangue dos brancos era vermelho e o dos negros era azul

Uma gota de sangue de um e de outro juntavam-se e formou um líquido venenoso, em que se alguém toca-se morria, muitos queriam colocar lá o dedo

No fim a praia foi intitulada como praia do cadáver envenenado!

32

O final do texto vai acabar com todos a serem amigos e a festejarem;

Vai ter as mesmas personagens;

Vai aparecer o branco;

O negro e o branco vão estar a lutar;

Vai se passar numa praia;

Durante a luta vão chegar amigos do negro e ajudá-lo e os amigos do branco igual;

Vão parar durante um bocado;

de repente começaram a falar;

Fazem as pazes;

Começaram a festejar a amizade entre todos;

No fim o tom de pele não interessa pois somos todos iguais por dentro.

30

Personagens principais: rei zedequias profeta e pescador

Personagens secundarias: pais do pescador, irmãos do profeta [n/c]

Figurantes: criados do rei, crianças, soldados

Tempo – 700 a.c

Ação: Profeta, pescador acusam o rei de manter crianças injustamente.

28

Personagens: Ze toninho, Alfredo, toni, Pedro, Ezaquiel

Local – numa ilha deserta e estava lá a haver uma guerra e o zé toninho foi lá ver e chamar os seus amigos para virem ajudar a combater.

Conclusão: perderam um amigo [n/c] morreu, mas ficaram felizes por pensar que as pessoas estavam felizes e totalmente seguras.

26

E após várias tentativas falhadas de Pêro Dias, tentaram estabelecer contato com os Africanos, o negro aproxima-se sorrindo e indicando a Pêro Dias para o seguir para a floresta. Pêro Dias encontra um grupo de pessoas a dar as boas-vindas aos portugueses em África com as suas danças.

Passado algum tempo os restantes portugueses juntamente com o capitão embarcaram na praia para irem à procura de Pêro Dias que, mal encontrado seguiram diretamente de volta para Portugal com algumas especiarias oferecidas pelos Africanos.

20

Negros dentro do Barco/ Brancos dentro da ilha /Comandante dos Negros

Maçã Meses/Ataque dos Negros mas os brancos levam a melhor/ Brancos arranjam um plano e deixam os Negros sem alternativa/ Sai um pequeno barco, tentando fugir e destruir os negros, o plano é bem sucedido (com a distração dos negros, os brancos pegam no barco deles e fogem.

18

esquema

Nova personagem – bebe

Chegada – felicidade / união

Viagem – tempestades /perigos / conseguiu chegar

16

Personagens – Dois negros, que falavam linguas iguais que vieram de diferentes cidades de África, brancos (inimigos)

Espaço – Selva

Ação – Ambos estavam a fugir da guerra e sem planos encontram-se e uniram-se para combater os brancos

Tempo – Há muitos anos

Saíram hérois

14

Tema – A viagem de Pêro Dias

Ao chegar á costa africana o Pêro Dias morre com uma floresta no coração e os povos africanos enterrão o corpo dele na praia com uma cruz em cima do túmulo.

Ao chegar á costa africana o Pêro Dias mata os povos africanos e domina a africa.

Ao chegar á costa africana Pêro Dias morre com uma mina terrestre posta pelos povos africano como declração de guerra.

Antes de chegarem á costa africano pêro dias encontra um sobrevivente de um naufrágio que acaba por matar pêro.

12

Personagens: Pêro Dias, negro

Espaço – Praia, floresta

Ação – vão começar a entender-se e ser amigos

Introdução:

Caracterizar a praia

Caracterizar os personagens

Desenvolvimento:

Ação (entendimento e ia à aldeia dos negros)

Conclusão:

Resumo do texto

Pêro Dias: corajoso, amigável, alto

Negro: medroso, amigável, esquelético, negro

Praia: deserta, bonita

Floresta: verde, florida

Aldeia: animada, barulhenta, divertida

10

Pero Dias/ Josebino

Ilha

Muitas mortes

Colonia de negros do outro lado da Ilha

8

Introdução

A minha narrativa/ texto vai falar de um acampamento em família.

Desenvolvimento –

Vai acontecer num parque de campismo onde eu e o meu irmão nos vamos perder, porque não sabemos onde ficava a casa de banho

Conclusão –

Voltamos a encontrar os nossos pais.

6

Pedro Dias faz uma viagem até a costa africana

Parte do Alentejo. Dá-se uma tempestade a meio da viagem. Ao chegar à costa africana são surpreendidos por cinco negros que por gestos lhe davão as boas vindas.

Os negros fazem uma visita guiada a Pedro Dias ele vai embora calmamente.

Esquema

Visita guiada – a uma aldeia/ à floresta/ a um campo de cultivo/ a um templo

2

O Cavaleiro prometeu chegar a casa antes do Natal.

Mas no caminho ia ser muito difícil passar por águas geladas encontrou um cristão chamado Alberto que o ia ajudar a chegar a casa. Momentos à frente encontrou o que era guerreiro.

A fim todos morrem, mesmo a passos da casa do cavaleiro.

Mas conseguiram sobreviver, mas o cavaleiro não conseguiu passar o Natal com a família.

0

Personagens: Perô Dias, oreo humanas e negro Jesus, cão

Armas: lanças espadas bolos de canhão, cocos...

Local praia; tempo 2196

Oreo- negros e medricas

Cão forte musculado e preta

TX_D2 – “Reinvenção 1”

34

Título: “ A curiosidade matou o gato”

Lá bem longe numa praia, um homem cujo nome era Napolitano Marakay, desembarcou com os seus companheiros.

Quando saíram todos do barco, avistaram, uns homens, cujo tom de pele era bastante mais escuro do que o deles. Os negros com medo que os brancos lhe fizessem mal, foram buscar as suas lanças para caso houvesse luta entre eles.

Napolitano Marakay não ia com más intenções, então aproximou-se do Negro e disse:

- Eu só quero paz irmão!

Mas o negro como não entendia tal língua, pensou que o que ele disse tinha sido uma frase ofensiva, então o negro apontou sua lança ao pescoço de Napolitano, mas rapidamente Napolitano Marakay retira do cinto a sua espada e entretanto, eles matam-se um ao outro.

Ao virem aquela tragédia os companheiros, e levaram os corpos dos dois homens para um sítio mais escondido.

Ao longo da trajetória um fiel amigo de Napolitano, Yos Ramirez reparou que com os cortes no corpo de ambos, o sangue ia a pingar pelo caminho, e foi aí que Yos Ramirez viu que o sangue de Napolitano era vermelho e o de negro era azul.

Ele ficou chocado com aquilo, então resolveu misturar uma gota dos dois sangues para ver o resultado final, e adivinhem, aquilo formou um líquido, meio estranho podendo se assim dizer.

Todos ficaram chocados ao ver aquilo acontecer, então, curiosos, resolveram colocar o dedo na mistura para sentirem a sua consciência, mas, como era de esperar, algo de muito errado aconteceu, toda a gente começou com tonturas e com vômitos, até que acabaram por morrer.

Passados cem anos, em consequência a esse acontecimento a praia foi batizada com o nome de, A Praia do Cadáver Envenenado.

Na verdade esta história baseia-se num ditado, este é, " A curiosidade matou o gato."

32

A amizade entre Negros e Brancos

No meio da praia ao lado de várias palmeiras, estava lá um negro muito descansado. Quando o Negro começou avistar um barco com um Branco dentro dele. Mas para ter a certeza, e como o barco ainda estava longe com os seus binóculos começou a tentar perceber se era mesmo um Branco.

Porém ele enganou-se numa coisa... O barco não estava longe, estava perto.

E quando ele, o negro, reparou nisso começou a preparar-se porque o Branco vinha lutar.

Quando o Branco chega tiram os dois a espada e começam a lutar. Passado algum tempo, o Negro avistou os seus amigos.

O que eles os dois não sabia era que todos eles vinham a falar.

Quando eles os dois viram aquilo largaram as espadas, foram pedir desculpa um ao outro e deram um abraço.

E então decidiram festejar.

Concluindo por outras palavras não interessa se somos negros ou brancos porque somos todos iguais.

30

Os dois corajosos

Há muitos anos atrás no tempo da Babilónia reinava um rei chamado Zedequias. Esse rei era muito lamexas aparecesse cego estragado ele manda-va logo arranjar, mas arranjar na perfeição.

Até que um dia o rei bebeu A mais e ficou bêbado. Após isso começou a cantar: " Ai que um dia bebo e [n/c] , para beber e cantar, hoje tive uma ideia todas as crianças eu vou matar.

E assim foi.

Logo nesse mesmo dia passava na rua um profeta e um jovem pescador, que, vendo tanta criança morta, decidiram ir protestar ao rei: " Que há de ti minha alteza a que te deu para as matar, desculpai-me mas nós vendo isto tivemos que vir protestar"

..... aquilo o rei ordenou-os que saíssem do palácio, e eles saíram.

No dia a seguir os irmãos do profeta e os pais do pescador decidiram protestar também mas não serviu de nada. O rei fez aquilo que fez exatamente ao profeta e ao rei.

Mas um dia o pescador teve uma brilhante ideia. Ele decidiu ir falar com os criados e soldados do rei. Eles tinham que agir rapidamente antes que aquilo piora-sse.

Os soldados deram razão ao pescador e decidiram mandar o rei para uma ilha deserta, até que ele não conseguisse sobreviver.

A partir desse dia, Babilónia passou a ter um novo rei, o pescador.

Comovido em lágrimas de alegria o pescador passou também a ser chamado por " O Corajoso".

E esta é a história principal da Babilónia.

28

Uma batalha numa ilha deserta

Numa ilha deserta havia 5 grandes amigos e guerreiros, eles estavam a tentar descobrir uns bandidos que causavam guerras e invasões a outros povos, aldeias, cidades, países, a tudo que lhe aparecia à frente.

No entanto, aproximaram-se um bocado numa zona que já não era deserta e começaram a ouvir sons de guerra, então o Zé toninho virou-se para os outros e disse:

- Olhem, secalhar são aqueles, os bandidos!

O Alfredo disse:

- Então vamos combater!

Os 5 guerreiros unidos e com toda a esperança atacaram sem medo e sem [n/c], lutaram, lutaram e lutaram, até que chegaram ao fim. Venceram mas também perderam porque o Pedro morreu. Eles ficaram muito tristes, mas não se podiam tar-se a alamentar porque já tinham perdido várias pessoas em guerras.

Portanto, eles seguiram viagem tristes mas de cabeças erguidas e muito felizes porque sabiam que agora sim, as pessoas estavam felizes e totalmente seguras.

26

Portugueses em Africa

Certamente, tinham chegado a África.

A caravela portuguesa ancorou em frente duma certa e pequena baía rodeada de maravilhosos arvoredos.

Por trás de um enorme rochedo encontravam-se um número reduzido de negros, que espreitavam para o navio, com um ar medroso.

Os marinheiros saíram da caravela juntamente com o capitão. Um português chamado Pêro Dias destacou-se de entre os marinheiros e pediu aos seus companheiros que lhe deixassem um batel e se afastassem da praia com o outro batel e assim foi.

Pêro Dias avançava passo a passo, lentamente para ao pé do grupo de africanos para tentar estabelecer contato através de lingua gestual.

E após várias tentativas falhadas, Pêro Dias começa a dançar para tentar estabelecer o contato com eles, e desta vez o negro aproxima-se sorrindo e com gestos indicando a Pêro Dias para o seguir em direção à floresta. Pêro Dias avisa os companheiros e segue caminho com o grupo de negros que levam Pêro Dias para um local de boas-vindas onde os africanos se juntam chegado ao pé de Pêro Dias.

Em prova de liedade e agradecimento pela visita, os africanos ofereceram três caixas com alguns especiarias, e o fim do sucedido os portugueses regressam a Antuérpia para deixar o capitão e seguirem viagem de regresso a Portugal.

20

Plano bem traçado

Os negros chegaram à ilha onde estavam os brancos. Tinham bastante medo, porém estavam preparados, contra a tripulação da Maça Meses (capitão dos negros) já tinham existido bastantes conflitos. Mas desta vez foram os brancos a levarem a melhor.

Os adversários eram muitos mas o plano era também muito bom. Os negros saem do barco e os brancos preparava-se para atacar. Estes eram sete, três deles conseguem fugir num batel, com a intenção de distrair os negros. A ideia resulta, e assim os outros quatro roubam o barco dos negros conseguindo fugir nele. Assim, a tripulação de Maça Meses fica presa na ilha, acabando por morrer alguns meses depois.

Um grande plano por parte dos brancos, deixando os negros sem alternativa. Conseguem matar os rivais saquear ouro, pérolas, mantimentos, etc...

Em suma, conseguem-se salvar da morte certa, e por outro lado matar os adversários que não foram tão espertos quanto eles. Muito espertos que os brancos!!!

18

De volta

Então, ninguém lhe impediu de partir pois ele tem muita união e saudades da família.

Logo de noite partiu de barco porque a mãe estava calma e como de Belgica à Dinamarca demorava 5 dias, partiu no dia 19/12/1994.

Quando já ia quase a meio caminho, [n/c] por nada vir uma tempestade perigosa, vestiu a sua parca e continuou o caminho...

No dia a seguir estava um vento horrível e o mar muito agitado, mas conseguiu safar-se.

Avistou no dia 24 os amigos e família a espera dele e ficou muito contente. Entretanto (estacionou) o barco e foi a correr ter com a família. Aquilo notava-se que era só beijos e abraços.

- Como conseguiste viajar nesta tempestade, estava muito perigosa, e o cavaleiro diz - a meu ver já sou perito nisto e começou uma gragalhada imensa.

No dia a seguir a família [n/c] surpresa de ter nascido no dia de natal um menino chamado Jesus.

Ela ficou muito feliz porque era um novo membro da família, tinha nascido no dia 25 e chamava-se Jesus.

A noite de natal foi um espetáculo porque ele já tinha saudades das tardições da sua família e porque a casa era só brinquedos.

Portanto ele voltou a entrar nas rotinas da família só que com um novo membro e anda com mais felicidade.

16

A reiravolta em África

Há muitos anos atrás dois homens negros vindos de cidades distintas de África encontraram-se numa selva.

É possível que esses dois homens tenham fugido por causa da guerra, supondo que naqueles países a guerra permanecia constantemente.

Os dois homens como falavam a mesma língua foi bastante fácil estabelecer ligação e além disso [n/c] porquê da vinda para uma selva deserta. Decidiram explorar melhor a selva para lerem o sitio onde ficavam protegidos e foi aí que encontraram um exército de brancos dispostos a defender o território, esconderam-se e começaram a pensar numa maneira de os tirar de lá uma vez que só existia guerra devido aos brancos quererem ocupar território que já pertencia aos Africanos. O plano era descer até à beira do mar e fazer com que eles viessem até junto deles e aí quando chegassem eles estariam à espera com uma armadilha que era uma bomba mortal que fazia com que toda a selva explodisse. Os negros largaram as bombas e fugiram num batel por mar deixando assim uma ameaça para os brancos que estavam noutros territórios, uma vez que ninguém sobrevoou na selva e que na altura sabiam tudo bastante depressa.

14

A viagem de Pêro Dias

A meio da viagem até à costa africana, Pêro dias encontra um sobrevivente de um naufrágio, que ajuda Pêro a ir. Ele resgatou o sobrevivente para o ajudar a chegar à costa. Enquanto o povo africano descobre que um portugueses vinha até à costa, então eles preparam algumas armadilhas.

Quando Pêro está perto da costa, ele descobre que as indicações do sobrevivente eram para os atrasar, então pêro mete o sobrevivente á água e segue viagem.

Quando Pêro chega, o povo africano tenta atirar flechas para o matar mas Pêro desvia de todos.

Pêro quando vê o que tentaram fazer, tenta fazer paz com o povo africano. Porém o povo africano não aceita paz. Um dos membros do povo diz para pêro o acompanhar, o membro acompanha-o até uma cabana para beberem um chá, mais tarde pêro dias morre envenenado.

O povo africano enterra Pêro na praia e constroiem uma cruz para pôr em cima do túmulo.

12

Dois grandes amigos

Numa praia um pouco longe daqui e bonita andava uma caravela portuguesa. Nessa praia tinham-se avistado negros então, Pêro Dias decidiu desembarcar sem os seus companheiros e pediu que se afastassem.

Esperou, esperou, esperou... até que um dos negros saíu da floresta e vai ao encontro do nevegador:

- quero paz! – diz Pêro Dias.

O negro disse umas palavras esquicitas, fez uma dança e Pêro acompanhou:

- eu também, querer paz! – exclamava o negro.

Ficaram a conversar, era um pouco difícil de entender o negro mas aos poucos iam se entendendo melhor! De modo que se entenderão tão bem o negro convidou Pêro a ir visitar a sua aldeia, Pêro aceitou!

A aldeia era muito divertida, animada e barulhenta, toda a gente se sentia feliz! Porém quando o navegador lá entra toda a gente olha para ele por ser branco!

O negro explica tudo e a tribo convida o resto da tripulação para conviver com eles.

Fazem uma festa na floresta que era muito verde e florida, os negros e brancos mostram as suas culturas, estavam todos a darem-se bem!

Passaram alguns dias e os portugueses tinham de se ir embora! Os negros insistiam em que eles ficassem, mas eles tinham de voltar de voltar, resolveram fazer uma promessa para demonstrar que por serem diferentes não queriam dizer que não se podiam dar bem desde ai todos os verões os portugueses lá!

10

Ilha da morte

Era uma vez um capitão chamava-se Pêro dias. Certo dia, Pêro de alquilha Perinha decidiu fazer uma viagem, lá ia ele no seu barco com a sua tripulação quando encontrou uma ilha. Nessa ilha havia população de nome desconhecido. Eram negros de pele e tinham o cabelo [n/c] como chamou ao lide de Josefino. Perinha chamou os tripulantes e gritou atacar!!!

Pero e seus tripulantes tentaram persegui-los mas subitamente repararam do outro lado da ilha uma colónia. Josefina gritou Brocaxino! e como era uma lingua desconhecida

Perinha e os seus tripulantes não perceberam, mas do nada saíram mais de cem negros. Houve uma grande guerra e a partir de esse momento a ilha passou-se a chamar de Ilha da morte.

8

“O acampamento em família”

Era um fim de semana e eu e a minha família fomos acampar durante uma semana. Começamos a montar as tendas a por as coisas dentro da tenda.

Depois de eu ter acabado de arrumar as minhas coisas fomos preparar alguma coisa para comer porque já estava na hora de almoço. Fomos lavar as nossas marmitas e fomos conhecer melhor o parque de campismo. Eu e o meu irmão precisávamos de ir a casa de banho não sabíamos onde era por isso fomos a procura.

Quando demos por nós estávamos perdidos e fomos ver se encontrávamos um segurança porque já tínhamos ido a casa de banho e precisamos de encontrar os nossos pais porque já estava na hora da missa.

Contudo ouvimos a voz dos nossos pais e fomos ver se os encontrávamos.

Encontramo-los e já tinha passado a hora da missa e já estava quase na hora do jantar, por isso fomos tratar do jantar.

Jantamos e fomos dormir pois na manhã seguinte tínhamos acordado cedo, porque iam fazer um passeio e fazer os jogos que lá havia.

No dia seguinte ouvi a minha mãe a dizer para nós acordar-mos e irmos tomar o pequeno almoço e ir vestir roupa limpa e é assim que acaba a minha historia do meu acampamento em família. Até a uma grande proxima meus grandes aventureiros.

6

A viagem de Pêro Dias

Pêro Dias era um homem que sempre tinha sonhado navegar até à costa africana. Então um dia decidiu partir num caravela portuguesa com um grupo de marinheiros em direção à costa africana. E lá foram em rumo do desconhecido.

A meio da viagem o céu que antes esta limpo com uma brisa suave estava agora cinzento, frio e ondas que batiam no navio como facas que desfaciam a proa.

Quando a tempestade acalmou Pêro Dias disse:

- Parece-me que nos afastamos um pouco!

- Veja Capitão, ali ao fundo é a costa africana.- disse um marinheiro com entusiasmo.

Mal atracaram o navio em terra um grupo de cinco negros dam-lhes as boas vindas em gestos.

Já de noite o capitão e a tripulação foram-se embora.

2

O cavaleiro e a sua história

Era uma vez um cavaleiro, que prometeu à sua família chegar a casa antes do natal. Então decidiu fazer uma viagem muito perigosa, é possível que não corra bem.

Por exemplo que não corre bem assim ia não passa este natal nem [n/c], mas na verdade ele é um cavaleiro corajoso e acentureiro. Minutos depois o Cavaleiro partiu para a sua viagem.

Passou por águas muito geladas e apareceu um cristão chamado Alberto que tinha prometido e rezado a Deus que o iria ajudar a chegar a casa.

De seguida tinha passado por muitas montanhas, frio, neve e pedras bem grandes.

Dai apareceu um Guerreiro chamado Harny que o iria ajudar a combater o mal e a fome

Instantes depois estavam mais ou menos a 4 ou 5 metros de casa e um atirador neles com um dardo de sono.

Quando acordaram estavam a 15 metros de casa, e o cavaleiro começou logo a desesperar por ter passado tantas coisa e não poder ver a família no Natal.

Momentos depois já os tinham soltado e estavam de novo a 5 metros mais ou menos, atiraram outro bala mas agora não era de sono era de borracha mas como o guerreiro prometeu combater o mal pôs-se à frente do Cavaleiro e sacrificou-se por ele, mas por pouco conseguiu sobreviver porque a bala era de borracha e não afetou muito.

Mas no fim ele conseguiu estar com a família mas dias depois do Natal, passou meses e meses com a família até que recebeu uma proposta de trabalho de muito dinheiro mas teria de sair do país porque era em França.

Mas o cavaleiro como era muito fiel à família rejeitou, viveram sem muito dinheiro mas com muita paz e amor, mas o dinheiro era preciso por isso decidiu começar a trabalhar na sua terra para comprar bilhetes para ir para França, aceitar a proposta de trabalho, mas as já tinham contratado outra pessoa.

O cavaleiro ficou muito triste e desiludido mas família animou e coram procurar trabalho.

0

Branco negro a guerra

Os navios vão desembarcar na costa de África e avistam negros [n/c] Pêro Dias que era um homem corajoso, destemido, forte, com uma barba cinzenta e longo cabelo preto e longo chapéu pontagudo com uma pala no olho e um papagaio no ombro. Pêro Dias queria fazer laços de amizade com os negros mas com eles tinham muito medo e não falavam a mesma língua era difícil então Pêro Dias decidiu ir sozinho.

Pêro Dias saiu do barco e foi com os negros. Quando chegou à praia e encontrou um homem esse homem começou a dançar também, e Pêro começou a fazer gestos já que não falavam a mesma língua em seguida Perô fez um gesto que ele pensou que os brancos iam atacar e pegou num coco e atirou-lhe, a tripulação de Perô que estava a olhar mas gostou da ação e mandou um míssil para a praia matando muita gente incluindo Perô a tripulação ficou irritado e triste consigo mesmo os negros que sobraram começaram a atirar lanças e cocos destruindo o barco os brancos já que tinham o barco destruído foram para a praia, deixaram lá bombas e esconderam-se os negros foram à procura deles no botim e aquilo explodiu. Eles não pensavam que a explosão lhes afetasse mas matou toda a gente.

Quando tudo acalmou chegou lá Jesus e resuscitou o negro que estava a fazer amizade com Perô Dias e disse-lhe que podia resuscitar uma pessoa e ele escolheu Perô Dias, Perô ficou muito feliz e deu-lhe um abraço passado uma semana na ilha os dois sozinhos decidiram ser gays e ir viver para outra cidade.

TX_Plan 2

36

local – California

comida – bacalhau com natas, arroz com carne de vaca

Personagens – Cavaleiro

Da Dinamarca, e os seus amigos

Dia 25 de dezembro

Arvoré – grande branca cheia de luzes

34

Local: casa; Londres

Comida: lasanha

sobremesa: bolo de espinafres

personagem: mulher; filhós; eu (Cavaleiro) mulher: clodovir a memória

ações: atiraram chantilly uns aos outros, escondem dinheiro pela casa (quem encontrar fica com ele), vestem-se de pai natal e à meia vão para ao pé da lareira cantar músicas e entregar os presentes.

filhos: menina: Josefina; Joséfa

Cavaleiro: Napolitano Marakay

32

Esquema

Natal:

Nunca mais ninguém teve medo dele e daí para a frente foram todos felizes

Polónia

Passado com família, amigos...

As luzes falham

Aparece um monstro verde com o nome de rinch

Não gosta do Natal

Toda a gente tinham medo dele a filha do cavaleiro estava a fazer de tudo para as pessoas gostarem dele

Ela consegue isso

Vem morar para a cidade com o seu cão

As pessoas deixam de ter medo dele

A menina convida-o para passa o natal, ele aceita

Ela consegue isso

30

Personagens principais: cavaleiro, mulher famosa

Personagens secundarias: pais do cavaleiro, [n/c]

Figurantes: crianças, criados de [n/c], animais

Esta historia vai passar-se em Portugal no ano de 1573

28

País: Suíça

Comida: bacalhau e peru

Ana Rita Martinho
didática no 7.º Ano

A Escrita e a Narração: Aplicação

Tradição: atirar tomates uns aos outros

Corpo do texto

26

esquema

Natal

Abeto dentro de casa (enfeitado)

Ar condicionado

Lareira

Refeição: Arroz de Polvo

Vai passar o natal com a família

Dinamarca

1736

Cidade iluminada

24/12

24

O Natal era sempre em família

O Natal nunca era no mesmo sitio, ou seja, viajavam sempre para outras cidades

Comiam o comer típico de cada cidade

Recebiam as prendas quando regressam

22

Comida: Nuggets, Hambúrguers

Local: Ilhavo, minha casa

Personagens: mulher, duas filhas (Débora e Anastácia)

Jogos Natalícios: Apanhadas, o Cavaleiro esconde presentes na casa e as filhas tem que encontrar,
Jogos da Memória

Tradições: Dançar em volta da Arvore de Natal, Atirar Água ao Cavaleiro

20

O Cavaleiro vai para Tranpelófia, Encontra o astrónomo Freguidiano que lhe ensina que no Natal, há uma estrela que brilha muito mais. Então o cavaleiro vê-lo pelo telescópio e fica cego. Foi entre a escuridão que o cavaleiro descobre que noutra reencarnação foi o Pai Natal.

18

Esquema

Suíça Natal:

Cavaleiro foi para a Suécia

Luzes, arvore

A luz acabou

16

Personagens: O Cavaleiro, os dois filhos e a mulher

Onde passava o Natal: Já tinha passado em são tomé e príncipe, em Angola mas este ano em 2017 passou-o em Cabo-Verde na ilha do sal.

Ele gostava de passar o natal nestes países porque gostava de ajudar os mais pobres e transmitir aos filhos que o que para nós uma fruta e um bolo não é nada para eles é tudo

14

Espaço: Canadá Tempo:1985

Personagens: Cavaleiro, namorada dele, filho dele, filha dele, amigos, familiares, terroristas

Tema: Natal com casamento e de filha, a esperança de natal, milagre da filha sobreviver ao ataque terrorista.

Ação

12

Personagens: Cavaleiro, Família, Amigos e criados

Espaço: Dinamarca

Tempo: Média

Introdução

Chegada do Cavaleiro

Saudação à família

Desenvolvimento

Tradições e oferenda do presente ao Cavaleiro

Conclusão

O cavaleiro conta a sua história

10

Local: Canadá

O quê: luta de bolas de neve

Personagens: vizinhança

8

Vou descrever aquilo que faço todos os anos, estou sempre com a minha família em casa da minha madrinha ou em casa da minha tia.

Recebo muito presentes e amor da parte do meu pai e da minha mãe e principalmente do meu irmão e da minha Camila que só tem 1 ano e 2 meses.

E também do cão da minha avó.

6

Passa o Natal em Lisboa no ano 1755

Personagens: Cavaleiro, Marquês de Pombal

Ação: Natal, a família morreu no desastre à 1 mês: filho incêndio

Filha tsunami

Mulher terramoto

4

esquema

Natal

2100

Guimarães

Ama do Cavaleiro [n/c] família

Em casa do Cavaleiro

Sou mais velho da família

Natal com muita comida sempre diferente e com amigos de infância

2

esquema

Ana Rita Martinho
didática no 7.º Ano

A Escrita e a Narração: Aplicação

Canadá

Cavaleiro

Luzes

Árvore

Inesperado

Cavaleiro vai a caminho de casa

TX_D3 – “Reinvenção 2”

36

Um Natal na Califórnia

Depressa, depressa apenas temos 5 horas para terminar os cozinhados, embrulhar e enfeitos temos muito trabalho apressem-se!! – dizia o Cavaleiro muito apressado

Tic tac Tic tac... fazia o relógio na casa em Califórnia, Estavam todos na mesa a conversa quando gritou o Matias.

- FELIS NATAL

Todos saíram da mesa apressadamente pois queriam receber os presentes. Após isso poem se a Joana a reclamar

- Sobra sempre comida sobrou bacalhau, o arroz a carne.... Sobremesas nem um pouco de sobrou, a salada esta inteira. - falava apressadamente a Joana tirando a mesa

34

“Um Natal diferente em Londres”

Era uma vez um Cavaleiro chamado Napolitano Marakay que se vivia com sua mulher, clodorina Merória, e seus filhos, Josefina e Josefa.

Eles viviam numa casa muito grande em Londres. Lá o Natal era muito diferente, na seia de dia 24, comia-se Lasanha e a sobremesa era apple crumble.

Como eu já referi, o Natal lá era diferente, porque depois do jantar eles escondiam dinheiro pela casa e quem o encontra-se ficava com ele.

Depois dessa pequena aventura pela casa, estava na hora mais esperada, a meia-noite. Quando olhavam para o relógio e era meia-noite eles vestiam um fato de pai Natal e atiravam mãos cheias de chantilly à cara uns dos outros.

Logo depois dessa diversão toda, como estavam todos cansados, iam para ao pé da Lareira cantar músicas de Natal, e lendas muito famosas nessa época.

Concluindo, todos iam para a cama dormir quase na manhã do dia seguinte.

32

Hoje vou contar como foi o meu Natal.

Então, fui passar o meu Natal à Polónia com os meus amigos, família, criados...

E estava tudo a correr bem, o que nos não sabiam era que lá havia um monstro grande, verde e peludo chamado Grinch.

O Grinch não gostava do Natal, pois em criança tinham gozado com ele por causa da aparência então ele fugiu para as montanhas e este natal... Ele vingou-se e desligou as luzes todas da cidade.

Contudo o que aconteceu a Grinch agora todos têm medo dele.

Mas este natal foi diferente, a minha sobrinha foi até casa dele e falou com ele, perguntou o que aconteceu... E foi assim durante 2 dias a tentar convence-lo a vir passar o natal connosco, mas conseguimos.

Ele vinha com receio.

Mas quando chegou à aldeia toda a gente lhe perguntou se ele para além de passar o natal connosco e vir viver para a cidade que já tinham arranjado uma casa.

Ele aceitou e foi buscar o seu cão e as suas coisas.

Toda a gente deixou de ter medo dele e ele ficou muito agradecido e explicou porque é que aqueles anos todos tinham sido assim.

A partir daquele ano tudo mudou e ficaram todos amigos.

E eu, a minha família, amigos e criados todos anos vimos passar aqui o Natal.

30

Era uma vez a 446 anos atrás, um Cavaleiro que vivia na solidão, sozinho

Estava em Outubro, ainda estação do ano e o Cavaleiro pensava onde ia passar o natal. Cansado, pensava, pensava até que chegou a uma ideia!

- Eu [n/c], Anderson Mello Breyner, irei passar o natal em Portugal na terra das, [n/c], Vila Nova de Foz Côa.

E assim foi. Chegou o mês de Dezembro e o Cavaleiro [n/c] da sua terra, Israel e [n/c] para Portugal.

Chegou a Portugal, perguntou [n/c] de sozinho e no dia 16 de Dezembro chegou a Foz Côa. Teve alguns dias até decidir em que casa ia passar o Natal.

O cavaleiro cada dia que passava continuava na sua solidão, até que passou uma mulher [n/c] na sua em que o cavaleiro logo se apaixonou.

Essa mulher chamava-se Maria Madalena e tinha um tutor. O cavaleiro desesperado pediu ao tutor que lhe deixa-se casar com Maria, e o tutor deixou.

Era agora dia 24 de Dezembro vespera de Natal, muitas crianças brincavam na rua e o Cavaleiro e Maria já casados foram ter a casa dos pais do Cavaleiro. Passaram lá o Natal e viveram felizes para sempre.

E esta é a história do Cavaleiro [n/c]

28

Uma aventura de Natal

O meu Natal estava a ser normal, enquanto um grupo de amigos me, chamou para ir fazer uma aventura, eles disseram-me:

- Queres ir fazer uma aventura à Suíça?

- Claro, vamos, disse eu com todo o entusiasmo!

Passado um tempo fomos para o aeroporto, e fomos embarcar.

Tivemos 2 horas, 2 horas e meia no ar, para ir para a Suíça.

Chegámos à Suíça e fomos comer qualquer coisa depois fomos ver uma das árvores de Natal que era uma delas maior naquela zona. Nós ficamos muito surpreendidos.

Então, depois de irmos a árvore de Natal, fomos para a nossa estadia.

A nossa estadia era boa mas isso não interessava muito o que interessou foi mesmo a nossa aventura de termos visitado muitas coisas.

Portanto adorei esta aventura de Natal.

26

Era dia 24 de Dezembro de 1736, uma noite fria e cheia de neve, solidão e tristeza.

Na casa do Cavaleiro, os preparativos estavam prontos e a feliz ceia de natal estava quase a começar.

A mesa estava cheia de aperitivos e doces aos quais o cavaleiro adorava comer.

A árvore de natal era um abeto que estava dentro de casa, todo enfeitado e a criar um ambiente cheio de alegria em casa do cavaleiro.

A lareira estava desligada, sim porque a prenda do casal para ele próprio era um ar condicionado.

A casa estava com um tom ambiente para receber bem os convidados.

Os convidados chegaram e com o agrado do ambiente que estava em casa do cavaleiro, sentaram-se no sofá em frente à mesa para começarem a aperitivos.

O jantar era arroz de povo, que por coincidência era a comida favorita dos convidados.

Depois de jantar voltaram a sentar-se em frente da mesa a conversar à espera da hora para abrirem os presentes.

E com felicidade, alegria, paz e carinho passaram em casa do Cavaleiro um Natal fantástico.

24

Um Natal diferente

No dia um de dezembro a família do Cavaleiro reunia-se para fazerem o sorteio da cidade onde iam passar o Natal.

As crianças diziam Paris, alguns adultos diziam Jerusalém e outros diziam Estados Unidos.

Eles escolheram Estados Unidos porque também têm algumas tradições e já tinham ido a Jerusalém.

No dia dez de dezembro viajaram de barco até lá. A viagem demorou duas semanas e meia.

22

“Um Natal Diferente”

Era uma vez um Cavaleiro, que tinha ido passar o Natal em Ilhavo- Portugal com a família A Mulher chamava-se Marlene Pereira. A filha mais nova chamava-se Débora e tinha 8 anos e a filha mais velha chamava-se Anastácia e tinha 14 anos.

O Natal deles começa dia 24 e acaba dia 25. No dia 25 as meninas (Débora e Anastácia) receberam os presentes.

A comida deles é Nuggets com arroz no dia 24 de Dezembro e no dia 25 comem Hambúrguers com batatas fritas, estes dois dias é para a ingórda e depois o resto do mês é só fazer dieta.

No dia 23 fazem vários jogos como por exemplo as apanhadas e o Cavaleiro esconde varios presentes na casa e as filhas têm que encontrar, Jogos da memória, e etc...

As tradições dele é Deixar em volta da Árvore de Natal e atirar água no Cavaleiro e ir para Janela ver os foguetes que as outras pessoas atiravam.

20

A descoberta

O Cavaleiro chega à Tranpalófia. Era uma cidade com muitos interesses ligados à astronomia. Aí conhece o astrónomo Freguediano.

Já se tinham encontrado em Fariagolândia, portanto já eram amigos. Lá o astrónomo disse ao cavaleiro que tinha o maior observatório de Transpolófia. Agora, o cavaleiro estava lá para o confirmar. Era véspera de Natal e havia uma estrela que brilhava muito mais nesse época. Chamava-se Seranbigomumeu. Essa estrela era muito conhecida naquela cidade, pois também tinham uma cultura muito ligada ao Natal. Então o Cavaleiro decidiu olhá-lo pelo telescópio, mas não um telescópio qualquer era "O" telescópio.

Foi quando lhe veio um raio que cegou o olho direito e que rapidamente se transmitiu para o esquerdo. Agora o cavaleiro estava cego.

Foi entre aquela escuridão que o cavaleiro descobre que em outra reencarnação, tinha sido o Pai Natal.

O velhote que distribuiu a as prendas para todo o mundo foi descoberto por si próprio e, sendo "ídolo" de muitas crianças fica muito feliz pela descoberta.

O cavaleiro, apesar de ter ficado cego, ficou agradecido a Seranbigomumeu.

18

A fim de chegar a casa, passou o natal com a família e passado 24 anos, anunci-ou o seguinte: - vou-me dirigir para a Suécia. Todos ficaram espantados por ele voltar a sair de casa e agora para ainda mais longe...

Partiu mas agora de avião para ser mais rápido.

Chegou e até o natal faltavam 11 meses e decidiu visitar quase tudo. Passaram meses até o dia 23, dirigiu-se a cidade Gotamburgo, dormiu lá e no dia 24 foi ver as torres, as arvores de Natal, os pais natais e tudo o resto. Até agora estava tudo a correr como ele queria.

No dia 25, já de noite, estava a ver a festa, as luzes bonita, os efeitos e o cheiro de natal até que a luz faltou.

Foi muito triste porque além de estar tudo escuro e felicidade foi abaixo (tal como a luz)

O cavaleiro não gostou e foi ao quadro elétrico e voltou a ligar a luz. Foi a solução do momento.

Foi um natal muito agradável para ele porque visitou coisas novas e conheceu novos sítios.

16

Eu todos os natais viajo para países mais polares com a minha mulher e os meus dois filhos, como por exemplo São Tomé e Príncipe e Angola.

Daqui a dois dias vou viajar com os meus filhos e a minha mulher para cabo-verde para a ilha do Sal.

E hoje saí de casa e fui para o aeroporto cheguei a Cabo Verde e fui-me instalar, nos primeiros dias descansamos e na véspera de natal fomos fazer uma excursão pela ilha e paramos onde eu queria nos bairros de lata onde entregamos comida e cadernos, roupas e outros bens essenciais, foi muito comovente ver os meus filhos a ajudarem mais uma vez as pessoas mas também a aprenderem com eles. O natal de Cabo-Verde é calmo não tem muitas iluminações mas as pessoas são muito genuínas e acolhedoras já fui a tantos países belos e grandiosos mas nada se compara ao natal do meu país a Dinamarca. Para mim o natal não é receber só presentes mas é sim dar e retribuir.

14

No Dia 23 de Dezembro de 1985, eu e minha família fomos viajar até ao Canadá para passar o natal.

Quando chegamos ao Canadá fomos para a casa que alugamos, logo quando chegamos a casa montamos as camas, arrumamos a casa para no dia de natal estar arrumada.

Mais tarde fomos às compras, para comprar os preparativos para o natal. Quando votamos a casa vi minha filha com um rapaz, eu achei que eles só estavam conversando enquanto isso meu filho saltara da janela.

No dia seguinte chama-mos os familiares dela e meus e amigos. Mais tarde minha namorada fazia o Jantar e a ceia que ao ser coelho com batata cozida e a sobremesa ia ser bolos e doces.

Antes de ocorrer a ceia, arrobem a porta e atacaram a minha família, eles acabaram por dar um tiro no peito da minha filha, quando vi isso liguei logo para a polícia prender os terroristas e a filha foi para o Hospital.

Na meia noite, do dia 24 foi ao Hospital dar um presente à filha e no dia seguinte ela sobreviveu e so podia voltar a casa.

No dia 25 eu ajoelho-me e peso a minha namorada em casamento e ela aceitou. Depois de celebrar o dia de nascimento de cristo, eu casei-me, a minha filha voltou ao normal e tudo acabem bem.

12

Eu tinha acabado de chegar a casa e bati à porta, já esta emocionada. Abriram-me a porta naquele momento senti-me feliz e com um grande espírito natalicio, entrei e toda a gente estava emocionada e desses todos um abraço.

Sentamo-nos à messa, a comer era pato assado com batata doce e a sobremesa pudim de arroz com leite creme. Lá dentro estava muito quente e sentia-se um espírito natalício entre família extraordinário. Depois da ceia a minha família, amigos e criados fizeram-me uma surpresa!

As pessoas lá reunidas começaram-me a cantar uma música, mas também, fizeram-me um moral com todos eles, eu e as tradições da família.

No meio daquilo tudo houve-se uma voz a dizer:

- Conta-nos o que passaste, o que enfrentar-te na tua viagem!

A voz era do meu filho! Decidi contar a minha história e as histórias me iam contando, estava toda gente de boca aberta, naquele momento percebi que tudo o que fiz foi por eles e que o meu presente para eles era esta história que quase me valeu a vida!

Depois disto o meu filho escreveu a história e meteu-a no moral! Continuam-mos com as tradições e com mais espírito no coração!

10

O cavaleiro depois de voltar da sua viagem da [n/c]. Viajou de novo para o Canadá, mas desta vez levou a sua família. Quando chegaram ao Canadá, compraram uma casa. Instalaram-se na nova casa e foram preparar os preparativos.

No dia 25 quando tudo já estava pronto, o cavaleiro vira-se para a família e disse

- Esta noite, eu quero fazer uma guerra de bolas de neve.

- Mas não quero uma guerra qualquer, quero chamar toda a vizinhança!

Assim o fez, nesta noite o cavaleiro juntamente com a família chamou toda a vizinhança e fez uma guerra de bolas de neve que ficou para a história. Um ano depois o cavaleiro fez a mesma coisa e assim no Canadá foi criada a tradição da guerra de bolas de neve.

8

“ Natal em Portugal”

Era uma vez, uma grande família que ia todos os anos passar o Natal em casa da minha madrinha.

Este Natal Foi passa-lo em grande estava quase na hora do jantar de Natal.

Começamos a comer e adivinhem o que era, é o meu peixe favorito bacalhau com batatas e grelos.

Eu comi dois pratos e a Camila a minha prima tem 1 ano e comeu 1 prato muito cheio.

Depois de eu ter jantado fui brincar com o meu irmão e com a Camila.

OS meus pais e as minhas tias e a minha madrinha Ficaram a conversar ate ser hora de abrir os presentes:

- Todos nós adormecemos e quando ouvimos o barulho do sinos do Pai Natal acordamos e fomos abrir os presentes que estavam dedicados com o nosso nome.

Eu recebi uma mala, chocolates, um mialheiro e um livro de pintar.

O meu irmão recebeu um jogo de legos, um mialheiro e chocolates.

A minha prima bebe recebeu um Ponei e um nenuco.

Depois de abirmos todos os presentes fomos comer uma sobremesa e nesse dia a minha prima pequena e a minha Família dormimos lá-

No dia seguinte tínhamos que ir para casa da minha outra tia.

Estava lá a minha avó e o cão dela, eu e o meu irmão fomos brincar com ela.

E é assim que acaba a minha Noite de Natal.

Até a próxima meus aventureiros.

6

Era de 23 de dezembro de 1755 e o Cavaleiro andava triste e sozinho depois de a sua família morrer no desastre de Lisboa à um mês.

Desde ai andava sempre triste. Quando chegou a casa tinha um convite de uma pessoa anónima de um burguês.

Nesse convite dizia que estava convidado a ir a casa desse tal burguês, ele sabia que tinha a certeza. Então no dia 24 quando lá chegou a casa do tal burguês viu que era a família de que tinha sobrevivido ao desastre.

A mesa estava recheada de comida saborosa a árvore estava enfeitada até ao último ramo e as prendas debaixo da árvore. Era o que faziam todos os anos, mas só faltava uma coisa a estrela no topo da árvore posta sempre pelo Cavaleiro.

4

Eu, o Cavaleiro vai passar o Natal em Guimarães para, [n/c] porque no ano passado, em 2099, passei-o na Dinamarca só com os meus filhos, a minha mulher e os amigos.

Não sei se sabem mas os meus pais abandonaram-me, então, fui adotado por homem idoso que lhe aconteceu o mesmo que a mim. No ano passado nasceu o meu filho mais novo mas também faleceu o meu pai adotivo.

Hoje é dia 25 de dezembro de 2100, espero que os meus amigos de infância venham todos, da família só tenho a minha mulher e os meus filhos. Finalmente eles chegaram e trouxeram o peru. Nos recordamos os velhos tempos e contei aventuras aos meus filhos, ficaram fascinados e eu e os meus amigos exemplificar e não correu lá muito bem, mas o importante é que todos se riram.

Eu acho que foi o melhor natal de sempre porque com crianças torna-se muito melhor.

2

A fim de chegar a casa sentou-se a beber o seu chocolate quente a fazer as suas tradições e a receber os seus Presentes.

Passado 2 anos anunciou passar o seu próximo natal no Canadá, pois era um país muito bonito e com várias tradições.

Alguns dias depois já estava na cidade mais linda do Canadá Toronto, cheio de luzes, efeitos e muitos palácios encantados.

Ele reservou um grande hotel com uma vista para os efeitos e luzes.

Passado algumas horas andou a passar e a visitar Palácios, castelos e etc...

Continuo visitando a cidade até que encontrou a maior árvore de Natal tinha cerca de 4 metros Ficou espantado a olhar Para a arvore.

Entretanto ficou de noite, a cidade era tão linda que lhe apetecia ficar a dormir na rua a olhar para as casas, palácios, castelos etc. porém já tinha reservado o seu hotel de 3 estrelas e pensou o então não eu mesmo assim Pago.

TX_Plan 3

34

O rei tinha uma filha, que quando ela era pequena a abandonou.

ele nunca tinha contado a ninguém, até ao mesmo momento em que ele sonha ela regressa.

todos muito chateados com a mentira do Rei disseram que ele era um mentiroso e que não merecia o trono, mas ele acorda quando ia saber quem iria ser o novo Rei.

32

Cansaço do rei;

sonho estranho e preocupação;

o que fazer para se tranquilizar.

30

Não fez

28

Na introdução: já era tarde, de noite, estava com o seu pijama de dormir, estava no seu castelo e entretanto foi se deitar na sua cama real e adormeceu e durante a noite teve um sonho.

Corpo do texto: sonhou que estava num barco perdido no Oceano Atlântico durante um mês e que entretanto apareceu um barco de pesca que o viu e o salvou mas durante esse tempo ele teve que se arriscar e sobreviver com os alimentos que tinha, no caso os peixes.

Conclusão: entretanto acordou e disse para si mesmo que era um sonho e a partir daí a sua vida continuou normal e tudo correu bem.

24

Numa noite de tempestade

no reino de Helíria

O Rei sonha que o reino tinha sido atacado

O Rei tenta proteger o reino

20

O rei vai ter um sonho estranho

vai falar com o bobo

nesse sonho, o rei explica que estava com sede e que procurou várias fontes para a matar. Percebe que em todas elas, água está contaminada.

O rei percebe que não há fontes de água pura e é o bobo que lhe explica a razão.

16

Personagens, rei, as três filhas e o bobo

Local da ação: jardim

tempo - Há muitos anos atrás

12

-uma das suas filhas desaparece;

-filha desaparece por estar desiludida pelo pai

-tudo acontece porque o pai não sabe o verdadeiro significado de amor

4

Não fez

2

Rei Leandro acorda e percebe que o seu povo está mudado. E apercebe-se que o seu Castelo também está mudado pois estava tudo as escuras.

Ate que aparece o seu melhor mordomo parecia seu irmão davam-se muito bem.

Dá a má notícia ao Rei e o Rei fica chocado desmaia.

E acontece que o seu povo está frustrado pois ninguém lhes pagava há muito tempo.

O Rei tenta resolver de uma
forma.

A

te que se lembra do seu primo Rei João tenta levar o seu povo até ele (Rei João)

Mas o seu povo tinha destruído toda a aldeia E este é o final a aldeia perde a sua bonita
Natureza e fica sem
vida

0

O rei é assaltado

Roubam-lhe tudo (roupa cuecas meias)

Os assaltantes expulsam o rei de casa e fica a passar fome e
frio

20 Assaltantes

TX_D4 – “Reinvenção 3”

34

“Um sonho real”

Tudo aconteceu na noite em que o Rei Leandro teve o seguinte sonho.

Estava ele no seu castelo de manhã a tomar o pequeno-almoço com as suas maravilhosas três filhas, Amarílis, Hortência e Violeta.

Estavam todas felizes ao pé de seu pai até que o mensageiro real entra pela porta do castelo a anunciar a seguinte notícia:

Princesa Jasmim está a caminho de seu reino senhor, e é tudo, obrigado.

entretanto o mensageiro vai embora e o Rei fica com um ar nervoso....

Quem é a Princesa Jasmim meu pai? - Perguntam as filhas em coro.

O rei com um ar bastante nervoso responde.

É...é...a...

Mas o rei não tem tempo para se explicar porque, entretanto, as portas do castelo se abrem e entra uma princesa muito bela, a Princesa Jasmim.

Bom dia meu pai e minhas irmãs!

Meu pai?! Minhas irmãs?! - dizem as irmãs em coro - Como assim, meu pai?

Meu querido pai como assim não lhes contou, esta é uma boa oportunidade para o fazer não é mesmo?

- Acalmem se minhas belas flores, vou vos contar toda a história.

- Quando eu, o vosso pai era das vossas idades, cometi um erro enorme, este foi envolver-me com a rainha Orquídea do reino de Florência, e ela teve a Jasmim vossa irmã.

- O quê?! - dizem as irmãs em coro - não posso acreditar como se pôde esconder isso?!

-As irmãs ficaram tão chateadas que se foram trancar no quarto, e um tempo depois a -
Princesa Jasmim despede se do pai e parte de volta para o seu reino.

No dia seguinte toda a gente já sabia da espantosa notícia e logo de manhã enquanto o rei fazia o seu bigode o mensageiro volta a entrar pela porta dentro e anuncia:

- Sua alteza hoje venho aqui lhe dar uma péssima notícia, devido á sua terrível mentira já não vai ser mais o nosso Rei, desculpe dizer isto, mas tem um dia para fazer as malas, arrumar as suas coisas e seguir caminho.

Entretanto arrajámos um novo substituto para o trono, Rei Leonel de Helíria.

- Naoooooooooo!

- E foi nesse momento que o rei acorda do seu estranho sonho ao saber que o reino iria ficar mal sobre o malvado, seu irmão Leonel.

32

O dia tinha chegado ao fim e o Rei Leandro estava muito cansado e ansioso por uma bela noite de sono.

O rei acordou estremunhado com a entrada do criado, que lhe trazia o pequeno-almoço. O criado perguntou-lhe.

-Está bem senhor precisa de ajuda?

-Preciso manda vir o concelheiro do reino, tive o pior sonho que um pai poderia ter.

-Senhor mandou-me chamar? - perguntou o concelheiro

-Sim tive um sonho muito mau. Sonhei que as minhas queridas filhas casariam, iriam para longe e eu nunca mais as veria nem conheceria os meus netos. - Diz o rei assustado.

-Por isso decidi chamar-te para que tudo seja tratado de forma que daqui para a frente a gestão do reino seja entregue às minhas três filhas. E ainda que os maridos com quem elas venham a casar tenham a obrigação de viver neste reino.

-Senhor isso foi só um sonho não tem que fazer alterações no reino - diz-lhe o concelheiro

-Mas o rei estava muito astado e preferiu tomar medidas que garantissem a sua felicidade.

30

(N/C)

Mais tarde, à noite na (N/C), o rei vai dormir e (N/C) a noite tem um sonho outra vez.

Qual terá sido o sonho do rei desta vez?

Logo demanhã o rei acorda (N/C) chocado com o seu sonho e o bobo no jardim do palácio, então decide ir ter com ele.

Rei: Bom dia!

Bobo: Bom dia meu rei! Tudo bem?

Rei: Não meu bobo final, não.

Bobo: Então porquê, meu rei?

Rei: Não sei ao certo, só sei que (N/C) esta noite tive um sonho (N/C) estranho outra vez!

Bobo: Ora então meu rei conta-me lá o seu sonho.

Rei: Então sonhei que estava a jantar na sala real e derrepente olho para as minhas pernas e quando olho para a frente vejo o meu reino todo contra mim. Pensei para mim:

-O que será que eu fiz?

Fiquei bastante chocado com este sonho!

Bobo: Ok meu rei isso passa-lhe!

28

O sonho de estar perdido

Já era tarde, de noite, o rei Leandro estava com o seu pijama, estava no seu castelo e entretanto tava pronto para ir dormir na sua cama real e adormeceu e durante a noite teve um sonho.

Ele sonhou que estava num barco e de nada o motor estragou-se, então ficou parado no meio do Oceano Atlântico, ele pensou que tinha de comer o que o mar lhe dava, ou seja os peixes.

Ele ficou lá um mês inteiro, nesse mês teve de se alimentar de peixes e de beber a água que lhe restava do barco, que era ainda um bocado.

Durante aquele mês, ele gritava por ajuda e um dia apareceu um barco de pesca que o viu e resgatou-o, ele ficou muito feliz e agradecido.

Infelizmente ficou seis meses com eles porque eles eram na verdade pescadores e tinha de ir pescar.

Quando chegou a manhã ele acordou um pouco assustado, mas pensou para si que só foi um sonho e a sua vida continuou normal e tudo continuou a correr bem e normal.

24

Numa noite de tempestade o Rei do Reino de Heliria teve um passado. Ele sonhou que o Reino de Heliria estava a ser atacado pelos inimigos, o Reino vizinho! Depois de acordar sete vezes chamou o bobo e contou-lhe o que se passava.

-Não se preocupe, é só um sonho da treta - disse o bobo.

-Mas e se for um aviso dos deuses?

-Não seja toto! Tu não sabes o que dizes! Agora vai dormir

-Às suas ordens alteza. - disse o bobo fazendo uma vénia

E lá ficou o Rei sozinho no quarto a pensar no assunto: E se é mesmo um aviso?

Acho que é melhor preparar um exercito.

Então lá fui eu até ao local do exercito e disse:

-Preparem-se todos porque os deuses mandaram-me um aviso a dizer que íamos ser atacados

Ficaram todos com a cara de espanto a olhar para o Rei

-Então!?! Mexem-se - disse o Rei

E lá foi o exercito todo para as torres do castelo

passaram horas e nada, dias e nada e o exercito perguntou. - Magestade, tem acerteza?

-Tenho! Vão para os vossos lugares - mandou o rei

Passaram meses até que chegaram à conclusão que era só um sonho

20

Naquela manhã, ao acordar, o rei fez soar todos os sinos para que todas os seus criados viessem de imediato aos seus aposentos trazer-lhe todos os jarros de água límpida reino, tamanha era a sua sede.

O bobo estranhou toda aquela urgência e foi a correr ao encontro do rei. Ao vê-lo tão desesperado por um simples copo de água, quis saber o que lhe teria acontecido.

Perguntou ao rei o porquê de tanta sede. ao que o rei respondeu:

- Tive um sonho, bobo! Um sonho muito estranho!

O rei contou que, nesse sonho, estava sozinho no reino. Nem rainha, nem princesas, nem criados nem guardas, nem bobos, completamente sozinho.

Sozinho com muita sede. Procurou pelo castelo e nem pinga de água. Desceu às portas dos castelo e , na primeira fonte que encontrou, podia ler-se: " Desta água beberás, e na miséria viverás".

O rei continuou à procura de uma outra fonte. No centro da aldeia, um fontanário chamou a atenção do rei, que correu a fim de matar a sede.

Mas, lá podia ler-se: " Desta água beberei, o em tristeza viverás".

Continuou na busca de água e, junto à muralha, encontra um chafariz onde estava escrito: "

Desta água beberás e em guerra viverás". E, por fim, o rei conta ao bobo que não percebia o porquê de não conseguir matar a sede em nenhuma das fontes do seu reino. Seria um recado dos deuses? Foi, então, a vez do bobo explicar ao seu rei que só dele depende a pureza da água que sai das suas fontes. Por outras palavras que só dele depende e bem-estar, e a paz do seu povo.

16

O sonho do Rei Leandro

Há muitos anos atrás vivia no reino de Helíria um rei cujo nome era Leandro. Ele tinha três filhas com nomes de três flores, a mais velha chamava-se Amarílis, a do meio Hortênsia e a mais nova Violeta.

Era de noite, hora de jantar e o rei já satisfeito com o banquete despediu-se das filhas e dirigiu-se para o quarto para dormir.

Já era ora de acordar no reino e como sempre vinha o bobo acordar e alegrar ainda mais a manhã do rei, nessa manhã o rei estava muito pensativo e com mais uma preocupação, o bobo com era de esperar perguntou ao rei que se passava, e o rei respondeu-lhe que teria tido um sonho horrível e o bobo curioso pediu para ele contar como foi e o rei assim fez contou-lhe o sonho.

O rei contou-lhe que no sonho teria ido de coche com as filhas a um restaurante e quando começou a comer começou a ficar estranho e começou a perder o paladar e lentamente foi perdendo a visão, a audição e o olfato, e que de tal forma que acordou aturduado sem saber muito bem o que tinha sonhado.

12

Onde é que eu estou? Ah! Hortênsia, Amarílis, Violeta estão aí minhas flores! Calma mas elas estão a discutir o que será?

_vocês não sabem o que é o verdadeiro amor! - dizia Violeta.

_Para que serve o amor se posso ser rica! -exclamava Amarílis.

_Minhas flores o que tanto é motivo de briga! -dizia eu sem perceber nadinha de nada.

_A Violeta enciste em dizer que o amor é melhor que ter dinheiro e fortuna! -dizia Hortênsia indignada.

_Meu pai diga-lhes o que é o verdadeiro amor pode ser que elas assim percebam a importância dele...- encistia Violeta.

_Amor...Amor...Amor...é quando as pessoas gostam muito de algo? - dizia eu meio confuso.

_Vez não importa para nada vêla se aprendes que a riqueza é melhor coisa da vida... - diziam Hortênsia e Amarílis.

_estou farta de tudo isto...Acabou se não querem saber do amor sou da vossa tal riqueza eu vou me embora...Desculpe meu pai...- e assim vez Violeta já com o olhar cheio de lágrimas, desapareceu no nevoeiro.

- Minha Violeta não...-dizia eu.

Olhei para trás e tudo tinha desaparecido as minhas filhas, o campo de flores...Derrepente acordei, O que terá acontecido?

4

Era uma vez um rei que tinha tudo, fazia jantares, divertia-se com os amigos, mas tinha um sonho ser (N/c) profissional de xadrez mas não tinha jeito nenhum.

Ele entrou, várias pessoas para o concentrarem e os dez melhores treinadores do mundo

Na primeira aula eles comecaram mostra rei perguntou que peça era aquela parecia um padre.

- Ai meu deus, chama-nos quando souberes os nomes das peças e os seus valores - disse o treinador mais famoso que lá estava. Focam-se embora e o rei ficar lá (n/c) se queria ser jogador tinha que jogar e treinar arduamente.

- Durante um mês ele esteve sempre a treinar sozinho e em, Abril, no mês seguinte houve um torneio para os 50 melhores jogadores e também para os 50 mais famosos.

Chegou o dia do torneio ele estava muito nervoso por isso saiu-se mal mas ele, tinha qualidade, os treinadores ajudaram-no e ele tornou-se o melhor do mundo passado 2 anos.

2

Numa manhã o Rei acorda e apercebe se que o seu povo e o seu castelo estavam muito estranhos.

O Rei pensa:- O que se passa? Porque esta tudo as escuras será que ainda estam todos a dormir? Mas é de admirar o mordomo acorda sempre antes de mim!

Até que aparece o seu melhor mordomo aquele que lhe prepara o melhor lanche limpa o trono pronto enfim.

O mordomo dá lhe a pior noticia - Lamento meu Rei mas o nossa aldeia foi à falência

O Rei desesperado e desmaia com a notícia.

-Rei Rei acorde por favor esta aqui um copo de agua

O povo estava muito frustrado porque já não lhes pagavam à muito tempo.

Por isso estavam a destruir a aldeia toda.

-Oh não a minha aldeia. e agora Mordomo? Disse ele

O Rei e o mordomo ficaram no Castelo até porque lá fora e muito perigoso.

Até que o Rei teve uma ideia

-Sim, sim eu tenho um primo que também é Rei podemos ir até ele!

-Sim boa ideia meu Rei.

-POVO temos uma resposta.

-Podemos ir até à aldeia do meu primo ele também é Rei.

-Povo sigam me vamos sair daqui vamos.

Oh não! Quem destruiu as pontes não vamos conseguir ir sinto muito!!

Até à dor tristeza e destruímento eles lutaram tentaram construir outra ponte até o Rei trabalhou. Mas não deu em nada pois estava tudo destruído.

Por muito triste que seja a aldeia perdeu a sua vida e a sua linda Natureza e desapareceu do mapa.

Fim triste!!

0

Tudo começou quando o rei estava sentado à mesa com a sua mulher e as suas filhas e ouviu um pequeno ruído no seu quarto mas não ligou. passado algum tempo, a rainha também suspeita de ter ouvido qualquer som e foram ver mas não viram nada.

Quando se foram deitar, apareceram 20 pessoas à frente do rei e obrigaram-no a dar-lhes tudo e a sair do palácio apontando lhe uma faca.

Amedrontado, o rei entrega tudo, até a roupa que tinha vestida e vai-se embora do palácio. Quando chega à estrada esta a decorrer uma enorme procissão com todas as pessoas do reino. O rei vê-se nu, com todas as pessoas do reino a apontarem lhe o dedo e a rirem-se às gargalhadas. Os assaltantes levam a coroa, o manto e o cetro e afastam-se dizendo-lhe adeus e rindo-se.

Assustado, o rei acorda com os seus próprios gritos e verifica que está em seu palácio com suas filhas e sua esposa.

Anexo 12: Tabelas dos dados das textualizações 8 (1/24)

TZ_D1 – Definição de “avós” (1/2)

Participante	Adição	Causa	Conclusão	Exemplificar
39				
37	E=2			
35	E=5	Porque=4		
33	E=3			
31	E=3			
29	E=5	Porque=1		
27	E=3 Mas também=2	Porque=1		
25	E=3			
23	E=2			
21	E=2	Pois=1 Porque=1		
19	E=2			
17	E=5	Porque=1		
15	E=4			

13	E=3			
11	E=2		Portanto=1	
9	E=1	Porque=1 Pois=1	Logo=1	Por exemplo=1
7	E=4	Porque=2		
5	E=4			
3	E=3	Porque=1		
1	E=2	Porque=2		

TZ_D1 – Definição de “avós” (2/2)

Participante	Fim	Hipótese	Ligação temporal	Oposição
39				
37	Para=1		Quando=1	
35				Mas=3
33	Para=3	Se=2		Mas=1
31	Para=2			Mas=2
29				Mas=1
27	Para=1			Mas=1
25	Para=1			Mas=1
23				
21	Para=1		Quando=3	
19		Se=2	Quando=2	
17	Para=3			Mas=1
15	Para=2		Quando=4	
13	Para=1		Quando=1	Mas=1
11	Para=1		Quando=3	Mas=2
9	Para=4		Depois=1	Mas=3
7			Quando=1	
5	Para=1	Se=1	Quando=2	
3				
1				Mas=1

TZ_D2 – “Reinvenção 1” (1/2)

Participante	Adição	Causa	Conclusão	Dúvida
39	E=9			
37	E=1		Logo=1	
35	E=11		Logo=1	
33	E=9 Mas também=1			
31	E=8	Pois=1		É possível=1
29	E=10	Porque=1		
27	E=5	Porque=2	Logo=3	
25	E=3			
23	E=5			
21	E=7	Pois=1 Porque=1 Já que=1		
19	E=11	Pois=1	Logo=3	
17	E=13	Pois=3		
15	E=5			
13	E=3			
11	E=10		Logo=1	
9	E=2	Pois=1		
7	E=10			

5	E=6	Pois=1		
3	E=13			
1	E=1	Pois=1		

TZ_D2 – “Reinvenção 1” (2/2)

Participante	Fim	Hipótese	Ligação temporal	Oposição
39	Para=6	Se=1	Quando=2	Mas=1
37	Para=4		Quando=1	
35	Para=3		Quando=2 Depois=3	Mas=3
33	Para=1		Quando=1	Mas=3
31	Para=8	Se=3	Quando=2	Mas=3
29	Para=4		Quando=3 Depois=1	Mas=1
27			Quando=1	Mas=2
25	Para=7	Se=4	Quando=3 Depois=1	Mas=1
23	Para=1		Quando=2	
21	Para=4		Quando=2	
19	Para=1		Quando=2	Mas=3 Porém=1
17	Para=4	Se=1		Mas=3
15	Para=1		Quando=1	Mas=2
13	Para=1	Se=1		Mas=1
11	Para=2	Se=1		
9	Para=5		Depois=1	Mas=3

			Em seguida=1	
7			Depois=1	
5	Para=3		Quando=1	
3	Para=5		Em seguida=1	
1		Se=1	Depois=1	

TZ_D3 – “Reinvenção 2” (1/2)

Participante	Adição	Causa	Conclusão	Dúvida	Fim
39	E=4	Pois=1			Para=4
37					
35					
33					
31	E=1	Porque= 2 Pois=1	Logo =1		Para=2
29					
27	E=8		Logo=2		Para=4
25					
23					
21		Porque= 1			Para=3
19	E=30	Pois =4 Porque= 1	Logo=2	Talvez=1	Para=12
17	E=4				Para= 3
15	E= 13	Porque= 2 Pois= 1			A fim de=1
13	E=3	Porque= 1			Para = 1
11					

9	E=5		Logo=1		Para=1
7	E=5				Para=1
5					
3	E=8				Para=2
1					

TZ_D3 – “Reinvenção 2” (2/2)

Participante	Hipótese	Ligação espacial	Ligação temporal	Oposição	Resumo
39			Quando= 1		
37					
35					
33					
31			Quando =3 Depois =1	Mas =1	
29					
27	Se =1			Mas=3	
25					
23					
21			Quando= 2	Mas=3	
19			Quando=5 Depois=5 Em seguida=1	Mas=4	
17			Quando=4	Mas=3	
15		Naquele lugar =1	Quando= 1	Mas= 1	
13				Mas=3	
11					
9			Quando=2 Depois=1	Mas=1	Por outras palavras=1
7				Mas = 1	

5					
3	Se=1	No meio=1	Em seguida=1		
1					

TX_D1 – Definição de “avós” (1/2)

Participante	Adição	Causa	Exemplificar	Fim
36				
34	E=2			
32	E=3	Porque=1		
30				
28	E=6			Para=1
26	E=1	Porque=1	Por exemplo=1	Para=3
24	E=2	Porque=2		Para=1
22	E=7	Porque=1		
20	E=2			Para=2
18	E=8			Para=1
16				
14	E=2			Para=2
12	E=1	Pois=1		Para=2
10	E=5			Para=1
8	E = 1			
6	E = 1 Mas também = 1 Além disso = 1			
4	E=1			Para=2
2	E=4			
0	E=3			

TX_D1 – Definição de “avós” (2/2)

Participante	Hipótese	Ligação temporal	Oposição	Resumo
36				
34			Mas=3	Resumidamente =1
32		Quando=1		
30	Se=3		Apesar de=1 Nem=1	
28	Se=2		Mas=1	
26	Se=1			
24			Mas=2	
22			Mas=1	
20				
18	Se=2		Mas=6	
16				
14				
12	Se=2		Mas=2	
10	Se=2		Mas=3	
8			Mas=1	
6				
4			Mas=1	
2				

0				
---	--	--	--	--

TX_D2 – “Reinvenção 1” (1/2)

Participante	Adição	Causa	Consequência	Conclusão	Dúvida	Exemplificar
36						
34	E=7					
32	E=5	Porque=2		Concluindo=1		
30	E=11					
28	E=8 Mas também=1	Porque=3		Portanto=1		
26	E=11					
24						
22						
20	E=3					
18	E=13	Porque=4 Pois=1		Portanto=1		
16	E=7 Além disso=1				É possível=1	
14	E=1					
12	E=8		De modo que=1			
10	E=6					

8	E=14	Porque=4 Pois=1				
6	E=3					
4						
2	E=15	Porque=2		Logo=1	É possível= 1	Por exemplo= 1
0	E=20	Já que=1				

TX_D2 – “Reinvenção 1” (2/2)

Participante	Fim	Hipótese	Ligação temporal	Oposição	Resumo
36					
34	Para=4	Se=1	Quando=1	Mas=3	
32	Para=1	Se =2	Quando= 4	Mas=1 Porém=1	Por outras palavras=1
30	Para=2			Mas =4	
28	Para=1	Se=1		No entanto = 1 Mas=2	
26	Para=7	Se=2			
24					
22					
20	Para=1			Mas=2 Porém=1	Em suma=1
18			Quando=1	Mas = 1	
16	Para=2	Supondo que =1	Quando=1		
14	Para=5		Quando=3	Porém = 1	
12	Para=3	Se=6	Quando=1	Porém=1 Mas=1	
10			Quando=1	Mas=2	

8		Se=2	Quando=1 Depois=1	Contudo=1	
6			Quando=1		
4					
2	Para=3		Depois=4 Quando=1	Mas=12	
0	Para=3		Quando=2 Em seguida=1	Mas=3	

TX_D3- "Reinvenção 2" (1/2)

Participante	Adição	Causa	Conclusão	Exemplificar	Fim
36	E=1	Pois=1			Para=1
34	E=7	Porque=1	Logo=1 Concluindo= 1		Para= 2
32	E=14	Porque=1 Pois=1			Para=2
30	E=10		Logo =1		Para=1
28	E=3		Portanto =1		Para=4
26	E=8	Porque=1			Para=4
24	E=3	Porque=1			Para=1
22	E=11			Por exemplo=1	Para=1
20	E=3	Pois=1	Portanto=1		Para=3
18	E=11	Porque=2			Para=3
16	E=14			Por exemplo=1	Para=4
14	E=13		Logo=2		Para=5
12	E=11				Para=1

	Mas também =1				
10	E=4				Para=3
8	E=17				Para=1
6	E=3				
4	E=7 Mas também =2	Porque=1			Para=1
2	E=7	Pois=1			Para=4
0					

TX_D3- "Reinvenção 2" (2/2)

Participante	Hipótese	Ligação temporal	Oposição	Semelhança
36	Se=1	Quando=1		
34	Se=1	Depois=3 Quando=1		
32	Se=1	Quando=1	Mas=3 Contudo=1	
30	Se=1			
28		Depois=2	Mas=1	
26				
24				
22		Depois=1		
20	Se=2	Quando=1	Mas=1	
18			Mas=1	Tal como=1
16	Se=1		Mas=4	
14		Quando=3 Depois=1		
12		Depois=2		
10		Quando=2 Depois=1	Mas=2	
8		Quando=1 Depois=2	Mas=1	

6		Quando=1 Depois=1	Mas=1	
4	Se=2		Mas=2	
2		Depois=1	Porém=1	
0				

TX_D4 - "Reinvenção 3" (1/2)

Participante	Adição	Causa	Consequência	Conclusão	Enfatizar
36					
34	E=12	Porque=1		Logo=1	
32	E=5				
30	E=3			Logo=1	
28	E=12	Porque=1			Na verdade=1
26					
24	E=6	Porque=1			
22					
20	E=6				
18					
16	E=14		De tal forma que=1		
14					
12	E=3				
10					
8					
6					
4	E=7				
2	E=8	Porque=3 Pois=1			
0	E=12				

TX_D4 – “Reinvenção 3” (2/2)

Participante	Fim	Hipótese	Ligação temporal	Oposição	Resumo
36					
34	Para=5	Se=2	Quando=1 Depois=1	Mas=2	
32	Para=3			Mas=1	
30	Para=3		Quando=1		
28	Para=2		Quando=1	Mas=1	
26					
24	Para=3	Se=4	Depois=1	Mas=1	
22					
20	Para que=1				Por outras palavras=1
18					
16	Para=2	Se=1			
14					
12	Para=3	Se=3	Quando=1	Mas=1	
10					
8					
6					
4	Para=3	Se=1	Quando=1	Mas=3	

2				Mas=3	
0			Quando=2	Mas=2	

Anexo 13: Questionário – percepção dos alunos sobre as fases da produção escrita

(1/2)

Produção Escrita: planificação, textualização e revisão

Questionário: percepção dos alunos sobre as fases da produção escrita

Queremos conhecer a tua opinião sobre as tarefas de produção escrita.
Lê cada uma das perguntas e responde, selecionando uma resposta. Não há respostas certas ou erradas. Muito obrigada!

1. Consideras importante o estudo das fases de produção escrita? *

- Sim
- Não
- Talvez
-

2. Consideras que a planificação é essencial para a produção do texto? *

- Sim
- Não
- Talvez

3. Depois de fazeres a planificação e, em seguida, a textualização, consideras o teu texto melhor? *

- Sim
 - Não
 - Talvez
-

4. A revisão do texto escrito é importante para melhorares o texto? *

- Sim
 - Não
 - Talvez
-

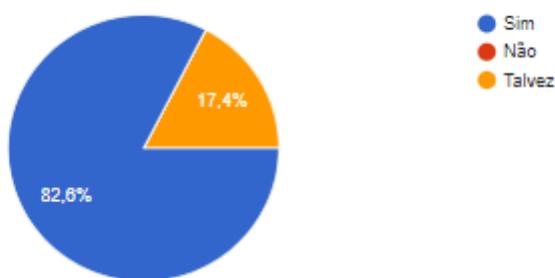
5. Depois da aprendizagem das fases da escrita, passaste a utilizar este método em todos os textos que produzes para a disciplina de Português? *

- Sim
- Não
- Às vezes

Anexo 14: Gráficos resultantes das respostas dadas pelos alunos no questionário - perceção dos alunos sobre as fases da produção escrita (1/2)

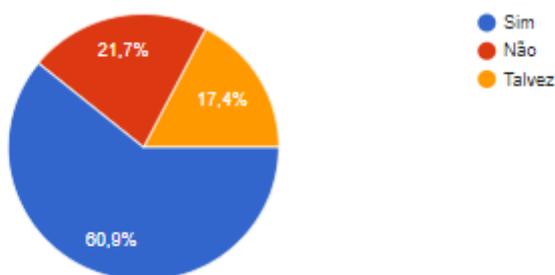
1. Consideras importante o estudo das fases de produção escrita?

23 respostas



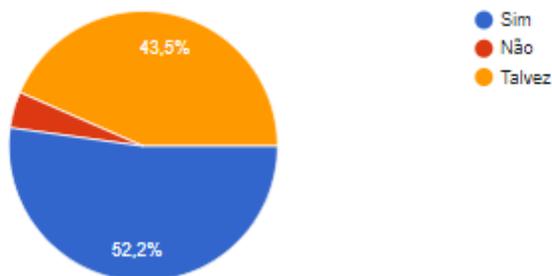
2. Consideras que a planificação é essencial para a produção do texto?

23 respostas



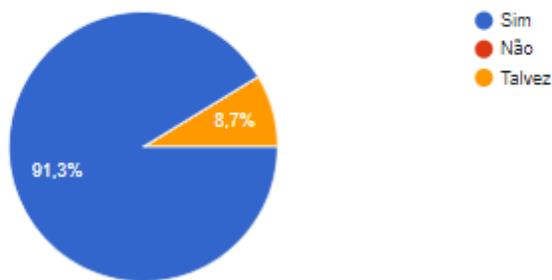
3. Depois de fazeres a planificação e, em seguida, a textualização, consideras o teu texto melhor?

23 respostas



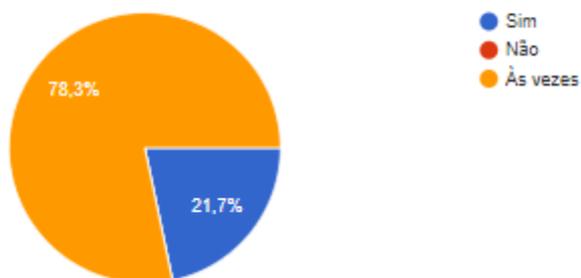
4. A revisão do texto escrito é importante para melhorares o texto?

23 respostas



5. Depois da aprendizagem das fases da escrita, passaste a utilizar este método em todos os textos que produzes para a disciplina de Português?

23 respostas



Declaração de Autoria

Eu, Ana Rita Jorge Martinho, 2013139801nº de estudante, declaro que:

- a) Tomei conhecimento do disposto no Regulamento Disciplinar dos Estudantes da Universidade de Coimbra;
- b) Sou o único autor do Relatório intitulado "2A Escrita e a Narração: Aplicação didática no 7.º Ano", apresentado para obtenção do grau de Mestre para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, pela Universidade de Coimbra.

Declaro ainda que identifiquei de forma clara e citei corretamente trabalhos de outros autores que tenham sido utilizados neste trabalho; no caso de ter utilizado frases retiradas de trabalhos de outros autores, referenciei-as devidamente ou, se as redigi com palavras diferentes, indiquei o original de onde foram adaptadas.

Assim, declaro que não há qualquer plágio (apropriação indevida da obra intelectual de outra pessoa) no documento entregue e que reconheço que tal prática poderia resultar em sanções disciplinares e legais.

Data: 30 de outubro de 2020

Assinatura: *Ana Rita Jorge Martinho*